

INTRODUÇÃO

A presente dissertação incide sobre a **temática** da revitalização dos centros históricos, subjacente à qual, estão aspectos culturais como: a importância da conservação e da reabilitação do património cultural; o desafio dos novos modos de vida e padrões de qualidade; o reconhecimento de que os centros históricos não são ilhas urbanas, mas antes, partes integrantes das cidades e metrópoles em que se inserem e finalmente, a revitalização cultural dos centros históricos como catalisadores da regeneração urbana.

A revitalização dos centros históricos, consequência da desertificação que se tem verificado nas últimas décadas na maioria das cidades portuguesas, passa por diversos elementos estruturantes da ideia de cidade, dos quais a cultura é um dos mais importantes, senão o mais importante, porque ela carrega em si toda a simbologia e referências identitárias que a constituem. Neste sentido, a problemática da importância da cultura no reactivar dos centros históricos está colocada na linha da frente das políticas que terão de ser postas em práticas pelas diversas entidades competentes para o efeito.

Com efeito, nos últimos anos, a vertente cultural, que inclui desde os recursos arquitectónicos e urbanísticos até aos museus e eventos, tem sido o veículo privilegiado para a construção e reconstrução das respectivas marcas distintivas das nossas cidades, posicionando-as num cenário global cada vez mais competitivo. A cultura representa, portanto, um recurso com potencial económico, sobretudo no quadro de uma política de desenvolvimento turístico local (Fortuna, 2002). Face a este cenário, cresce a consciência de que os lugares devem investir na identificação de expressões identitárias singulares, nas quais deverão assentar os atributos essenciais de uma marca destinada a “promover” factores de vantagem competitiva no quadro da concorrência inter-lugares.

O consumismo cultural está numa fase de grande expansão. Nunca tanto como hoje se produziu tantos eventos culturais, nunca tanto como hoje a reminiscência de costumes e tradições ganhou tanta importância. O afã do consumidor cultural obriga a que os produtores e programadores culturais se mantenham atentos às tendências e aos

gostos desses mesmos consumidores, que apesar da divulgação cultural estar fortemente disseminada por vários meios e suportes, a que leva que a cultura esteja acessível em qualquer lado, seja na televisão, nas revistas, na rádio e principalmente na internet, continua-se a notar o gosto pelo consumo cultural extra portas, ou seja, ainda se prefere sair de casa e deslocar-se a uma qualquer sala ou recinto de espectáculos para se assistir a um qualquer evento.

Um centro histórico culturalmente activo, com uma cultura diversificada, acessível a todos os tipos de públicos, uma cultura matricial autêntica e uma construção qualitativa do espaço urbano, com factores de gestão e critérios de qualidade rigorosos, serão por ventura factores determinantes para uma sustentada revitalização.

Foi consultada uma extensa bibliografia que engloba autores clássicos, nomeadamente Françoise Choay e Aloïs Riegl, mas também os que se debruçaram sobre as problemáticas da revitalização dos Centros Históricos nos aspectos culturais, mais recentemente, como Paulo Peixoto e Carlos Fortuna. No entanto, esta temática carece ainda de algum investimento e de mais estudos que se debrucem sobre projectos estruturados e profícuos relativos à promoção cultural ligada à revitalização de centros históricos nesta mesma vertente.

Assim, a revitalização do centro histórico de Chaves, nomeadamente na vertente cultural foi a razão deste estudo. Tentar indagar o porquê da escassa prática de frequência diurna e nocturna no centro histórico, principalmente nas épocas fora do verão, uma vez que o verão, como época de férias por excelência é já por si um factor catalisador para todos os centros históricos de todas as cidades, e ao mesmo tempo arriscar algumas soluções, que possam vir a tornar-se ferramentas úteis, para que quem decide, nas suas intervenções a todos os níveis, possa melhorar estas práticas.

Em termos de **objectivos específicos**, pretendeu-se analisar:

- A opinião dos residentes e turistas que frequentam o Centro Histórico, quanto a aspectos genéricos do mesmo, como sejam, a limpeza, a segurança, a sinalética, etc;

- Qual a avaliação dos inquiridos sobre a programática cultural que existe para o centro histórico;
- Que tipos de eventos os levariam a frequentar assiduamente o centro histórico;
- Saber a opinião sobre a possível refundação do antigo cineteatro;
- O que pensam sobre algumas obras que poderão ter algum impacto na cidade como a Fundação Nadir Afonso;

Temos como questão de partida:

“Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?”, elaborada no pressuposto de analisar e tentar compreender quais os factores culturais que poderiam levar a uma significativa revitalização cultural do Centro Histórico de Chaves.

Este trabalho engloba **três partes** (fundamentação teórica; investigação empírica e definição de estratégias), subdivididas em nove capítulos.

A **primeira parte** expõe a fundamentação teórica deste estudo.

No primeiro capítulo, são apresentados os conceitos base de cidade; centro histórico; património; revitalização; cultura; autenticidade e qualidade. Estes conceitos são fundamentais para o posterior desenvolvimento do trabalho.

No segundo capítulo, é feito o enquadramento da cidade de Chaves, nos aspectos geográficos, patrimoniais e culturais, para assim se ter uma percepção da região em estudo. Seguidamente, no terceiro capítulo, é feita uma pequena súpula da evolução do centro histórico de Chaves, desde a sua primeira criação até praticamente aos dias de hoje.

A **segunda parte** contempla a investigação empírica.

No quarto capítulo, é esmiuçada a metodologia adoptada e formulada a pergunta de partida, *“Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?”*, elaborada no pressuposto de analisar e tentar compreender quais os factores culturais que poderiam levar a uma significativa

revitalização cultural do Centro Histórico de Chaves. Posteriormente, descreveram-se os objectivos deste estudo, a dedução e formulação de hipóteses.

Porque os resultados obtidos, só terão sentido quando aplicados a uma amostra, foi feita a contextualização do estudo, no quinto capítulo, nomeadamente a caracterização da amostra e dedução do seu tamanho, bem como a descrição do método utilizado para a recolha de dados.

No sexto capítulo, fez-se referência ao inquérito, como instrumento de recolha de dados.

Segue-se o sétimo capítulo, onde se apresentam os dados obtidos, na óptica do respondente, bem como é feita a sua análise. São testadas as hipóteses formuladas na metodologia.

No oitavo capítulo é feita a discussão e cruzamento dos dados obtidos pelos inquéritos.

A **terceira parte** complementa o estudo com a formulação de estratégias.

No nono capítulo, foram delineadas algumas estratégias que, como já referido, possam servir de apoio aos órgãos decisores na intervenção cultural no centro histórico, e que sobremaneira permitam atingir o objectivo principal deste estudo que é a efectiva revitalização cultural do centro histórico de Chaves.

Finalmente, procurou-se efectuar uma súmula das principais conclusões resultantes desta pesquisa e responder à pergunta de partida.

Este estudo objectiva assim, a análise de toda a problemática inerente à “desertificação” do Centro Histórico de Chaves, quais as suas fragilidades e fortalezas, numa perspectiva sociocultural, procurando encontrar estratégias que possam inverter ou minorar este impacto negativo que envolve o desenvolvimento cultural da cidade.

Parte I

**FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA**

1. Conceitos fundamentais
2. Situação geográfica, patrimonial e cultural
3. O Centro Histórico desde a sua génese

19

1 | CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A cidade é fruto de um processo histórico, mais extensos nuns casos do que noutros, no entanto, a cidade histórica é aquela em que esse processo se conservou e chegou até aos nossos dias, mais ou menos preservado. Comporta um espaço físico corpóreo no qual se expressa toda a simbologia passada, construída ao longo de séculos, que marcaram e marcam de uma forma bem definida e perfeitamente reconhecível as dinâmicas e relações socioculturais (Fuente, 1999).

Apesar de não falar concretamente em centro histórico, a Carta de Atenas, instituída em 1931, foi aquela que, pela primeira vez, estabeleceu critérios de preservação e revitalização de edifícios antigos. Esta carta realçava a ideia de que os monumentos são um testemunho vivo de tradições, sendo por isso indispensável a sua preservação.

A Carta de Veneza – Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, criada em 1964, alargou e renovou o conceito já abordado na Carta de Atenas, aprofundando ainda mais os seus princípios. Assim sendo, o conceito de monumento histórico deixou de estar somente relacionado com criações arquitectónicas, passando a englobar sítios quer urbanos, quer rurais – desde que estes confinem vestígios de civilizações que, de alguma forma, simbolizem uma fase marcante da história. Esta Carta declara que “os monumentos de um povo, são portadores de uma mensagem do passado, são um testemunho vivo das suas tradições seculares.”¹

20

Na Carta Europeia do Património Arquitectónico (Conselho da Europa, 1975) nasce o conceito de conservação integrada e activa. Os propósitos indispensáveis para a sobrevivência do património e para a obtenção de resultados aceitáveis, são agora a protecção, o restauro e a reanimação dos espaços.

Em 1976, a UNESCO faz apelo de uma recomendação (Recomendação de Nairobi) clarificadora de alguns dos mais elementares conceitos, como o conceito de conjunto histórico e tradicional ou salvaguarda. Pela primeira vez a protecção e o restauro são

¹ A Carta de Veneza data de 1964 e foi elaborada pelo ICOMOS. Esta, veio alargar o conceito de monumento histórico, acrescentado que um monumento histórico era mais que uma construção arquitectónica. Assim define-se como sendo algo que simbolize um momento marcante na história.

acompanhados de actividades de animação para os conjuntos históricos, sendo essencial para isso, a manutenção das funções existentes, no caso o comércio e o artesanato, mas também a criação de outras que pudessem ser factor de maior atractividade dos lugares.

Com o aparecimento da Carta Internacional de Salvaguarda de Cidades Históricas, em 1986 (em Toledo), ratificada em 1987 pela Assembleia-geral do ICOMOS, o enquadramento natural, o construído e os valores culturais ganham forma como documento histórico espelhando valores de civilizações urbanas tradicionais.

De uma primeira etapa, onde se valorizava pouco mais que as singularidades arquitectónicas, passou-se a considerar dimensões múltiplas: históricas, culturais, morfológicas, económicas, sociais, simbólicas, éticas, etc. (Revilla, 2003).

Com o dealbar dos anos 70 do século XX, os centros históricos conhecem novas metodologias de estudo e de trabalho. À medida que o conceito de património cultural, arquitectónico e urbanístico se vai alargando e redefinindo, o interesse e a valorização pela cidade antiga vai-se impondo nos novos modelos urbanísticos (Lamas, 1992). As cidades barrocas e principalmente as cidades do século XIX começam a ser tomadas como modelos de referência (Carvalho, 2003).

Em meados dos anos 80 do século XX, a política cultural começa a ganhar alguma importância como instrumento para a regeneração económica e física. Alguns autores referem-se a este período como a “idade do marketing urbano”. A par disto começa a ganhar terreno uma nova filosofia de planeamento urbano. A reabilitação e a requalificação da “cidade histórica e tradicional” ganham predomínio face às teorias de planeamento que visavam a criação de espaços novos (Peixoto, 2003). A cidade começa a ser reorganizada a partir de si própria e não a partir do nada.

Nos anos 90 o “projecto urbano” começa a ser um dos principais instrumentos de planificação e desenvolvimento das cidades.

A ideia de “vender” a cidade como produto cultural tem gerado inúmeros projectos culturais, que desde que bem planeados serviram para adicionar valor à regeneração e

revitalização da cidade e do seu centro histórico (Tibbot², 2002). As cidades contêm em si uma capacidade de gerar simultaneamente a cultura na forma de arte, ideias, estilos e modos de vida, atraindo ao mesmo tempo grandes níveis de inovação e crescimento económico (Scott³, 2000).

Assim, a revitalização de um centro histórico não se fica apenas pela mera conservação de imóveis, indo mais além, com a conservação das características funcionais (actividades económicas e sociais) e o aumento da capacidade de atracção quer para residentes, quer para os demais (Cunha, 1999).

“Cultura opõe-se a natura ou natureza, isto é, abrange todos aqueles objectos ou operações que a natureza não produz e que lhe são acrescentados pelo espírito” (Saraiva, 2003). A cultura é todas aquelas manifestações lúdicas ou utilitárias, intelectuais e que revelam os afectos caracterizadores dos povos.

Autores há, que atribuem ao termo a formação do homem enquanto ser social, sendo também ela própria o produto dessa formação, e como sub-produtos os seus modos de vida, de ser, de estar e de pensar, aquilo a que se designa por civilização (Abagnano, 2007).

O termo cultura difunde-se a partir dos anos 60 do século XX, principalmente com o grande impulso que lhe é dado pelo então Ministro de Estado dos Assuntos Culturais de França André Malraux, que cria as Casas da Cultura (*Maisons de la Culture*), o que origina a diversificação cultural, e a palavra cultura é utilizada nas mais variadas formas, cultura popular, cultura social, cultura artística, etc.

O conceito de património tem sido expandido e a sua importância acrescida, enquanto espelho cultural e imagem da nossa história e conseqüente desenvolvimento (Costa, 2005). De uma fase inicial em que o património era visto apenas como aquilo que possuía interesse histórico, artístico ou científico, passa-se para uma outra fase em que já são incluídos os conjuntos urbanos e rurais de interesse e significado histórico ou cultural particular. Pode tratar-se de grandes criações, ou apenas modestas obras.

² In GARCIA, 2004.

³ in GARCIA, 2004

Assim, o património, é agora visto não só no que ao monumento diz respeito, mas também naquilo que o conjunto e o lugar representam em termos de valores artísticos, históricos, científicos, arqueológicos e antropológicos.

O conceito de centro histórico tem sofrido alterações à medida que os tempos passam. No entanto, regra geral, é visto como um livro de memórias materiais e imateriais, que possui importantes referências e indicações de identidade dos povos que aí habitam e habitaram ao longo do tempo.

“...a expressão “centro histórico”, mais do que remeter para um objecto ou para um espaço, converte-se em representação de alguma coisa. Essa metalinguagem do património (Lamy, 1996), de que a expressão “centro histórico” faz parte, representa tudo o que nos arriscamos a perder no contexto de uma urbanização galopante, incluindo aquilo que, por vezes, nunca se teve: o espaço público, a qualidade de vida, as referências identitárias, a cidade à escala humana. Em suma, representa as bases de uma cidade culturalmente sustentável” (Peixoto, 2003).

“Os centros históricos devem considerar-se como realidades urbanas vivas e não como mera justaposição de partes ou um simples produto turístico. Assim, cada vez mais, a recuperação funcional dos centros históricos vinculada ao turismo ou à cultura deverá situar-se na busca de novos equilíbrios que, respeitadores dos valores urbanísticos, culturais e funcionais da cidade do passado contribuam para dar resposta aos problemas e necessidades do nosso tempo” (Henriques, 2003).

Os centros históricos são considerados como um dos mais importantes problemas das cidades, sendo necessário mantê-los e revitalizá-los devido aos valores culturais que transportam. Estes testemunhos vivos de épocas passadas são uma expressão da cultura e um dos fundamentos da identidade do grupo social, vector indispensável face aos perigos da homogeneização e despersonalização que caracterizam a civilização urbana contemporânea (Salgueiro, 1992).

O alargamento do conceito de património veio redefinir todo o conceito de valores culturais, aplicando-se-lhe não só o edificado, como também os aspectos sociais e os elementos naturais.

O monumento já não “vive” só.

Uma cidade é um território de usos multifacetados, um conjunto de sinais e símbolos, de poder (político, administrativo, militar ou religioso), e de cultura (monumentos, sinais, marcas, teatros, cinemas, ruas e praças). Sendo um ponto de partida e de chegada a ela confluem diversas vias de comunicação que transportam consigo outras gentes e outras culturas (Fadigas, 1991).

A requalificação urbana permite recuperar espaços perdidos e desaproveitados, através de intervenções integradas multidisciplinares, abarcando múltiplas componentes da vida urbana, recuperar o valor patrimonial da cidade, que se associa à própria noção de urbanidade, à qualidade da cidade enquanto tal (Magalhães, 2000).

A modificação de atitudes decorrente da emergência de novos valores e o incremento da capacidade atractiva das áreas antigas, associado a novos estilos de vida, que ao contrário da ideologia modernista que marcou o êxodo para as áreas circundantes, valorizam a diversidade funcional e social, a participação na vida de bairro e a preservação do ambiente e do património, constituem elementos característicos dos centros históricos.

A organização de grandes eventos e actividades culturais, ruas pedonais, centros comerciais, congressos, museus, festivais, são algumas das estratégias, que cada vez mais, são adoptadas pelas distintas gestões dos espaços citadinos no sentido da inversão da estagnação, ou mesmo desqualificação, de muitos centros históricos. Muitas destas estratégias nem sempre resultam positivamente na captação de novos públicos e na geração de benefícios para esses espaços, tornando-se muitas das vezes projectos ruinosos e descaracterizadores da essência desses mesmos espaços (Peixoto, 2003).

No entanto, cada cidade é um caso diferente dos demais com características únicas e irrepetíveis que a distingue de outras. O potencial da cultura, como elemento que

reforça a identidade local e a diversidade, coincidiu com o papel que o património e a regeneração urbana começaram a ter na projecção das cidades inseridas dentro dos fluxos internacionais.

As cidades não são cenários, são espaços para viver (Fadigas, 1991).

O efeito “donut”, decorrente da era da industrialização moderna que a maioria das cidades viveu e está a viver, tem de ser combatido com políticas e estratégias consentâneas com o sentir e viver das populações residentes nos centros históricos, mas também participadas por todos aqueles que mesmo residentes na periferia, aí fazem grande parte da sua vivência quotidiana. Os centros históricos e o espaço público representam hoje, cada vez mais, um complemento cultural das cidades que os vão transformando em equipamentos culturais.

As novas culturas industriais como a moda e desenho, a arquitectura e paisagem, o património, a história local, a gastronomia, são consequência da expansão de novos sectores como o turismo, desporto, actividades recreativas, artes e sobretudo as novas tecnologias, que jogam um importante papel no desenvolvimento urbano e económico, que mais não é que o reflexo do desempenho da política cultural (Deffner, 2000; Kong, 2000).

A cultura, enquanto elemento caracterizante e estruturante dos povos, pode e deve ser um factor de contribuição decisivo na revitalização destes espaços, concorrendo em larga escala com o fenómeno das práticas urbanísticas e arquitectónicas que objectivam o registo da simbologia modernizadora nos paradigmas urbanos.

Esta simbologia modernizadora deve ser controlada e monitorizada, de maneira a que o espírito, a raiz e a essência do meio urbano não se transformem nem se descaracterizem naquilo a que alguns autores chamam de estetização das paisagens urbanas (Frias e Peixoto, 1999), para tal é necessário que em qualquer política dirigida aos centros históricos concorram factores como a **autenticidade** e a **qualidade**.

A autenticidade, compreendida aqui, como elemento de continuidade de um processo que vai correndo ao longo de séculos, moldando os centros históricos nos seus diversos aspectos estruturantes. A autenticidade deve ser um dos garantes de que os

processos de recuperação e de revitalização dos centros históricos não desvirtuem nem falseiem o carácter e o sentido das vivências e tradições das populações autóctones.

A qualidade obtém-se pela implementação de políticas sociais que promovam o desenvolvimento equitativo e equilibrado das populações residentes mais carenciadas e pela reinserção das funções próprias das zonas urbanas, combatendo de igual forma a banalização e a simulação das práticas culturais tradicionais, levando: a um modelo social de cidade mais justo e a uma vida cultural própria, actual, diversa e vibrante.

A cultura é o determinante que cria e une vínculos de identidade e de comunidade dos cidadãos em relação a espaços públicos, além de dar perceptibilidade à cidade, recuperando os valores que os espaços públicos possuem (Albeit, 2004).

Conjuntamente com todas estas vertentes é necessário estabelecer também como prioridade o reequilíbrio dos distintos sectores da cidade, não descurando as outras zonas periféricas ao centro histórico.

Está em fase de construção uma candidatura a património mundial para o centro histórico de Chaves.

Esta candidatura surge pela necessidade de reorganizar toda a sua política para o centro histórico, nomeadamente a cultural, e dotá-lo de um programa cultural consentâneo com as mais puras tradições e vivências das gentes flavienses, mas ao mesmo tempo não descurando os tempos que correm e torná-lo atractivo a todos aqueles que visitam a cidade, conjugando uma saudável simultaneidade programática com a futura fundação Nadir Afonso, factor que irá, com certeza, despoletar na região um mar de interesses culturais que atrairão muitas gentes de fora.

À semelhança de muitas cidades europeias que disputam entre si o mercado turístico, principalmente o cultural, procurando uma nova afirmação de cidade, com outro tipo de vantagens no âmbito do domínio turístico e comercial, também a cidade de Chaves, e seguindo o modelo repetido por outras cidades, nomeadamente as capitais europeias da cultura, cujos projectos lhes aportaram inúmeros benefícios em todos os sectores, comercial, social e também cultural, espera ver reconhecida

internacionalmente a cidade e o seu património, como reforço da identidade e do desenvolvimento sustentável (Jornal Público, 2008).

O planeamento cultural afigura-se como vital para o enquadramento do desenvolvimento cultural urbano, o qual deve apelar sempre ao envolvimento dos cidadãos, para que desta forma o processo se torne mais democrático e gerador de sentimento de lugar.

A cultura e a dinamização cultural jogam um papel importante na revitalização dos centros históricos, tentando evitar que aquilo que caracteriza a representação da vida quotidiana dos seus habitantes, seja por via da encenação, ou por via do fabrico de cenários dirigidos ao turismo, constitua algo de estranho ao comum dos residentes ou até à própria cidade, tendo estes estilos de vida quotidiana (fabricados) muito pouco a ver com aquilo que é a realidade vivida da cidade (Frias e Peixoto, 2001).

2 | SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, PATRIMONIAL E CULTURAL

2.1. Contextualização geográfica

Integrado na NUT III, Alto Trás-os-Montes e no distrito de Vila Real, o concelho de Chaves, tem uma área territorial de 600,12 km² e uma população de 43.667 habitantes.

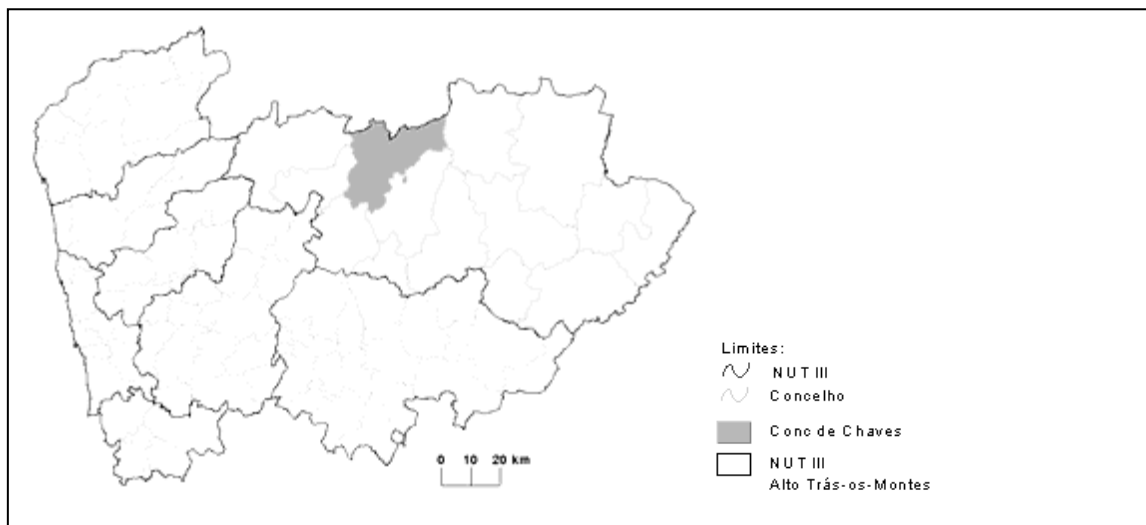


Fig. 1 - Divisão Administrativa (NUT III – Alto Trás-os-Montes – INE)

O concelho de Chaves é constituído por 51 freguesias, apresentando as mais centrais características muito próprias, bastante distintas das freguesias periféricas (com características rurais), subdividindo-se o território em quatro áreas distintas. A área mais consolidada corresponde à área central do concelho, sendo constituída pelas freguesias de Santa Maria Maior e Madalena, encontrando-se envolvida pelas freguesias que constituem a zona de transição/expansão urbana, freguesias rurais e área urbana de Vidago.

A Sul dista 60 km da cidade de Vila Real, a capital de distrito. A Oeste, a cerca de 127 km, situa-se um dos grandes centros urbanos nacionais, a cidade de Braga, e a Este, mais precisamente a 96 km, a cidade de Bragança.

As acessibilidades a Chaves, sinuosas estradas nacionais, sofreram, recentemente, uma autêntica metamorfose, com as novas estruturas rodoviárias. Assim, de Espanha, aqui desemboca a A52. Do Porto, os acessos são pela A3 e A7, enquanto que da região mais interior se chega à velha Aquae Flaviae, pela A24 (desde Viseu, passando por Vila Real).



Fig. 3- Freguesias do concelho de Chaves

2.2. Breve resenha histórica da região flaviense

Os vestígios presentes na região de Chaves, legados da Pré-História, levam a admitir a existência de actividade humana no Paleolítico. São em grande quantidade os achados provenientes do Neolítico, do Calcolítico de Mairós, Pastoria e de S. Lourenço, de entre outros locais, e das civilizações proto-históricas, nomeadamente nos múltiplos castros situados no alto dos montes que envolvem toda a região do Alto Tâmega.

As legiões romanas que, há dois milénios, conquistaram estas terras, instalaram-se essencialmente no vale fértil do Tâmega, exactamente onde hoje se ergue a cidade e, aí construíram fortificações pela periferia, aproveitando alguns dos castros existentes.

Construíram muralhas, protegendo o aglomerado populacional; construíram a majestosa Ponte de Trajano; fomentaram o uso das águas quentes múmero-medicinais, implantando balneários Termais; exploraram minérios, filões auríferos e outros recursos naturais. Tal era a importância desse núcleo urbano, que foi elevado à categoria de Município no ano 79 d.C. quando dominava Tito Flávio Vespasiano, o primeiro César da família Flávia. Daqui advém a antiga designação *Aquæ Flaviæ* da actual cidade de Chaves, bem como o seu gentílico — flaviense.

Calcula-se, pelos vestígios encontrados, que o núcleo e centro cívico da cidade se situavam no alto envolvente da área hoje ocupada pela Igreja Matriz. Ainda hoje lembra a traça romana, com o Fórum, o Capitólio e o Decúmanus, que provavelmente seria a rua Direita. Foi nessa área que foram e ainda são encontrados os mais relevantes vestígios arqueológicos, expostos no Museu da Região Flaviense, como o caso de uma lápide alusiva a um combate de gladiadores.

No entanto, o Museu alberga ainda dois importantes documentos líticos: uma Ara dedicada a Júpiter e uma Estela. Em ambos os documentos se pode atestar a importância de *Aquæ Flaviæ*, elevada à condição de Município.

O auge da dominação romana verificou-se até ao início do século III, aquando da chegada gradual dos vulgarmente apelidados bárbaros. Foram os Suevos (prenderam na sua igreja de *Aquæ Flaviæ* o Bispo Idácio), Visigodos e Alanos, provenientes do

leste europeu, que puseram termo à colonização romana. As guerras entre Remismundo e Frumário, na disputa do direito ao trono, tiveram como consequência a quase total destruição da cidade. A vitória de Frumário e a prisão de Idácio, notável Bispo de Chaves. O domínio bárbaro durou até que os mouros, oriundos do Norte de África, invadiram a região e venceram Rodrigo, o último monarca visigodo, no início do século VIII.

Por volta de 1160, Chaves integra o país, que já era Portugal, com a participação dos lendários Ruy Lopes e Garcia Lopes, tão intimamente ligados à história da terra.

Pela sua situação fronteiriça, Chaves era vulnerável ao ataque de invasores e como medida de protecção D. Dinis (1279-1325) mandou levantar o castelo e as muralhas que ainda hoje dominam grande parte da cidade e a sua periferia.

Cenário de vários episódios bélicos, no século XIX, celebra a 20 de Setembro de 1837, a Convenção de Chaves, após o combate de Ruivães, que pôs termo à revolta Cartista de 1837, ou revolta dos marechais.

Chaves entra também na História de Portugal em pleno século XIX, pois foi pelo seu vale que se deu início à 2ª Invasão francesa, em 10 de Março de 1809, terminando também aqui quando, em 25 de Março do mesmo ano, o General Silveira reocupou o Forte de S. Francisco, expulsando os franceses.

A 8 de Julho de 1912, mais uma vez Chaves escreve uma brilhante página da História pátria, pois aqui se travou um combate entre as forças monárquicas de Paiva Couceiro e as do governo republicano, chefiadas pelo coronel Ribeiro de Carvalho, de que resultou o fim da 2ª incursão monárquica e conseqüentemente, a definitiva implantação da República. Ainda hoje na capital, Lisboa, há uma avenida apelidada de “Avenida de Heróis de Chaves”, como homenagem à bravura evidenciada pelos republicanos nesse episódio. A 12 de Março de 1929, como prémio, Chaves foi elevada à categoria de cidade.

Em 1488 foi impressa em Chaves, uma versão portuguesa do **Sacramental** de Clemente Sánchez de Vercial, considerado o primeiro livro impresso em língua portuguesa, e em 1489, na mesma cidade, foi impresso o Tratado de Confissom.

O Sacramental é uma obra de pastoral redigida por Clemente Sánchez de Vercial em 1423. Teve uma grande expansão na Península Ibérica, quer manuscrita, quer impressa. Conhecendo-se mais de uma dezena de edições entre finais do século XV e meados do século XVI, altura em que foi colocada no Index dos livros proibidos. O Sacramental é um relato pormenorizado da forma de vida do homem medieval em todos os momentos, com temas como a alimentação, as relações familiares e sociais, a relação com o mistério de Deus e o sagrado, o trabalho, o descanso, a saúde, a doença e a sexualidade, tornando-o um documento precioso para o estudo da sociedade medieval.

O **Tratado de Confissom** (1489) é um manual instrutório do clero na tarefa de ministrar o sacramento da penitência aos fiéis cristãos. O Tratado de Confissom, um dos primeiros livros em língua portuguesa, é uma obra de cariz pastoral. Desconhece-se o seu autor, talvez pelo facto de no único exemplar existente na Biblioteca Nacional em Lisboa lhe faltar a página de rosto. O Tratado de Confissom, foi descoberto em 1965 por Pina Martins, que o publicou em edição diplomática em 1973, com um estudo introdutório. Em 2003, José Barbosa Machado publicou uma nova edição e um estudo linguístico, propondo a hipótese de a obra ser uma tradução do castelhano feita entre finais do século XIV e princípios do século XV, contrariando assim a opinião comum de que a obra fora redigida pouco antes da sua impressão.

Desta forma a impressão tipográfica ou mecânica, em língua portuguesa entrava em Portugal por Chaves. Só na década de noventa do século XV seriam impressos livros em Lisboa, no Porto e em Braga.

2.3. Quadro cultural

Os espaços culturais que a cidade dispõe são constituídos por museus (Museu da Região Flaviense, Museu Militar e Museu da Arte Sacra da Região Flaviense); biblioteca, onde se podem ver exemplares bibliófilos raros; espaços ao ar livre para festivais; o centro cultural onde decorrem exposições e concertos, principalmente de Inverno; balneário termal, aonde é possível efectuar uma visita aos equipamentos e fontes termais e o grande espaço cultural de referência por excelência que é o centro histórico onde, como já foi sublinhado, se perpétua e recupera a memória daquilo que foi a malha urbana medieval da cidade de Chaves.

A política cultural da autarquia, virada também para o turismo, assenta predominantemente em dois pilares, uma cultura dinâmica, com a organização de eventos sazonais, e uma política mais estática onde os espaços culturais ganham relevo. Esquematizando cada um dos pilares, temos assim:

Cultura dinâmica, concorrem grandes acontecimentos:

- Feira dos Santos;
- Festas da Cidade (8 de Julho);
- Feira Medieval;
- Bienal de arte;
- Expoflória (feira de exposições de produtos da terra e afins);
- Dia da Árvore;
- Dia da Criança;
- Animação cultural – Concertos;
 - Ranchos folclóricos;
 - Bandas Filarmónicas;
 - Cinema;
 - Teatro;
 - Conferências.

Cultura estática:

- Museus – Região Flaviense – arqueologia (pré-história recente e romanização)
- Museu Militar;
- Arte Sacra;
- Pintura (Mestre Nadir Afonso);
- Biblioteca;
- Auditórios;
- Património Natural, Edificado e Gastronómico;
- Brevemente a Fundação Nadir Afonso (com projecto já aprovado).

A política cultural do município flaviense enquadra-se dentro dos preceitos de sustentabilidade do turismo urbano por uma razão, é que ela é orientada para o cidadão comum, mas também com o duplo objectivo de atingir e deixar participar todos os públicos que visitam esta região.

Com o intuito de proporcionar uma visão alargada e objectiva dos equipamentos e associações culturais que fazem parte da cidade de Chaves, segue uma breve e resumida exposição dos mesmos.

35

Museu da Região Flaviense

O Museu da Região Flaviense insere-se num complexo monumental, dos mais emblemáticos, que compõem o centro histórico da cidade de Chaves - os Paços do Duque de Bragança, honrando desta forma a memória de D. Afonso, filho legítimo de D. João I, que casou com D^a Brites, filha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Trata-se de um edifício muito sóbrio, decorativo e tipologicamente constituído por dois pisos. Originariamente construído para albergue de D. Afonso, 1.^o Duque

D. Afonso, filho ilegítimo de D. João I, casou com D.^a Brites, filha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira e após o matrimónio, escolheu a então Vila de Chaves para

residência. Aí mandou construir, bem perto do castelo, o seu palácio cuja construção terá começado em 1410 e concluída em 1446.

Quando a torre se tornou obsoleta, o edifício anexo passou a assumir o seu papel, sendo ampliado e melhorado.

No início do século XVIII, transformou-se em aquartelamento militar, passando a albergar a guarda principal da praça-forte, quando o Governador das Armas da Província de Trás-os-Montes, o General Francisco da Veiga Cabral, mandou ampliar o edifício e construir a fachada que se volta para a praça. É nesta época que o edifício vai atingir o porte monumental, com um largo portão encimado por trabalhosas e artísticas armas reais em pedra. Manteve a função militar até meados do século XX, altura em que acolhia o Batalhão de Caçadores de Chaves.

Todavia, foi já nos nossos dias que o Museu da Região Flaviense se trasladou para este monumental edifício, honrando, desta forma, a memória de D. Afonso, que aqui viveu parte da sua vida, homem culto, muito viajado e um fervoroso entusiasta das artes e das letras.

O actual espaço museológico é composto pela sala principal, onde está exposta a colecção permanente, pela sala de exposição de pintura, dedicada ao Mestre Nadir Afonso, pelos gabinetes administrativos e pela sala de trabalhos arqueológicos.

A exposição permanente do Museu da Região Flaviense é composta pelos seguintes elementos:

- Metalurgia pré-romana
- Estátuas-Estela da Idade do Bronze
- Pré-história recente
- Da Pré-história recente à Proto-história
- Padrão dos Povos
- Aquae Flaviae, Cidade e Território

- Epigrafia Votiva, Honorífica e Funerária
- Marcos Miliários e de Divisão Territorial
- O fim do domínio Romano segundo Idácio



Museu de Arte Sacra de Chaves

Desde o dia 18 de Setembro de 2006, a cidade de Chaves conta com mais um museu. Além dos museus de arqueologia e militar, o centro histórico tem agora ao dispor um espaço que acolheu a arte sacra da região flaviense.

Com a criação deste museu, localizado num edifício anexo à Igreja Matriz, a Câmara Municipal quis recuperar, preservar e valorizar aspectos fundamentais do património religioso do concelho, que anteriormente não estavam disponíveis aos visitantes, e ainda melhorar a oferta museológica e cultural da cidade.

O espaço do museu é composto por dois núcleos: o corpo A, situado na lateral da Igreja Matriz e corpo principal da exposição permanente de arte sacra. Entre o acervo visível na exposição permanente pode-se apreciar estatuária religiosa, ex-votos, paramentaria religiosa, assim como diversos elementos de alfaias litúrgicas.

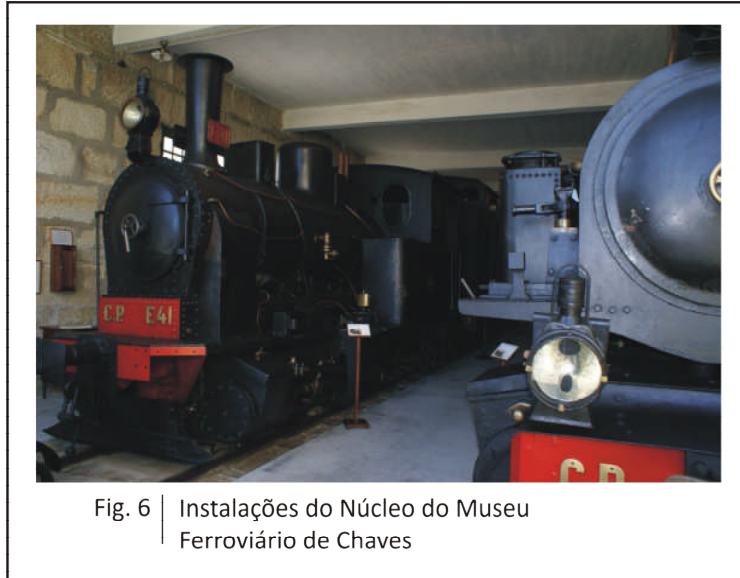
E um corpo B, situado na parte traseira da Igreja Matriz e que serve de apoio ao corpo A, encontrando-se aí os serviços técnicos e administrativos do museu, podendo ainda comportar pequenas exposições temporárias, permitindo, assim, a rotatividade do muito espólio que Chaves possui. A lateral do edifício da igreja, junto à actual sacristia, também foi reformada.



Museu Ferroviário de Chaves

O Museu Ferroviário de Chaves fica situado no centro da cidade, mais propriamente no antigo espaço ferroviário, ocupando as instalações da antiga cocheira daquela estação, terminus da Linha do Corgo.

No edifício da ex-estação passou a funcionar o Centro Cultural e o ex-cais de mercadorias tornou-se numa Galeria de Exposições. No Museu Ferroviário pode apreciar-se diverso material, especialmente dos Caminhos de Ferro do Estado - Direcção do Minho e Douro.



Balneário Termal Romano

A Câmara Municipal de Chaves candidatou a património nacional as descobertas arqueológicas do Arrabalde. Em causa estão vestígios do mais bem conservado balneário termal da Península Ibérica. O local está a ser musealizado.

Independentemente da classificação, a Câmara vai transformar o local num museu. O projecto, elaborado por um gabinete de arquitectura de Vila Nova de Gaia, já está concluído encontrando-se em fase de execução. O museu terá uma cave visitável, no entanto a praça ficará na mesma pedonal. Ao andar na praça, “em cima do museu”, as pessoas poderão ver, sob os seus pés, os vestígios do balneário termal, graças ao recurso de materiais que o permitem.

Chaves deve muito às suas águas. O rio Tâmega que banha a cidade e parte do seu concelho, as águas termais quentes – um dos motivos da importância e apogeu da Aquae Flaviae romana, têm sido imagem de marca. Contemporaneamente, com a crescente utilização das águas termais, as caldas de Chaves são a segunda maior do país, frequentada por cerca de 7.000 aquistas todos os anos.

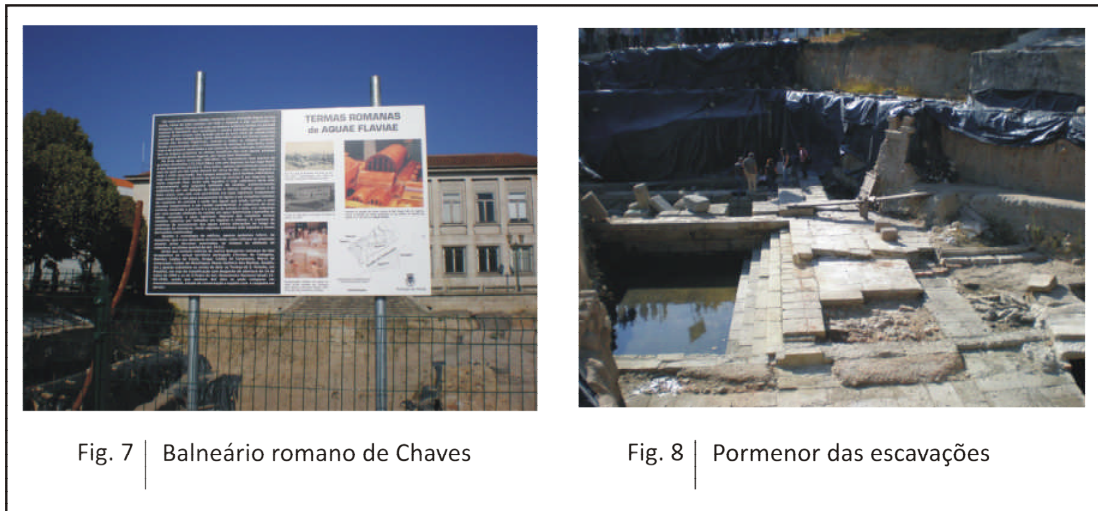


Fig. 7 | Balneário romano de Chaves

Fig. 8 | Pormenor das escavações

Fundação Nadir Afonso

A obra resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Chaves e a Fundação Nadir Afonso, entidades que apresentaram uma candidatura ao Eixo IX do QREN, e a qual já foi aprovada, estando previsto que a construção do edifício arranque ainda no corrente ano.

40

A sede da fundação, que acolherá o espólio do artista, ficará localizada junto ao centro histórico de Chaves, ajudando à requalificação da frente ribeirinha do Tâmega.

O arquitecto Álvaro Siza Vieira projectou o edifício da sede da Fundação Nadir Afonso, a construir em Chaves, sem conhecer o artista e sem se preocupar em reflectir a sua obra, uma maneira de garantir "neutralidade".

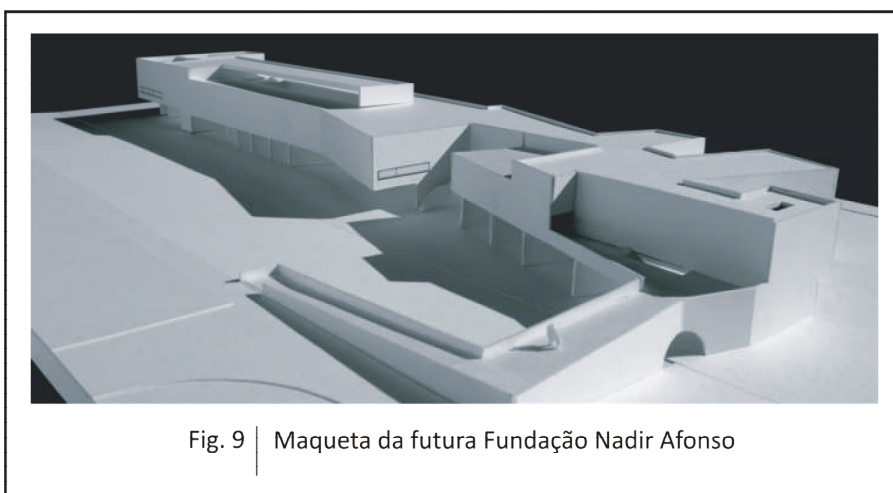
Classificando o edifício de obra expositiva contemporânea, o arquitecto português de maior prestígio nacional e internacional defende que *"um projecto deste tipo deve ser pensado com grande neutralidade"*, primando por *"salas grandes mas também salas pequenas"*.

Entre os espaços que compõem o edifício da fundação, que deve abrir ao público no segundo semestre de 2011, destacam-se um auditório com capacidade para 100

peçoas, salas de exposições temporárias e permanentes, arquivo, biblioteca, cafetaria, loja e o atelier do Mestre Nadir Afonso.

O edifício acolherá o espólio do artista e, segundo os promotores, contribuirá para dinamizar a vida cultural da cidade fronteiriça, organizando exposições temporárias e permanentes.

A fundação vai também instituir o prémio Nadir Afonso para trabalhos de investigação na área da produção artística e científica.



Biblioteca Municipal de Chaves

A Biblioteca Municipal de Chaves, disponibiliza no seu acervo, desde a simples pesquisa de informação, ao estudo infantil, básico e académico, literário e histórico local, bem como conteúdos de base científica, dispondo de salas de estudo e leitura, nos mais diversos sectores do conhecimento.

Na biblioteca o recurso às novas tecnologias permite a consulta rápida do livro ao CD-Rom, do DVD aos mais diferentes campos de interesse, com pesquisa apoiada por meios informáticos, e utilização dos computadores de forma gratuita.

A Biblioteca está dividida em secções. Na área reservada aos adultos, além de um espaço para leitura de periódicos, em confortáveis cadeirões de couro preto, existe um espaço para visionar filmes, ouvir música, executar trabalhos em computador, que em breve poderão também ser impressos, acesso à Internet e ainda um espaço destinado à leitura propriamente dita. O piso superior, é dedicado à secção infanto-juvenil, onde além de terem acesso a livros próprios para a sua idade, os mais pequenos podem assistir a filmes e à dramatização de contos.

Os dois pisos inferiores à recepção, são destinados aos serviços técnicos e ainda ao depósito do espólio literário. É também ali que estão os livros mais antigos, alguns dos quais manuscritos. Para evitar a sua degradação, este tipo de compêndio é ali mesmo consultado. A sala de restauro artesanal dos livros que se vão danificando com o manuseamento também é nesta secção.



Arquivo Municipal

O Arquivo Municipal é um investimento que a Autarquia considera fundamental para o desenvolvimento do projecto cultural da cidade e da região, apoiado pelo “Programa de Apoio à Rede de Arquivos Municipais”, da responsabilidade do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

O Arquivo Municipal fica instalado num edifício já existente, com cerca de 552m², localizado no centro histórico (Rua Bispo Idácio) e alberga o arquivo digital do Município, bem como um vasto acervo histórico. Depois de recuperado, este edifício, com dois pisos, conta com compartimentos destinados a recepção, exposições, salas de leitura e consulta, gabinetes técnicos e respectivas áreas de apoio. Os depósitos e respectivas áreas de apoio ficam localizados numa unidade a construir no logradouro, também com dois andares.



Fig. 11 | Arquivo Municipal de Chaves

De salientar que, no âmbito da cultura, o Município de Chaves tem vindo a realizar investimentos significativos na construção de vários equipamentos, na reabilitação de património arquitectónico e arqueológico e na realização de acções imateriais.

O associativismo também se encontra presente dentro do perímetro do centro histórico de Chaves encontrando-se aí sediadas algumas das mais antigas associações culturais e recreativas da cidade, como a banda musical “Os Pardais”; “O Grupo Coral de Chaves”; “Grupo Cultural Aquae Flaviae”; “Teatro Experimental Flaviense – TEF”; “Rotary Club de Chaves” e a “Associação de Artista Tamagani”.

A Banda Municipal “Os Pardais”

A Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” existe desde o ano de 1925, tendo celebrado já o seu 84º aniversário, muito embora a escritura pública de constituição da associação remonte somente a 15 de Julho de 1985.

Desde a sua fundação até à presente data, a Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” esteve ininterruptamente em actividade, constituindo uma referência em termos musicais no concelho de Chaves.

Entre a década de 20 do século passado até ao ano de 1966, a cidade de Chaves contou com a existência de duas bandas filarmónicas, os Canários e os Pardais, tendo, a partir daquele ano, com a cessação de actividade dos Canários, a Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” passado a deter a representação exclusiva da cidade no panorama filarmónico da região.

Actualmente, a Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” conta com cerca de 500 associados e 35 executantes. O ensino gracioso da música a todos os jovens do concelho, a partir dos 11 anos de idade, é ministrado na Banda Municipal por dois professores, sendo que, presentemente, 30 jovens beneficiam desta aprendizagem.

A Banda Municipal estabelece anualmente parcerias com a Câmara Municipal de Chaves e com a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, onde se localiza a sua sede, no âmbito da qual são realizados vários concertos musicais ao longo do ano. Participa, ainda, em festas, arraiais populares, em procissões e romarias religiosas em toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Recuperar tradições culturais e religiosas, inactivas desde há décadas, como as festividades em Honra de N.ª. Senhora das Graças e da Comunidade Flaviense, que envolveram, nos últimos três anos, todas as paróquias do concelho, com os seus santos padroeiros, e mais de 15.000 pessoas, e as Cerimónias da Semana Santa, projectadas para o corrente ano, em parceria com outras colectividades do concelho, designadamente a Procissão do Encontro, tem sido um dos apanágios da Banda Municipal. A Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” é associada de diversas

entidades: INATEL, Federação Transmontano-Duriense de Bandas Filarmónicas e Associação Promotora para o Ensino e Divulgação das Artes e Ofícios da Região Flaviense “Chaves Viva”.

Como projectos futuros, a Banda Municipal Flaviense “Os Pardais” pretende implementar nesta região do Alto Tâmega e Barroso a criação, através da sua escola de música, de uma orquestra sinfónica juvenil.

Por deliberação, tomada por unanimidade, pela Câmara Municipal de Chaves, em 30 de Junho de 1944, foi-lhe atribuído o direito ao uso exclusivo do título de Banda Municipal Flaviense.



Fig. 12 | Banda Municipal Flaviense “ Os Pardais”

O Grupo Cultural Aqueae Flaviae

Grupo fundado em Abril de 1986, edita com regularidade uma revista semestral desde 1989. Tem por objectivo ser um pólo dinamizador e difusor da cultura flaviense. Participa e é organizador de inúmeros colóquios e debates sobre a história local, bem como fomenta a procura da história por novos investigadores, dando-lhes a oportunidade de publicarem os seus trabalhos na sua revista. Revistas que vão versando os mais variados temas da história, não fosse um dos seus fundadores Júlio Montalvão Machado, ilustríssimo membro da Academia Portuguesa de História.



Rotary Club de Chaves⁴

Rotary international é uma organização dedicada à prestação de serviços humanitários e promoção da boa vontade e paz mundial. É uma grande organização, que congrega actualmente 1,2 milhões de líderes profissionais e empresários em mais de 165 países.

O Rotary Club de Chaves conta com catorze anos de existência na cidade de Chaves. Ao longo deste tempo muitas foram as acções em prol da comunidade, destacando-se a atribuição de prémios rotários de mérito empresarial e escolar, a criação de clubes de jovens Interact, Rotaract, e Rotakids, e claro está, a Universidade Sénior de Rotary de Chaves que, sempre foi, e continua a ser, um projecto de referência no panorama rotário português.



TAMAGANI – Associação de Artistas Plásticos do Alto Tâmega e Val de Monterrei⁵

A “Tamagani”, promove, divulga e valorizar os interesses colectivos, profissionais e culturais dos Artistas Plásticos do Alto Tâmega e Val de Monterrei.

Os principais objectivos desta associação são:

- Ter manifestações de consciência sobre estética plástica/urbana, das regiões em que se insere;
- Criar ateliers que visem a formação dos seus associados e da população em geral;
- Estabelecer relações com as administrações políticas e sociais, com vista a codefinir políticas culturais;

⁴ <http://www.rotarychaves.pt/index.html>

⁵ http://www.tamagani.pt/01_apre_2.htm

- Estabelecer protocolos de colaboração com instituições culturais públicas e privadas, para a realização de projectos como: Bienais de Arte, exposições periódicas ou pontuais, conferências, colóquios, vendas de obras de arte, etc.;
- Reivindicar dos Municípios uma percentagem dos orçamentos municipais, para aplicação no apoio e promoção das Artes Plásticas.

Grupo Coral de Chaves⁶

O Coral de Chaves foi fundado em Outubro de 1992, colmatando um vazio que então existia na cidade de Chaves e no Concelho.

Tendo como principal objectivo a divulgação da música polifónica, a sua acção tem-se feito sentir através de um vasto reportório de música sacra, litúrgica e profana, englobando peças compostas em distintos períodos da história da música – desde o Renascimento até à actualidade.

Teve a sua estreia oficial em Dezembro de 1992 e, desde então, tem mantido uma presença regular em Encontros de Coros, tanto em Portugal como em Espanha, e respondido, sempre que possível, às solicitações de entidades e organismos públicos e privados. Destaca-se, entre outras, a presença na Expo/98, integrando o programa da Santa Sé, em representação do Distrito de Vila Real.

O Coral de Chaves é constituído por 30 elementos, sendo dirigido, desde a sua fundação, pelo Padre Fernando Silva Matos, cuja formação musical se desenvolveu, sobretudo, no Seminário Maior do Porto e no Instituto Católico de Paris.

⁶ <http://chaves.blogs.sapo.pt/97197.html>



Fig. 13 | Grupo Coral de Chaves

3 | O CENTRO HISTÓRICO DE CHAVES DESDE A SUA GÉNESE

A cidade de Chaves pode ser entendida a partir de três momentos principais: a vila medieval e o seu substrato romano; a praça-forte e as expansões dos últimos dois séculos XIX e XX.

O casco de génese medieval reconhece-se na malha densa e regular de quarteirões estreitos e alongados, característicos das povoações fundadas e/ou reorganizadas no âmbito da estratégia territorial e militar, levada a cabo por D. Dinis e D. Afonso IV, e que habitualmente se remetem aos modelos mais divulgados das Bastides – praças-fortes medievais de fundação caracterizadas pela sua cintura amuralhada e a sua estrutura regular ortogonal hierarquizadas a partir de dois eixos ortogonais principais. Neste caso particular, a reorganização absorveu o *cardus* e *decumanus* da implantação romana, constituindo-se o último em eixo fundamental – Rua Direita –, ligando a porta da vila às Portas do Anjo, enquadrado por outros eixos paralelos e atravessado por um conjunto de ruas transversais que se articulavam com as outras portas e postigos da muralha. Para além destes elementos, o tecido medieval era também organizado e hierarquizado pelos edifícios que albergavam as instituições do poder medieval – o paço, a igreja matriz, a câmara, a cadeia, a torre de menagem, etc. O papel administrativo, a dinâmica económica e a sua importância como ponto de passagem contribuíram para o desenvolvimento de pequenos núcleos fora da cintura amuralhada – no Arrabalde e na Madalena –, assim como, para a implantação de algumas ermidas e conventos.

Com as lutas da independência, a vila medieval – sujeita a um período de crescimento até à época manuelina e de declínio durante o domínio espanhol – sofre profundas alterações funcionais devido à sua integração no perímetro defensivo das fortificações de fronteira. É então transformada numa praça-forte, sendo envolvida por sistemas defensivos modernos (séculos XVII e XVIII), desenhados por engenheiros militares, que se sobrepõem parcialmente à muralha medieval e lhe ampliam o perímetro até ao Forte de S. Francisco. Sistema de que ainda participa o Forte de S. Neutel, exterior à área-plano. Em termos urbanos e para além da consolidação do núcleo medieval, estruturam-se novos eixos, dos quais se destaca o que articula as novas portas da

muralha e serve toda a área de nova ocupação – a Rua de Santo António. Para além desta, outro dos aspectos mais importantes da nova realidade urbanística foi a inclusão do núcleo da Madalena no novo perímetro urbano, o mesmo acontecendo com os mosteiros até aqui exteriores ao limite medieval – o da Conceição e o de S. Francisco. Os espaços com importância cívica reafirmam-se com recurso à readaptação e/ou inclusão de novas funções.

Finalmente, as alterações dos últimos dois séculos traduziram-se pela constante expansão e conseqüente destruição do limite definido pelas fortificações da época moderna, potenciado pelas estratégias regeneradoras do século XIX, nomeadamente as transformações a que foi sujeito o sistema de acessibilidades e transportes – reajustamento ao novo sistema viário nacional e regional e introdução do caminho-de-ferro – e a introdução de novos equipamentos – teatros, jardins públicos, etc.

Paralelamente, continuam as acções de substituição e transformação de edifícios do tecido tradicional – como por exemplo os novos paços de concelho que se implantam sobre o tecido medieval, a reconstrução e modernização impostas pelas destruições provocadas pelas invasões francesas. Tendências continuadas já neste século e que preservam a Rua Direita como eixo de suporte urbano, a consolidação da Rua de Santo António e a constituição de novos espaços públicos de função social para lá do tradicional centro cívico – o Largo do Arrabalde e o Largo das Freiras. O primeiro, pela sua localização, espaço de confluência da estrutura radial – Rua Direita, Rua de Santo António, Rua do Olival, Rua das Longras, etc. - que agora caracteriza a estrutura urbana da área Plano, e pelas funções que continuamente foi admitindo, transformou-se num dos espaços públicos mais importantes da cidade (Dordio, 2008).

Outras intervenções foram entretanto executadas no tecido urbano, principalmente ao abrigo do denominado Programa Polis. O Programa Polis de Chaves tinha como objectivos principais: reequilibrar o espaço urbano entre as duas margens do rio, fomentando assim, as correlações económicas e funcionais; o reforço da centralidade da zona histórica e a consolidação da envolvente urbana, na tentativa de solidificar o tecido urbano mais recente com o casco antigo, e, por último, garantir a salvaguarda

do património existente, deixando espaço ao aparecimento de novos elementos urbanos, ligados às novas práticas sociais e culturais.

O principal objectivo estratégico deste programa, era a requalificação e revitalização do CH de Chaves, através da implantação de equipamentos de cultura, recreio e lazer e a criação de zonas verdes em todas as áreas de intervenção do projecto. (Programa Polis, 2002).

Do programa foram concluídos os corredores pedonais nas margens do rio, requalificados os fortes setecentistas e reabilitadas as ruas do interior do CH. A intervenção feita não foi suficientemente abrangente no que a revitalização cultural diz respeito, pelo que uma intervenção cultural de fundo no CH de Chaves deve ainda ser uma das metas prioritárias para este espaço.



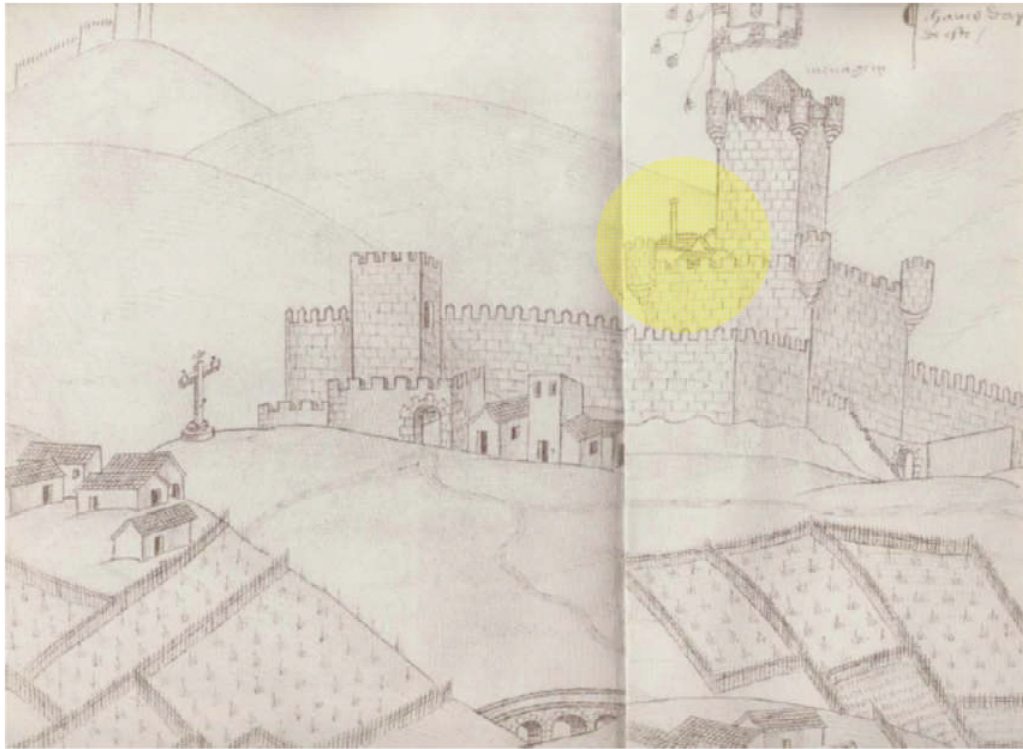


Fig. 15 | Numa das vistas de Duarte D'Armas observa-se no interior do castelo umas casas altas com uma chaminé, que corresponderão aos paços de D. Afonso e seus descendentes, edificados sobre os anteriores paços do alcaide.

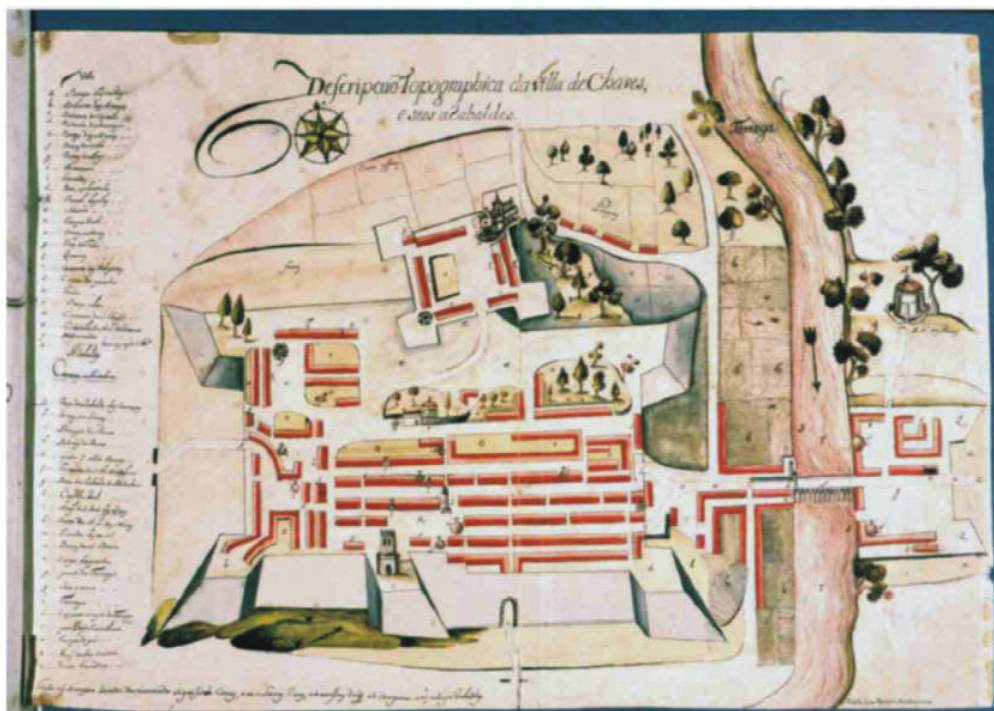


Fig. 16 | A representação cartográfica mais antiga que inclui a totalidade do espaço urbano de Chaves data de 1758 e é a Descrição Topographica da villa de Chaves e seus arrabaldes que faz parte das Memorias Paroquiais ou Diccionario Geographico

Parte II

**INVESTIGAÇÃO
EMPÍRICA**

- 4. Metodologia
- 5. Contextualização do estudo
- 6. Instrumento de pesquisa
- 7. Apresentação e análise dos resultados
- 8. Discussão dos resultados

4 | METODOLOGIA

4.1. Opções metodológicas

Relativamente à técnica de amostragem, optou-se por uma amostragem não probabilística por conveniência (Daniel & Gates, 2005).

As razões desta opção, prenderam-se com a dificuldade em identificar todos os elementos pertencentes à população alvo (condição necessária para se partir para uma amostragem probabilística), com os escassos meios financeiros disponíveis e com as limitações temporais para a realização deste estudo.

Por outro lado, o facto da recolha de dados ser feita sobre uma amostra não probabilística por conveniência não invalida os objectivos inicialmente estabelecidos para esta dissertação, uma vez que a aplicação do questionário, teve por finalidade efectuar uma pesquisa exploratória sobre a opinião de um grupo de pessoas (amostra).

4.2. A pergunta de partida

A pergunta de partida deste estudo, ***Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?***, foi elaborada no pressuposto de analisar e tentar compreender quais os factores culturais que poderiam levar a uma significativa revitalização do centro histórico de Chaves.

Para se chegar à mesma, começou-se com uma pergunta inicial simples (como revitalizar o centro histórico a partir do factor cultura?) formulada diante de um pequeno grupo de pessoas, que depois foi convidado a explicar como compreendeu a pergunta. Após algumas reformulações, considerou-se que a mesma seria precisa e objectiva quando as interpretações foram todas convergentes e de acordo com os objectivos do estudo.

4.3. Objectivos do estudo

Este estudo tem por objectivo a análise de toda a problemática inerente à desertificação do centro histórico de Chaves, quais as suas fragilidades e fortalezas, numa perspectiva sociocultural, procurando encontrar estratégias que possam inverter ou minorar este impacto negativo que envolve o desenvolvimento cultural da cidade.

Em termos de **objectivos específicos**, pretendeu-se analisar:

- A opinião dos residentes e turistas que frequentam o Centro Histórico, quanto a aspectos genéricos do mesmo, como sejam, a limpeza, a segurança, a sinalética, etc;
- Qual a avaliação dos inquiridos sobre a programática cultural que existe para o centro histórico;
- Que tipos de eventos os levariam a frequentar assiduamente o centro histórico;
- Saber a opinião sobre a possível refundação do antigo cineteatro.
- O que pensam sobre algumas obras que poderão ter algum impacto na cidade como a Fundação Nadir Afonso;

4.4. Hipóteses

Hipótese 1 – A revitalização do Centro Histórico de Chaves passa por um planeamento criterioso e por uma eficaz promoção cultural.

Hipótese 2 – A revitalização do Centro Histórico de Chaves não passa por um planeamento criterioso e por uma eficaz promoção cultural.

5 | CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

5.1. Caracterização da população e amostra

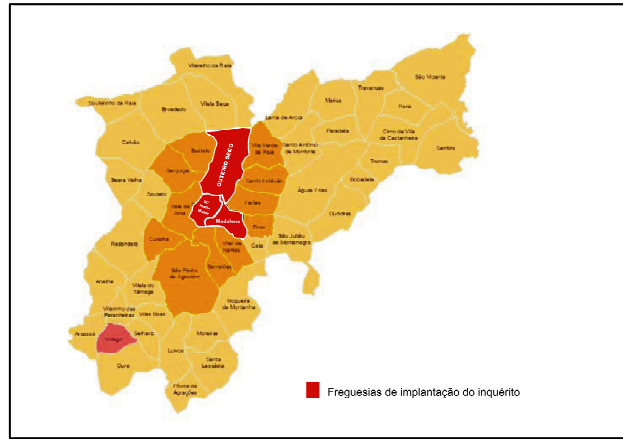


Fig. 17 – Destaque das freguesias de implantação do inquérito

A população alvo deste estudo foram os habitantes residentes nas freguesias de Outeiro Seco, Santa Maria Maior, Madalena de Chaves, e eventuais visitantes e/ou turistas.

De acordo com os dados retirados da página oficial do Município de Chaves (www.chaves.pt) existiam em Chaves nas freguesias de Outeiro Seco, Santa Maria Maior e Madalena um total de 10981 eleitores com mais de 30 anos, dos quais cerca de 18%, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), os censos de 2001, seria detentora do ensino básico completo (9º ano). O que totaliza 1977 habitantes - população alvo.

Assim, para este estudo, a amostra englobaria elementos com idade igual ou superior a 30 anos e com pelo menos o 9º ano de escolaridade. Seria de ambos os sexos, e residentes nas freguesias urbanas da cidade. Também foram considerados eventuais turistas/visitantes, que durante o período de aplicação do questionário, estivessem a frequentar as termas e/ou a visitar os Museus da Região Flaviense.

A selecção da amostra resultou da necessidade dos respondentes terem um conhecimento mínimo do centro histórico da cidade e maturidade suficiente para identificar restrições e aspectos positivos no referido centro.

5.2. Tamanho da amostra

Para se obter um valor de referência sobre qual deveria ser o tamanho da amostra, procedeu-se à determinação do mesmo, como se se tratasse de uma amostragem probabilística.

Desta forma, considerando (SPSS – Syntax Files):

n (dimensão da amostra) = desconhecida

N (dimensão do universo) = 1977

P (proporção dos que possuem o atributo) = 50%

q (proporção dos que não possuem o atributo) = 50%

e (margem de erro) = 7% (Confiança de 93%)

Z (intervalo de confiança) = 1,8 (ver anexo 3)

E aplicando a fórmula:

$$n = \frac{(z^2 * q * p * N)}{(z^2 * q * p) + (N - 1 * e^2)}$$

Obtemos uma amostra com **153** elementos. Este valor representa cerca de **8%** da população alvo. De salientar que não foram contabilizados turistas ou residentes na dimensão do universo, pela simples razão de ser impraticável a sua determinação.

Perante este resultado, considerou-se que, para se obter alguma representatividade, seria necessário um mínimo de **8% da população alvo** (Universo). Para suprir situações de não resposta aplicou-se um total de 164 questionários.

5.3. Recolha de dados

A aplicação dos questionários efectuou-se ao longo dos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho de 2010, garantindo-se desta forma uma maior diversidade de respondentes bem como a eventual presença de turistas.

Os locais de aplicação do questionário foram diversificados, museus, termas, cafés e escolas, e seleccionados de acordo com o perfil pretendido dos respondentes, sendo aleatória a escolha dos indivíduos dentro de cada local. Foi requerida autorização, junto da entidade responsável respectiva, para a aplicação do questionário.

O questionário, anónimo, foi entregue através de intermediários nos locais seleccionados ou por correio electrónico. O seu preenchimento foi efectuado no momento que mais convinha ao respondente, que posteriormente o devolvia no local onde o obteve ou por reencaminhamento em formato electrónico.

6 | INSTRUMENTO DE PESQUISA

6.1. Descrição do inquérito

Dada a natureza do estudo e traçados os objectivos, determinou-se que a recolha de informação seria efectuada através de um inquérito por questionário.

58

O questionário foi cuidadosamente construído de forma a encontrar resposta à pergunta de partida - *Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?*. Procurou-se que o seu preenchimento fosse o mais simples possível, sem nos desviarmos dos objectivos delineados, e com um arranjo gráfico agradável (ver anexo 1).

A validação do questionário foi testada através da aplicação, de uma primeira versão do mesmo, a um grupo piloto com idades e habilitações académicas diversificadas. As dúvidas foram registadas e corrigidas. Após esta fase, passou-se a aplicação da versão final do questionário junto da amostra de estudo (Ferreira, n/d.).

Uma vez que a população alvo também se poderia enquadrar na categoria turista/visitante, o questionário foi elaborado em Inglês e Francês, línguas estrangeiras de maior destaque na região (ver anexo 1).

Estruturalmente, o questionário divide-se em quatro blocos temáticos:

1 - Caracterização do respondente – questão 1 (1.1. à 1.5.)

Estas questões tiveram por objectivo permitir a caracterização do respondente, sem quebrar o anonimato, nomeadamente no que diz respeito à faixa etária, ao género, às habilitações académicas e residência.

Considerou-se pertinente o desdobramento do respondente em residente dentro ou fora do CH, uma vez que o inquirido residente dentro do CH tem à partida uma vivência mais directa e frequente.

2 - Aspectos gerais do centro histórico – questão 2 (2.1. à 2.7.)

Com este bloco de questões, pretendeu-se obter uma visão global e generalizada do CH, nomeadamente no que diz respeito à limpeza/manutenção; sinalização, identificação dos monumentos/equipamentos; segurança à noite; mobilidade e unidades hoteleiras.

Na questão 2.1, considerou-se importante aferir a opinião dos inquiridos no tocante a questões de salubridade dentro do CH de Chaves. Muitas das vezes aspectos de salubridade são um dos factores de não frequência de espaços públicos, pelo que urge trata-los com urgência.

Na questão 2.2, procurou-se analisar de que forma os respondentes percebem a sinalética sobre monumentos quando passeiam pelo CH. Uma boa sinalética é na maior parte das vezes um dos melhores instrumentos que o visitante possui para chegar a visitar o património histórico de qualquer CH.

Na questão 2.3, interessava saber se os monumentos do CH de Chaves estão ou não devidamente identificados no seu exterior. A identificação dos monumentos no seu exterior, normalmente com uma placa sumariamente descritiva do monumento, é um dos factores valorativos de qualidade de um CH, além de um precioso auxiliar para o visitante que, antes de visitar o monumento, fica já a conhecer um pouco da sua história e função actual.

Na questão 2.4, abordou-se a segurança. Sentem-se as pessoas/visitantes seguros durante o período da noite quando efectuam passeios ou visitas pelo CH de Chaves? A

segurança, hoje mais do que nunca é dos principais aspectos de instabilidade com que se enfrentam os centros históricos de qualquer cidade. Entenda-se aqui aspectos de segurança como seja por exemplo a iluminação das ruas e praças, o policiamento, etc.

A questão 2.5, diz respeito à acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida. Esta questão foi dividida em duas partes. Numa primeira parte foi proposto averiguar a opinião dos inquiridos no que respeita à acessibilidade deste tipo de público específico dentro do próprio CH de Chaves. Numa segunda parte, a mesma questão, só que agora o espaço em avaliação era o interior dos próprios monumentos - museus, igrejas, etc.. Estas questões ganham relevo e importância se atendermos a que concelhos como Chaves, concelhos de interior, são constituídos na sua maioria por uma franja etária de população maioritariamente idosa, e a tendência, é para que cada esta situação se acentue.

Na questão 2.6, procurou-se saber se os inquiridos consideram existir unidades hoteleiras no CH de Chaves em quantidade suficiente e se são possuidoras de algum grau de qualidade. A captação de turismo para as zonas dos centros históricos passa na maior parte das vezes pela existência de uma rede de unidades hoteleiras com relativa diversidade qualitativa e presente em quantidade suficiente.

A questão 2.7, é a questão já clássica que se põe em todas as cidades com centros históricos marcadamente de cariz medieval, constituídos por pequenas ruas e ruelas que normalmente desembocam no rossio da localidade. O fecho ao trânsito nas principais artérias do CH de Chaves, assume especial pertinência, uma vez que o tráfego automóvel aumentou consideravelmente na última década, agravando as dificuldades de estacionamento.

3 - Factores culturais identificadores do centro histórico - questão 3 (3.1. à 3.13.)

Com este bloco de questões pretendeu-se aferir o grau de satisfação pela programação que é feita para o CH, tanto pela autarquia flaviense como por entidades privadas ou associações que, como foi demonstrado, estão presentes no núcleo central do CH, onde a maioria tem as suas sedes.

Na questão 3.1, pretendeu-se efectuar um levantamento da opinião dos respondentes sobre a divulgação de eventos promovidos pela autarquia. Muitas das vezes a informação de eventos produzidos pelas autarquias não chega aos cidadãos porque os canais de comunicação utilizados na maior parte das ocasiões não são os convenientes.

Na questão 3.2, é pedido ao respondente que avalie os eventos que são produzidos, qual o seu grau de satisfação em relação a esses mesmos eventos.

As questões 3.1 e 3.2, reportam-se apenas a eventos produzidos essencialmente pela autarquia de Chaves, pelo facto da organização de eventos no CH ser na sua maioria organizados por esta entidade. Os eventos produzidos por privados são muito residuais.

A questão 3.3, tem como propósito avaliar o grau de conhecimento e de interesse que o respondente tem pelas instituições sediadas no CH. Todas estas instituições estão localizadas no CH, umas mais visíveis que outras, daí a importância em avaliar o grau de conhecimento que o respondente tem sobre elas e as suas localizações dentro do CH. Um menor conhecimento da sua localização implica uma falta de actividade por parte dessa instituição, que assim passa indetectável aos olhos dos residentes entre outros. Implica também um menor grau participativo na produção de acções de divulgação da mesma no CH.

Na questão 3.4, e uma vez que a maior parte dos equipamentos culturais visitáveis, além do património histórico, se concentram no CH, importava avaliar qual o tipo de atendimento a que foi sujeito o visitante, seja ele residente ou turista. O atendimento nos equipamentos culturais é na maior parte das vezes o factor que os detentores de equipamentos visitáveis, como as autarquias entre outros, mais descuidam e onde menos investem, quer seja em postos de atendimento condignos, como em qualidade dos recursos humanos afectos a esses equipamentos.

Na questão 3.5, pretende-se saber qual o grau de exactidão obtido aquando da prestação de informações solicitadas nas recepções dos equipamentos culturais do CH de Chaves. A maior parte das vezes a falta de formação do pessoal do atendimento das

recepções condiciona o tipo de informação que é prestada ao visitante quando este a solicita.

Questões 3.6 e 3.7. Os suportes da informação em espaços culturais são a melhor ferramenta que o visitante tem para a compreensão dos mesmos. A variedade de suportes de informação é importante dentro de um mesmo espaço para se poder atingir todos os tipos de públicos e para a sua formação enquanto consumidores culturais. Daí a pertinência das questões em relação aos suportes de informação dentro dos espaços culturais do CH de Chaves, e fora dos mesmos, com a possibilidade ou não da aquisição de publicações referentes aos mesmos.

A questão 3.8, teve por objectivo perscrutar os respondentes sobre as suas preferências em termos de eventos culturais.

Questão 3.9. O antigo cineteatro de Chaves, à semelhança de muitas vilas e cidades de interior que viram nascer estes espaços nas décadas de 40-50, foi um espaço de referência no centro histórico e um verdadeiro aglutinador de pessoas, que nas noites de função ou nas matinées, circulavam pelas artérias do centro histórico. Este espaço está agora fechado e à espera de uma renovação. Este local emblemático da cidade é gerador das mais variadas opiniões acerca da sua futura utilização. A questão vem um pouco nesse sentido, saber até que ponto os respondentes queriam manter as funções originais, ou se pelo contrário, são de opinião que se aplique a este espaço outro tipo de funções.

Questão 3.10. Apesar de quase todas as cidades possuírem uma SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana), exclusivamente viradas para a parte urbanística das cidades, outras há que, para além desta, possuem outro tipo de associações para gestão de espaço e dinamização urbano. Em Chaves existe uma associação que se designa PROCENTRO.

Entre as atribuições da PROCENTRO incluem-se a disponibilização de informações e aconselhamento, a promoção de debates sobre matérias relevantes para a

*promoção do património e da actividade comercial, a realização de Programas de Animação comercial, a promoção e publicitação do conjunto comercial e patrimonial, a promoção da ocupação de espaços livres, o desenvolvimento de estudos de mercado e estudo de hábitos de compra, a colaboração com as autoridades locais na manutenção e melhoramento dos espaços públicos, o reforço da segurança e limpeza urbana, a contratação de serviços comuns aos comerciantes, a negociação de contratos com empresas e instituições financeiras, a realização de um Plano de Marketing e Comunicação, a edição de um boletim informativo e a criação de um cartão de compras.*⁷

No entanto esta associação, de cariz quase comercial, promove essencialmente acções de animação de rua com tendência a favorecer o comércio local que é o seu principal e louvável objectivo.

Sendo assim, importava saber o que pensariam os respondentes sobre a criação de uma associação exclusivamente com fins culturais que promovesse e dinamizasse eventos de cariz estritamente cultural no CH de Chaves.

Questões 3.11. Após a avaliação pelos respondentes a todas as questões sobre a produção e a divulgação de eventos culturais organizados pela autarquia de Chaves para o CH, era de todo conveniente saber se consideravam a cidade culturalmente viva ou não.

As questões 3.12 e 3.13, dizem respeito às Termas de Chaves – SPA do Imperador. As Termas de Chaves, apesar de se encontrarem nos limites do denominado CH de Chaves, são um dos equipamentos de saúde e lazer de maior destaque da cidade de Chaves. Por este equipamento passam por ano alguns milhares de aquistas residentes ou visitantes para receberem os mais diversos tratamentos. A razão destas questões

⁷ In <http://www.empresasglobais.com/procentrochaves/index.asp?p=ma>

preendeu-se com o facto de, sendo este um equipamento próximo do CH, perceber se da parte da gestão das termas é sugerido aos aquistas algum tipo de actividade ou passeio cultural pelo CH.

4 - A Fundação Nadir Afonso - questão 4 (4.1. à 4.3.)

Nadir Afonso é um arquitecto e pintor Flaviense de renome internacional, com várias obras espalhadas pela cidade. Em termos de pintura destacam-se alguns murais expostos em cafés emblemáticos, é também detentor de uma sala no Museu da Região Flaviense onde se encontram expostas quinze das suas obras, doou igualmente o seu nome a uma escola, já a nível de arquitectura conta com alguns projectos emblemáticos dos quais se destaca as instalações da Panificadora de Chaves. A nível internacional merece realce a sua participação no projecto da fundação da cidade de Brasília juntamente com o seu amigo e arquitecto Óscar Nyemaier.

Assim, estas questões pretenderam, de certa forma, aferir o interesse cultural da população, e perscrutar o seu grau de conhecimento sobre tal personagem. Ainda mais quando está em vias de iniciar a obra de construção da futura Fundação Nadir Afonso, obra que será extremamente importante no panorama cultural flaviense.

7 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Concluída a aplicação dos inquéritos, será de seguida feita a análise dos resultados obtidos.

7.1. Caracterização do respondente – questão 1 (1.1. à 1.5.)

Gráfico 1 – Faixa etária

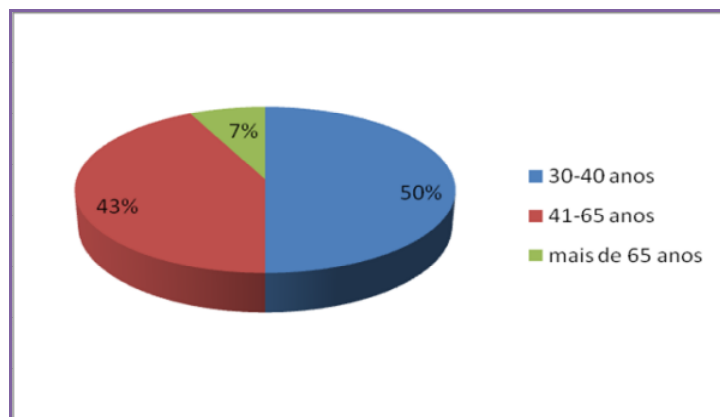


Tabela 1 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
30 – 40 anos	82	50%
41 – 65 anos	70	43%
Mais de 65 anos	12	7%
Total	164	100%

A caracterização dos respondentes é crucial, pois permite atribuir significado aos dados obtidos. Assim, a primeira variável caracterizadora da amostra refere-se à faixa etária. Predomina o grupo etário entre os 30 e 40 anos com 50%, seguido do grupo com idades compreendidas entre os 41 e 65 anos com 43%. Menor representatividade assume o escalão etário com idades mais avançadas, mais de 65 anos, com 7%.

Gráfico 2 – Nacionalidade

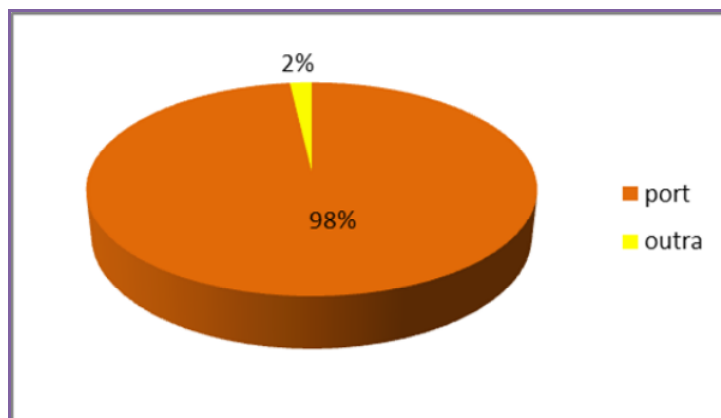


Tabela 2 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Portuguesa	161	98%
Outra	3	2%
Total	164	100%

A nacionalidade é a segunda variável caracterizadora. Verificou-se que a esmagadora maioria, com 98% dos respondentes, são de nacionalidade portuguesa. De notar que se pretendia um número significativo de turistas, objectivo não alcançado, provavelmente pelo facto do inquérito ter sido aplicado entre os meses de Fevereiro e Junho, período de fraca afluência turística.

Gráfico 3 – Sexo

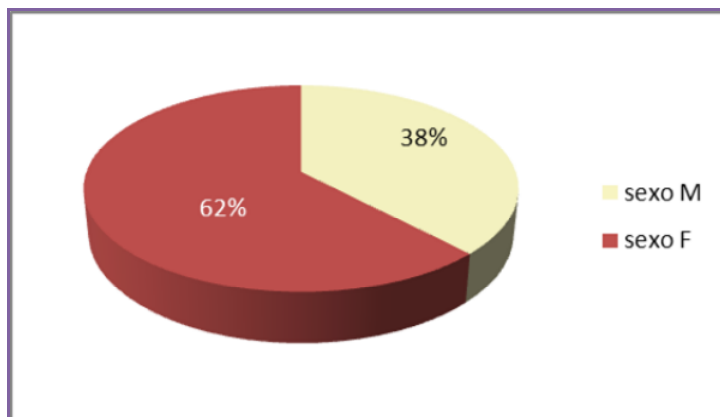


Tabela 3 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Masculino	62	38%
Feminino	102	62%
Total	164	100%

Quanto à terceira variável caracterizadora, que diz respeito ao sexo dos respondentes, constatamos que a larga maioria dos respondentes são do sexo feminino com 62% e 38% do sexo masculino.

Gráfico 4 – Habilitações académicas

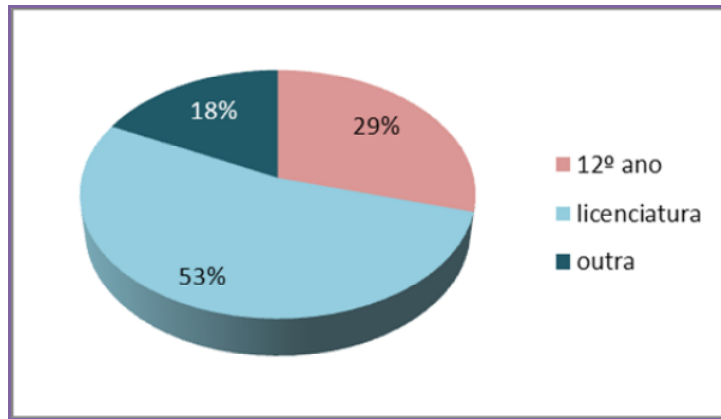


Tabela 4 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
12º ano	48	29%
Licenciatura	87	53%
Outra	29	18%
Total	164	100%

Relativamente ao nível académico dos inquiridos, a maioria são licenciados com 53%, em discrepância com a realidade portuguesa, 29% dos inquiridos possuem o ensino secundário e 18% dos inquiridos apresentam um nível de formação igual ou inferior ao 3º ciclo de escolaridade.

Gráfico 5 – Residente dentro/fora do CH ou turista

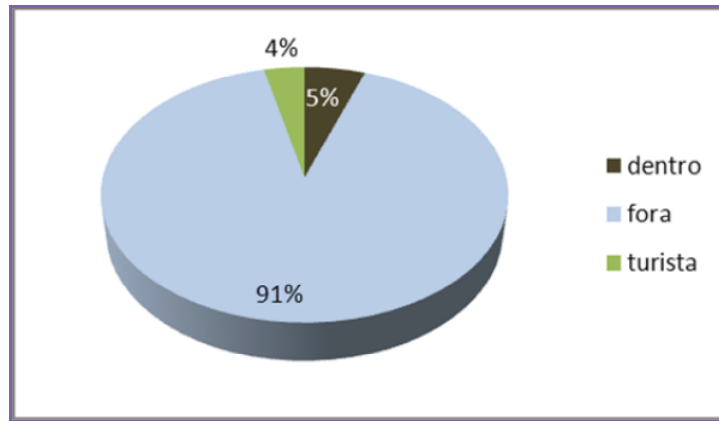


Tabela 5 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Dentro	9	5%
Fora	149	91%
Turista	6	4%
Total	164	100%

A esmagadora maioria dos inquiridos, com 96%, são das freguesias urbanas da Madalena, Santa Maria Maior e Outeiro Seco do concelho de Chaves. Apenas 4% dos respondentes são visitantes. 91% dos respondentes habitam fora do CH, apenas 5% habitam dentro do CH.

7.2. Aspectos gerais do centro histórico – questão 2 (2.1. à 2.7.)

Gráfico 6 – Como classifica a limpeza/manutenção do Centro Histórico

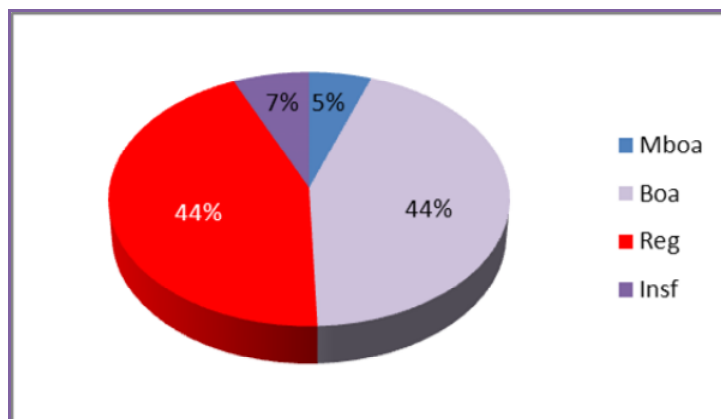


Tabela 6 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Muito boa	9	5%
Boa	72	44%
Regular	72	44%
Insuficiente	11	7%
Total	164	100%

Os dados obtidos neste bloco de questões permitem-nos concluir, quanto à questão da limpeza e manutenção do CH, que as opiniões estão extremamente dívidas, 44% consideram que a limpeza e manutenção do CH é regular, outros 44% consideram que ela é boa, 7% insuficiente e 5% muito boa.

Gráfico 7 – Como classifica a sinalização dos equipamentos e/ou monumentos

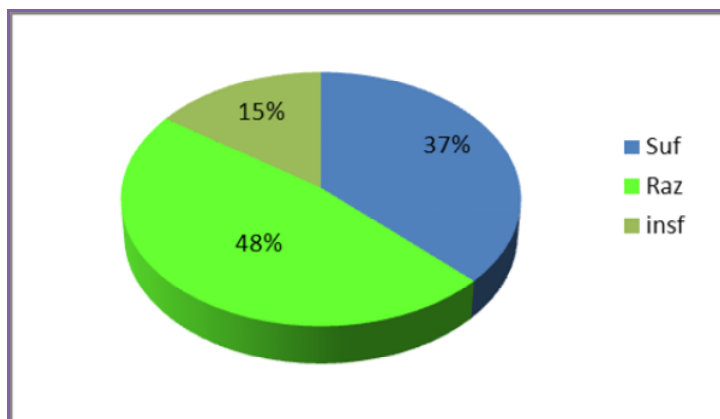


Tabela 7 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Suficiente	61	37%
Razoável	78	48%
Insuficiente	25	15%
Total	164	100%

Em relação à sinalização dos equipamentos e /ou monumentos, 48% dos respondentes, considera razoável esse parâmetro, 37% consideram-no suficiente e 15% insuficiente.

Gráfico 8 – Como classifica a identificação dos monumentos

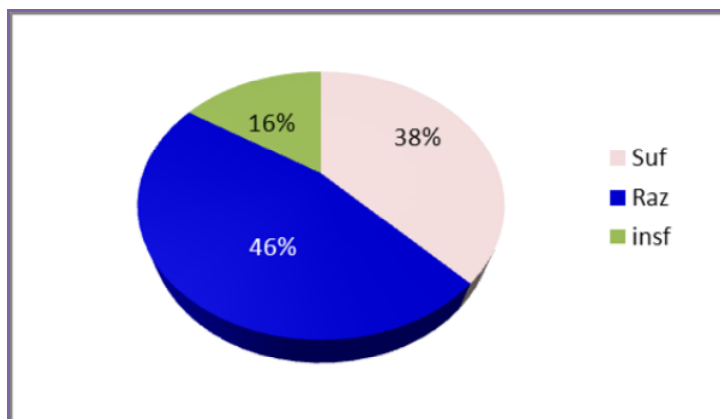


Tabela 8 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Suficiente	67	38%
Razoável	76	46%
Insuficiente	26	16%
Total	164	100%

Em relação à identificação dos monumentos, os resultados são similares aos da questão anterior, 46% consideram a identificação razoável, 38% consideram-na suficiente e 16% acham a identificação dos monumentos insuficiente.

Gráfico 9 – Como classifica a segurança, à noite, pelo Centro Histórico

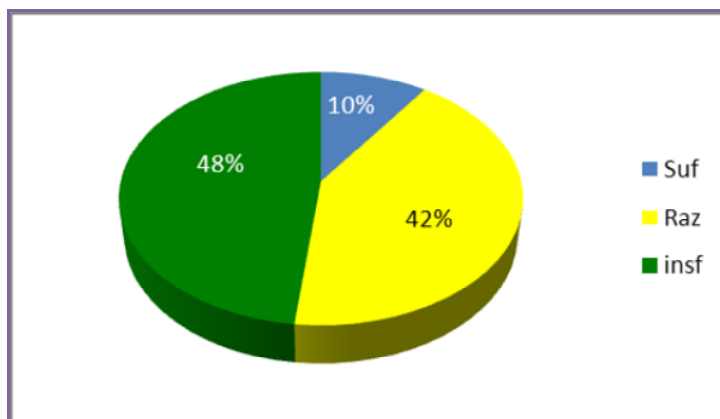


Tabela 9 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Suficiente	16	10%
Razoável	69	42%
Insuficiente	79	48%
Total	164	100%

Os dados aqui obtidos indicam que 48 % dos respondentes consideram o aspecto segurança insuficiente, 42% de respostas assinalam-no como razoável e 10% suficiente.

Gráfico 10 – Como classifica a acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida.

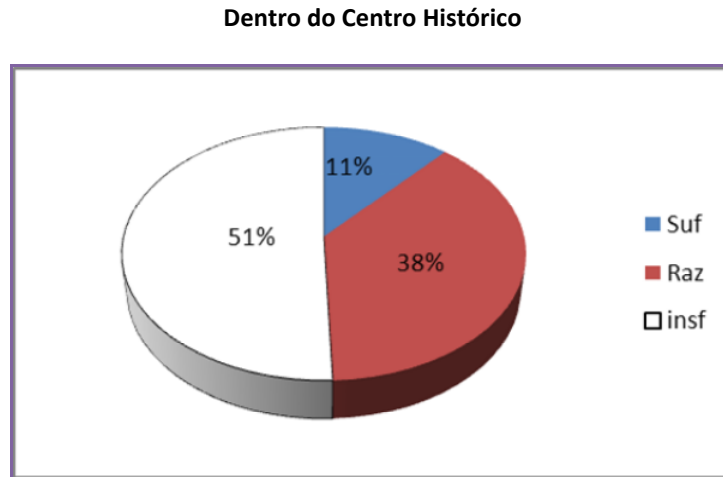


Tabela 10 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Suficiente	19	11%
Razoável	62	38%
Insuficiente	83	51%
Total	164	100%

A acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida é considerada insuficiente por 51% dos respondentes, 38% consideram-na razoável e 11% acham que a mesma é suficiente.

Gráfico 11 – Como classifica a acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida

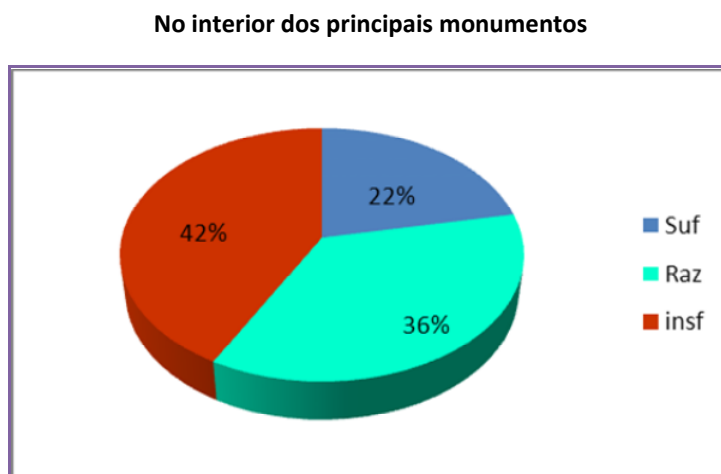


Tabela 11 - Resultados obtidos na questão b)

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Suficiente	36	22%
Razoável	59	36%
Insuficiente	69	42%
Total	164	100%

A maioria dos respondentes considera insuficiente (42%) a acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida dentro dos principais monumentos, 36% das respostas foram assinaladas como razoável e apenas 22% consideram suficiente a acessibilidade no interior dos monumentos.

Gráfico 12 - No centro histórico existem unidades hoteleiras

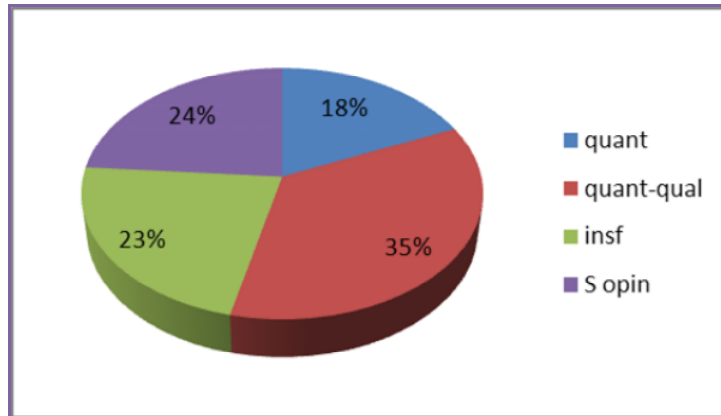


Tabela 12 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Quantidade	30	18%
Quantidade e qualidade	58	35%
Insuficiente	37	23%
Sem opinião	39	24%
Total	164	100%

Em relação a esta questão, 35% dos respondentes acham que existem unidades hoteleiras em quantidade e qualidade no CH de Chaves, 23% consideram o alojamento insuficiente, 18% crêem existir unidades hoteleiras apenas em quantidade e 24% dos inquiridos não tem opinião formada quanto a esta questão.

Gráfico 13 - Concorda com o fecho total ao trânsito das principais vias no Centro Histórico

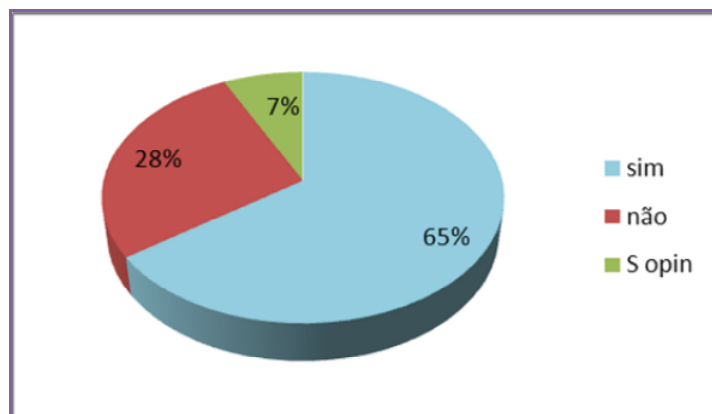


Tabela 13 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Sim	107	65%
Não	45	28%
Sem opinião	12	7%
Total	164	100%

Para o CH de Chaves, 65% dos respondentes concordariam com o pleno fecho das principais vias do CH, 28% não querem ver essas mesmas vias fechadas e apenas 7% não emitem qualquer opinião.

7.3. Factores culturais identificadores do centro histórico – questão 3 (3.1. à 3.15.)

Gráfico 14 - Como classifica os eventos produzidos no centro histórico

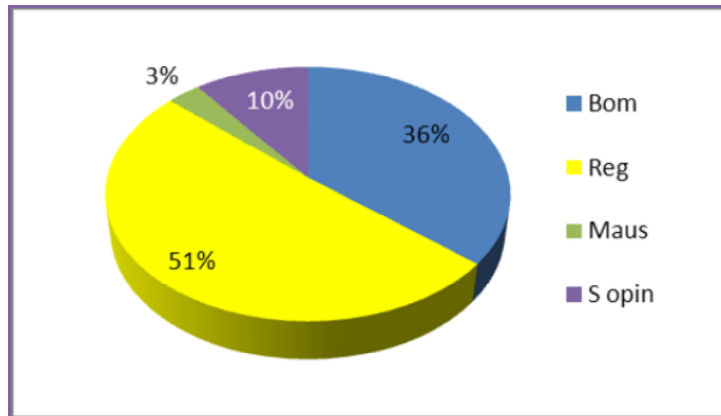


Tabela 14 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Bons	59	36%
Regulares	83	51%
Maus	5	3%
Sem opinião	17	10%
Total	164	100%

Quanto à programação que é feita para o CH de Chaves, 51% dos inquiridos consideram que os eventos produzidos são regulares, 36% acham que os eventos são bons, 3% consideram esses eventos maus e 10% não tem opinião formada quanto a esta questão.

Gráfico 15 - Como classifica a divulgação de eventos promovidos pela autarquia



Tabela 15 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Muito boa	25	15%
Boa	78	48%
Regular	53	33%
Insuficiente	8	4%
Total	164	100%

Em relação à divulgação de eventos, 48% das opiniões emitidas acham que existe uma boa divulgação de eventos, 33% consideram-na regular, 15% muito boa e 4% consideram a mesma insuficiente.

Gráfico 16 - Conhece/localiza dentro do centro histórico

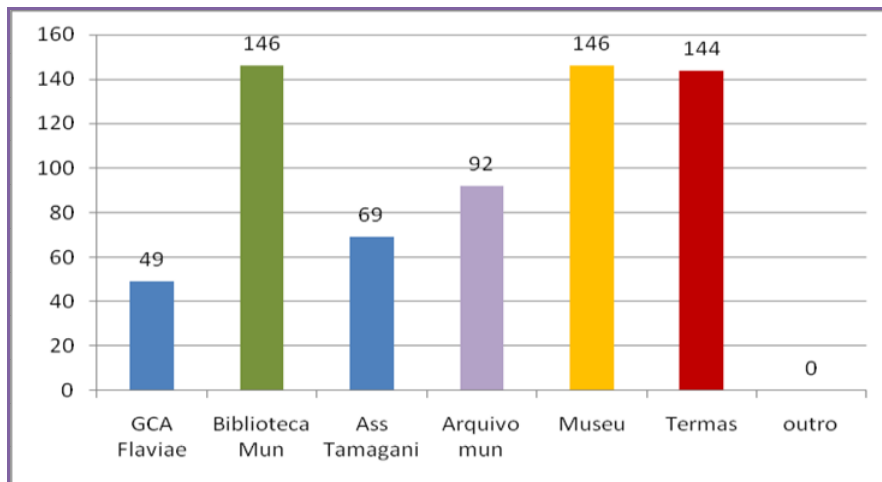


Tabela 16 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta
Grupo Cultural Aquae Flaviae	49
Biblioteca Municipal	146
Associação de Artistas Tamagani	69
Arquivo Municipal	92
Museu	146
Termas	144
Outro	0

Nesta tabela não são apresentadas percentagens uma vez que cada inquirido podia responder a mais do que uma das opções que constavam no questionário na respectiva questão. Quanto às opiniões recolhidas, verificamos que a maioria conhece/localiza museus, biblioteca e termas. O arquivo é assinalado por 92 dos inquiridos.

Gráfico 17 - como classifica o atendimento nos locais que visitou

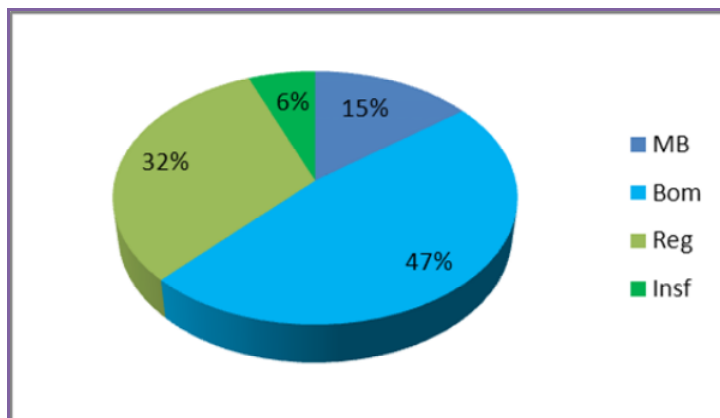


Tabela 17 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Muito boa	24	15%
Boa	78	47%
Regular	52	32%
Insuficiente	10	6%
Total	164	100%

A este tema, e em relação aos equipamentos culturais do CH de Chaves, 47% dos inquiridos considerou que o atendimento efectuado nas recepções dos locais que visitaram foi bom, 32% regular, 15% muito bom e 6% consideram-no insuficiente.

Gráfico 18 - foram-lhe prestados todos os esclarecimentos que solicitou

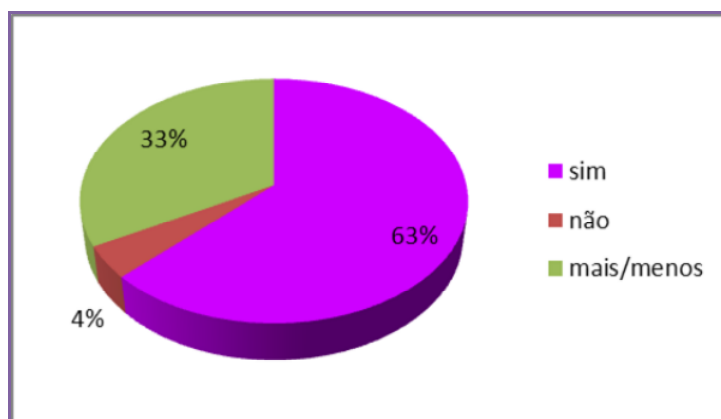


Tabela 18 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Sim	103	63%
Não	7	4%
Mais ou menos	54	33%
Total	164	100%

A 63% dos inquiridos foram-lhes prestados todos os esclarecimentos que solicitou, a 33% mais ou menos e a 4% não foram prestados os esclarecimentos solicitados.

Gráfico 19 - assinale os suportes de informação disponíveis durante as visitas que realizou a equipamentos culturais no centro histórico

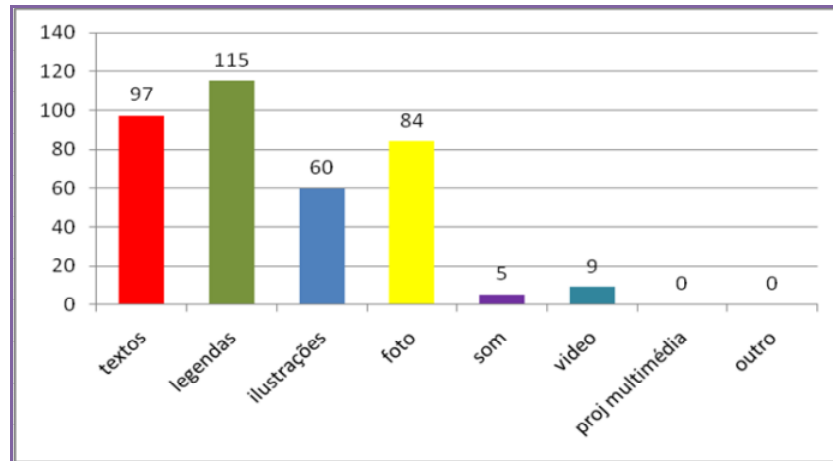


Tabela 19 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta
Textos de apoio	97
Legendas nas peças	115
Ilustrações e esquemas	60
Fotografias	84
Som (informação áudio complementar)	5
Vídeo	9
Projeções multimédia	0
Outro	0

Nesta tabela, e à semelhança do gráfico 16, não são apresentadas percentagens, uma vez, que cada inquirido podia responder a mais do que uma das opções que constavam no questionário na respectiva questão. Dos resultados obtidos destacam-se os textos de apoio, as legendas nas peças, as ilustrações e esquemas como suportes de informação disponíveis durante as visitas realizadas a equipamentos culturais no centro histórico.

Gráfico 20 - relativamente a publicações/edições produzidas para o centro histórico, quais encontrou disponíveis (distribuição/venda)

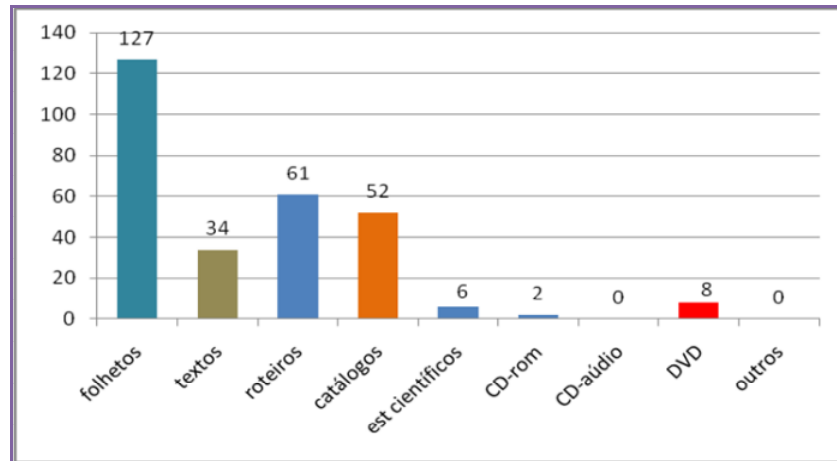


Tabela 20 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta
Folhetos/Desdobrável	127
Texto fotocopiado	34
Roteiro/guia	61
Catálogos	52
Estudos científicos	6
CD-ROM	2
CD-Áudio	0
DVD vídeo	8
Outro	0

Nesta tabela, e à semelhança do gráfico 16 e 19, não são apresentadas percentagens uma vez que cada inquirido podia responder a mais do que uma das opções que constavam no questionário na respectiva questão. Dos resultados obtidos, destacam-se os folhetos/desdobráveis, o texto fotocopiado, o roteiro/guia e os catálogos publicações/edições produzidas para o centro histórico.

Gráfico 21 - que eventos o levariam a frequentar assiduamente o centro histórico

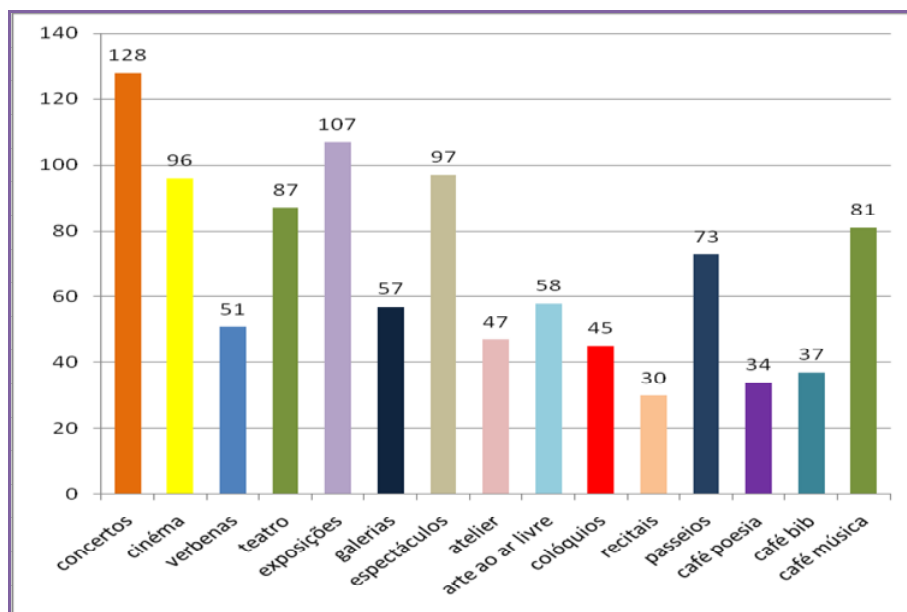


Tabela 21 - Resultados obtidos na questão

Tipo de evento	Frequência absoluta
Concertos	128
Cinema	96
Verbenas	51
Teatro	87
Exposições	107
Galerias de Arte	57
Espectáculos ao ar livre	97
Atelier de pintura/escultura	47
Arte ao ar livre	58
Colóquios temáticos	45
Recitais	30
Passeios históricos organizados pelo Centro Histórico	73
Cafés com leitura de poesia	34
Cafés – biblioteca (com leitura livre)	37
Cafés com música ao vivo	81

Igualmente nesta tabela não são apresentadas percentagens uma vez que cada inquirido podia responder a mais do que uma das opções que constavam no questionário na respectiva questão. Os resultados obtidos manifestam uma disparidade evidente de preferências no tocante a eventos culturais, destacando-se os concertos, o cinema, o teatro, as exposições, os espectáculos ao ar livre e os cafés com música ao vivo.

Gráfico 22 - o que gostaria que fosse feito no antigo cineteatro numa futura renovação

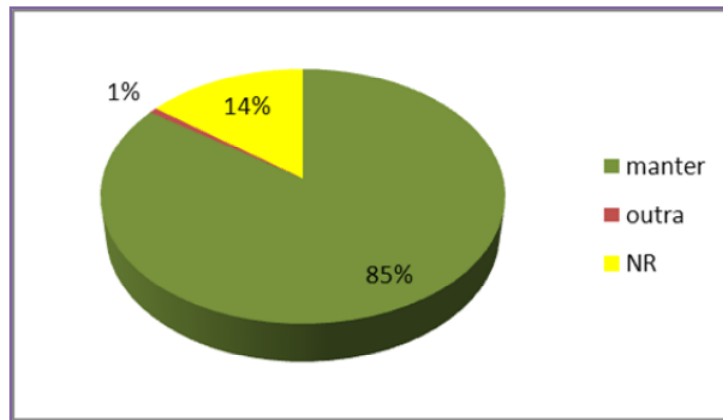


Tabela 22 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Manter	122	85%
Outra	1	1%
Não responde	21	14%
Total	164	100%

A maioria aqui é arrasadora, uma vez que 85% dos inquiridos não colocam outra hipótese que não seja a manutenção das funções originais. Apenas 1% desejaria outro tipo de função para aquele espaço. Apenas 14% não manifestaram opinião.



Fig. 18 | Uma actividade cultural no antigo cineteatro de Chaves na década de 60

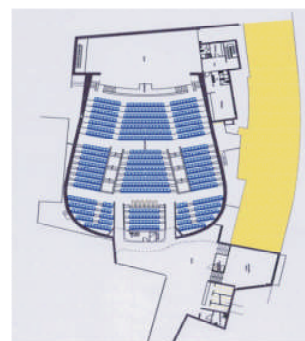


Fig. 19 | Planta do antigo cineteatro de Chaves

Gráfico 23 - considera pertinente a constituição de uma associação, com fins e objectivos estritamente culturais, para a promoção e desenvolvimento do centro histórico

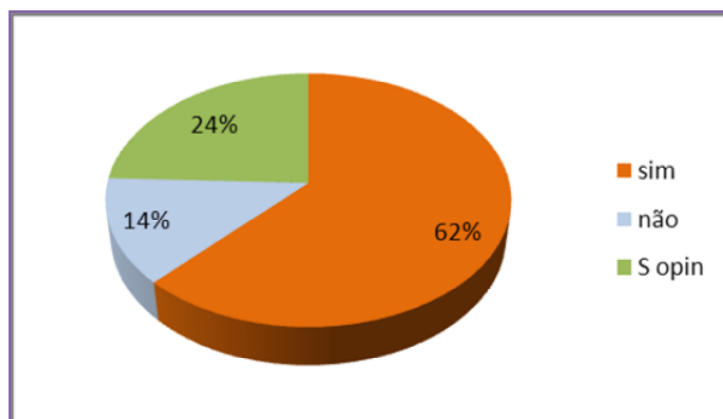


Tabela 23 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Sim	102	62%
Não	22	14%
Sem opinião	40	24%
Total	164	100%

Dos respondentes, 62% considera pertinente a criação de uma associação com esses fins, 14% não consideram ser necessária a criação de qualquer associação cultural e apenas 24% não emitiram qualquer opinião.

Gráfico 24 - considera Chaves uma cidade culturalmente viva

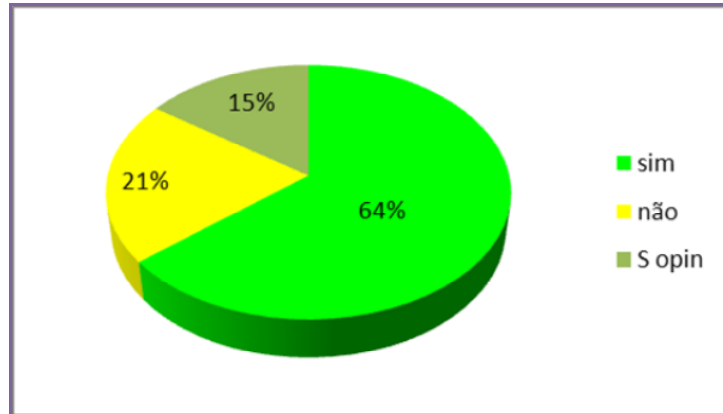


Tabela 24 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Sim	105	64%
Não	34	21%
Sem opinião	25	15%
Total	164	100%

Quanto a esta questão, 64% dos inquiridos consideram Chaves uma cidade culturalmente viva, 21% pensam que não e apenas 15% manifestaram não ter uma opinião formada a este respeito.

Gráfico 25 - é frequentador das termas de Chaves

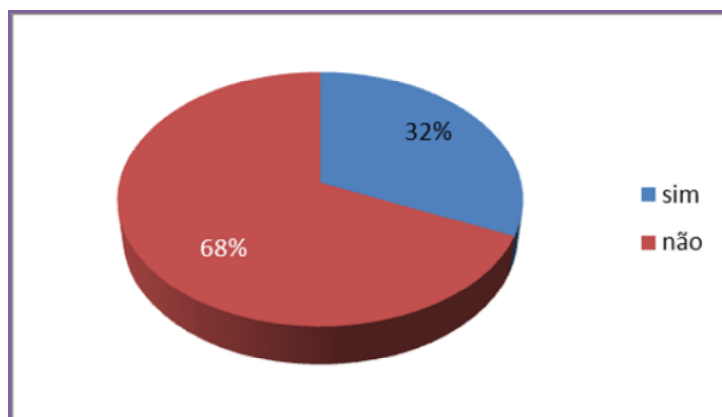


Tabela 25 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Sim	52	32%
Não	112	68%
Total	164	100%

Em relação às termas de Chaves, 68% dos respondentes disseram ser frequentadores das termas e por conseguinte 32% não o são.

Gráfico 26 - foi-lhe sugerida alguma actividade cultural pela equipa das termas

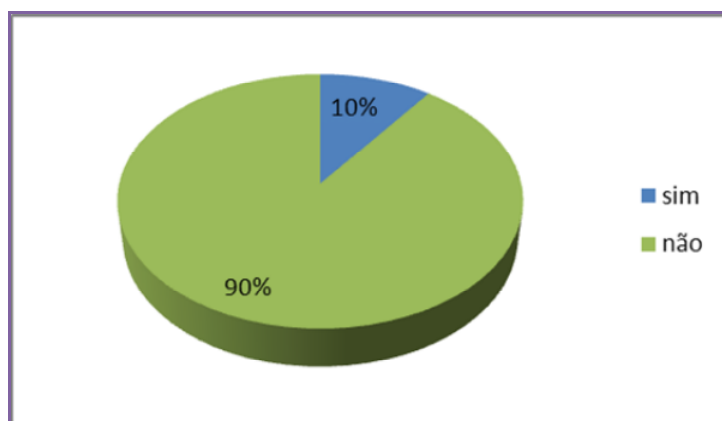


Tabela 26 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Sim	4	10%
Não	44	90%
Total	49	100%

Dos frequentadores das termas de Chaves, a 90% deles não lhe foi sugerida qualquer actividade cultural durante a sua estância, ou seja, somente a 10% dos inquiridos foi sugerida uma actividade cultural.

7.4. A Fundação Nadir Afonso - questão 4 (4.1. à 4.3.)

Gráfico 27 - sabe quem é Nadir Afonso

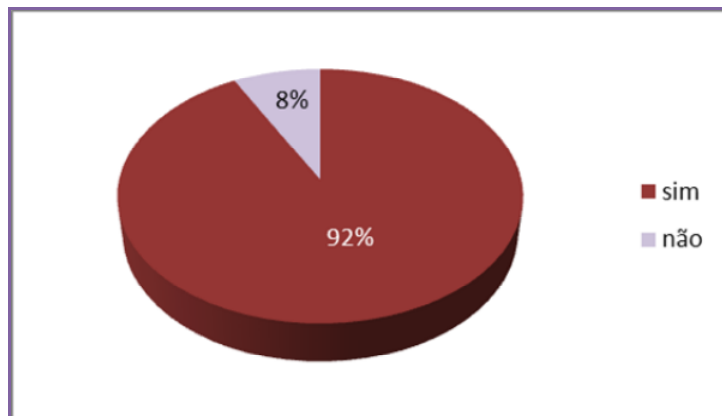


Tabela 27 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Sim	151	92%
Não	13	8%
Total	164	100%

Relativamente ao arquitecto/pintor, Mestre Nadir Afonso, 92% dos inquiridos afirmaram que sabiam quem era, pelo que apenas 8% não o conheciam.

Gráfico 28 - conhece o projecto da Fundação Nadir Afonso

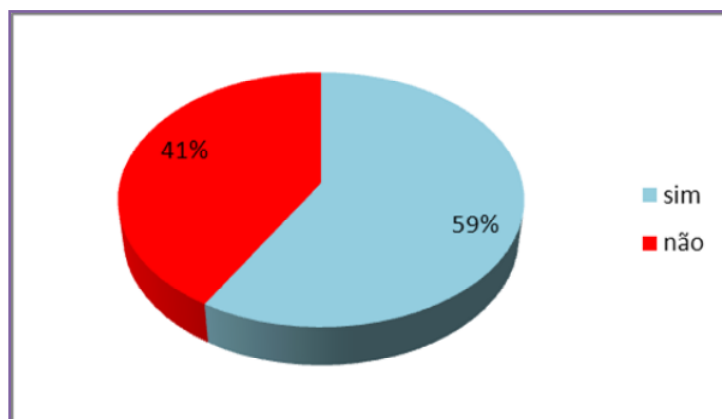


Tabela 28 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Percentagem
Sim	96	59%
Não	68	41%
Total	164	100%

Já no tocante ao projecto da Fundação Nadir Afonso, apenas 59% dos inquiridos afirmaram conhecê-lo, ao passo que 41% dos mesmos afirmaram não o conhecer.

Gráfico 29 - considera que este equipamento cultural irá aportar à cidade benefícios culturais que de outra maneira seriam inatingíveis

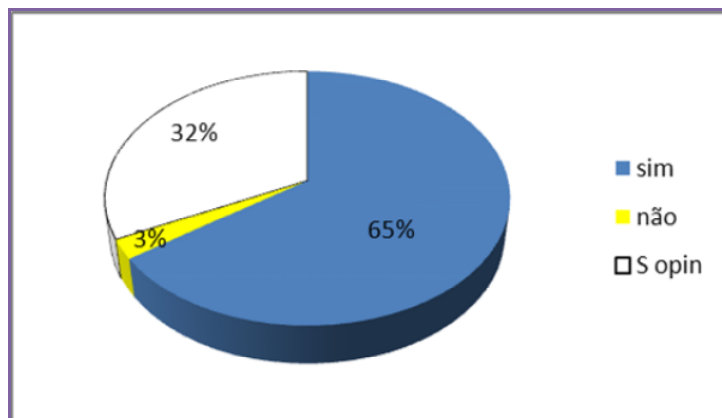


Tabela 29 - Resultados obtidos na questão

Variável	Frequência absoluta	Porcentagem
Sim	107	65%
Não	4	3%
Sem opinião	53	32%
Total	164	100%

Para 65% dos respondentes, a Fundação Nadir Afonso aportará benefícios culturais à cidade, 3% pensam que não aportará nada de novo e 32% não tem qualquer opinião formada.

7.5. Tabela geral de resultados maioritários

Tabela 30 – Tabela geral de resultados maioritários

1. DADOS GERAIS

1.1. FAIXA ETÁRIA

30 - 40 ANOS

1.2. NACIONALIDADE

Portuguesa

1.3. SEXO

Feminino

1.4. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

LICENCIATURA

1.5. TURISTA OU RESIDENTE (pertencente ao Concelho)

Residente

No centro histórico

2. ASPECTOS GERAIS DO CENTRO HISTÓRICO

2.1. COMO CLASSIFICA A LIMPEZA/MANUTENÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO

Boa

Regular

2.2. COMO CLASSIFICA A SINALIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS E/OU MONUMENTOS

Razoável

2.3. COMO CLASSIFICA A IDENTIFICAÇÃO DOS MONUMENTOS

Razoável

2.4. COMO CLASSIFICA A SEGURANÇA, À NOITE, PELO CENTRO HISTÓRICO

Insuficiente

2.5. COMO CLASSIFICA A ACESSIBILIDADE A PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA

A) Dentro do centro histórico

Insuficiente

B) No interior dos principais monumentos: (museus, igrejas, ...)

Insuficiente

2.6. NO CENTRO HISTÓRICO, EXISTEM UNIDADES HOTELEIRAS (QUANTIDADE E QUALIDADE)

Em quantidade e com qualidade suficientes

2.7. CONCORDARIA COM O FECHO TOTAL AO TRÂNSITO DAS PRINCIPAIS VIAS NO CENTRO HISTÓRICO

Sim

3. FACTORES CULTURAIS IDENTIFICADORES DO CENTRO HISTÓRICO

3.1. COMO CLASSIFICA OS EVENTOS PRODUZIDOS NO CENTRO HISTÓRICO

Regulares

3.2. COMO CLASSIFICA A DIVULGAÇÃO DE EVENTOS PROMOVIDOS PELA AUTARQUIA

Boa

3.3. CONHECE / LOCALIZA DENTRO DO CENTRO HISTÓRICO

Biblioteca Municipal

Museu

Termas

3.4. COMO CLASSIFICA O ATENDIMENTO NOS LOCAIS QUE VISITOU

Bom

3.5. FORAM-LHE PRESTADOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS QUE SOLICITOU

Sim

3.6. ASSINALE OS SUPORTES DE INFORMAÇÃO DISPONÍVEIS DURANTE AS VISITAS QUE REALIZOU A EQUIPAMENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO

Textos de apoio

Legenda nas peças

3.7. RELATIVAMENTE A PUBLICAÇÕES/EDIÇÕES PRODUZIDAS PARA O CENTRO HISTÓRICO, QUAIS ENCONTROU DISPONÍVEIS (DISTRIBUIÇÃO/VENDA)

Folheto / Desdobrável

3.8. QUE EVENTOS O LEVARIAM A FREQUENTAR ASSIDUAMENTE O CENTRO HISTÓRICO

Concertos

Cinema

Teatro

Exposições

Espectáculos ao ar livre

Passeios históricos organizados pelo C. Histórico

Cafés com música ao vivo

3.9. O QUE GOSTARIA QUE FOSSE FEITO NO ANTIGO CINE-TEATRO NUMA FUTURA RENOVACÃO

Manteria as funções originais

3.10. CONSIDERA PERTINENTE A CONSTITUIÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO DE FINS CULTURAIS PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CENTRO HISTÓRICO

Sim

3.11. CONSIDERA CHAVES, UMA CIDADE CULTURALMENTE VIVA

Sim

3.12. É FREQUENTADOR DAS TERMAS DE CHAVES

Não

3.13. FOI-LHE SUGERIDO ALGUMA ACTIVIDADE CULTURAL PELA EQUIPA DAS TERMAS

Não

4. A FUNDAÇÃO NADIR AFONSO

4.1. SABE QUEM É NADIR AFONSO

Sim

4.2. CONHECE O PROJECTO DA FUNDAÇÃO NADIR AFONSO

Sim

4.3. CONSIDERA QUE ESTE EQUIPAMENTO CULTURAL IRÁ APORTAR À CIDADE BENEFÍCIOS CULTURAIS QUE DE OUTRA FORMA SERIAM INATINGÍVEIS

Sim

8 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados atrás apresentados e analisados são concludentes no tocante a carências e a algum grau de insatisfação por parte dos respondentes em algumas questões relativas ao CH de Chaves, nomeadamente no referente à segurança e à acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida.

O factor segurança é muito importante, uma vez que é dos principais inibidores de frequência de qualquer espaço. Um espaço onde as pessoas não se sintam seguras é à partida um espaço votado ao fracasso e ao abandono. No caso do CH de Chaves a opinião negativa dada pela maioria dos respondentes em relação a este aspecto é preocupante, e factor a ter em conta com alguma urgência, correndo-se o risco de não haver a possibilidade de sucesso em nenhuma política cultural que seja aplicada ao CH para a sua revitalização. Garantir a segurança das pessoas é o primeiro passo que deve ser dado para uma sustentável revitalização.

Cruzando os dados, e procedendo-se à separação dos inquiridos em dois grupos, tendo em conta a faixa etária, dos 30 aos 40 anos – 1º grupo - e dos 41 aos 65 anos ou mais – 2º grupo -, verificamos que existe uma grande similitude nas respostas dadas.

Na mesma ordem de ideias deve ser colocada a acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida, uma vez que, como comprovam a maioria das estatísticas, a população está cada vez mais envelhecida, e a tendência é para se agravar este indicador, o que leva a que a maior frequência da maioria das actividades programadas para o CH seja deste estrato demográfico. Sendo assim, é fundamental garantir uma boa e razoável acessibilidade a este tipo de pessoas, garantindo-lhes facilidades de mobilidade a pé, bem como alguma facilidade de estacionamento e condições de circulação. Igualmente nesta questão, cruzando dados, continua a não se verificar grande diferença nas respostas dadas.

O inquérito vem também conferir viabilidade e certeza à hipótese que foi colocada, **“A revitalização do Centro Histórico de Chaves passa por um planeamento criterioso e por uma eficaz promoção cultural”**.

A comprovar esta viabilidade estão as respostas fornecidas pelos inquiridos às questões que diziam respeito meramente a funcionalidades de características culturais.

Exemplo deste caso é a questão relacionada com a classificação que os inquiridos fazem dos eventos produzidos pela autarquia para o CH de Chaves, onde a maioria os cataloga de regulares. É sabido que uma classificação de regular, ou seja, nem boa nem má, não pode nem deve ser o nível que irá balizar ao grau de satisfação dos eventos produzidos. Pelo contrário, um centro histórico que se pretende culturalmente activo e com uma diversificada programação, que tenha como objectivo primário a satisfação de todos os seus frequentadores deve tentar pugnar por um grau de classificação maior, porque quanto maior for o seu grau de classificação, mais sustentabilidade terá o seu projecto programático, uma vez que à partida as suas produções e programações terão um público fiel e garantido.

Um planeamento criterioso deve abarcar todas as áreas da promoção e divulgação, seja de evento, seja de um espaço geográfico como é o caso. Assim, é fundamental que as entidades que têm como objectivo a planificação cultural do CH de Chaves estejam atentas ao material de divulgação que deve existir como suporte a exposições, concertos, peças de teatro e fundamentalmente como suporte explicativo do património construído e dos museus. No inquérito foi detectada essa falha por parte dos respondentes que assinalaram apenas como suportes de informação existentes nos equipamentos culturais do centro histórico, textos de apoio e legendas nas peças.

Mais uma vez a questão da acessibilidade a públicos especiais está aqui em causa, uma vez que não foi detectado nenhum roteiro ou guia em Braille, nenhum suporte com som, nem com vídeo ou imagem multimédia, tão fundamentais e necessários nos dias que correm. Ainda a nível da produção, e com base nos resultados obtidos, não existe para distribuição ou venda, relativamente ao CH ou aos seus equipamentos históricos nenhum tipo de publicação, seja ela em formato livro ou em formato digital, por forma a satisfazer os apetites culturais de quem procura este tipo de informação. Segundo os resultados obtidos apenas está disponível para distribuição, o folheto.

Mais uma vez a hipótese é confirmada quando é inquirido aos respondentes que tipo de eventos culturais os levariam a frequentar o CH de Chaves. As respostas a esta questão incitam mais uma vez a um cuidado e atento planeamento programático para o CH, que terá de passar pela diversidade em termos de eventos, a julgar pelos mais votados, concertos, cinema, teatro, exposições, espectáculos ao ar livre, passeios históricos organizados e cafés com música ao vivo.

Este último item, não estando directamente dependente da programação autárquica, pode ser explorado de uma forma subliminar, alertando possíveis proprietários de estabelecimentos comerciais de restauração que pretendam abrir a sua loja no CH para a importância que poderá ter para o seu negócio se este tipo de iniciativa, café com música ao vivo, fosse explorado.

Cruzando os dados verificamos que no 1º grupo – 30/40 anos – as opções recaíram em concertos, cinema e exposições. Já no que concerne ao 2º grupo – 41/65 ou mais – as preferências foram concertos, exposições e espectáculos.

Saliente-se, igualmente, que após cruzar dados para todas as questões, os resultados fornecidos foram praticamente similares nos dois grupos já referenciados, o que nos leva a concluir que existe uma grande homogeneidade de opiniões entre a maioria da população flaviense residente ou não no CH de Chaves.

Atendendo ainda ao inquérito, e continuando a falar de um criterioso planeamento, é de ter em linha de conta a avidez que os inquiridos manifestaram pela recuperação e manutenção das funções originais de uma espaço tão emblemático para a cidade como é o caso do antigo cineteatro. A grande maioria gostaria de o ver recuperado e mantidas as suas funções originais, que eram a de cineteatro. Como refere Peixoto “...a cidade é mais que espaço é um conjunto de imagens...” (Peixoto, 2000), e são essas imagens metonímicas carregadas de simbolismo que estão presentes no colectivo que nela habita e que lhes confere todo o cunho de pertença espacial que faz com que as cidades sejam únicas e irrepetíveis. Pode-se aferir, ainda na linha de pensamento de Peixoto, como “...a afirmação de uma identidade caracterizada pelo espírito de lugar...” (Fortuna, et al, 2003).

Concluindo, podemos afirmar com alguma segurança, que a revitalização dos centros históricos passa, por um lado, por um planeamento criterioso que tenha em atenção uma eficaz promoção cultural, capaz de incorporar os símbolos da nova cultura urbana na imagem metonímica da cidade percebida pelos seus residentes e visitantes, por outro, por uma gestão eficaz e responsável que tenha como horizonte a sustentabilidade do projecto cultural.

Parte III

**DEFINIÇÃO DE
ESTRATÉGIAS**

9. Estratégias

100

9 | ESTRATÉGIAS

9.1. Conceito de estratégia

As definições do conceito de estratégia são quase tão numerosas quanto os autores que as referem. Existindo convergência em alguns aspectos que estão na base do conceito, o conteúdo e os processos de formação da estratégia são objecto de abordagens muito diversas que assentam na forma como os autores concebem a organização e entendem o seu funcionamento.

Estratégia é a determinação dos objectivos básicos de longo prazo de uma empresa e a adopção das acções adequadas e afectação de recursos para atingir esses objectivos (Chandler, 1962).

Intimamente ligados às definições do conceito de estratégia, estão os processos que lhe dão origem. A forma como as estratégias surgem e se implementam não é um processo idêntico em todas as organizações, resultando antes de uma conjugação de factores externos (características e condições do meio envolvente) e de condições internas (dimensão, capacidades materiais e humanas, organizacionais), que configuram cada situação particular.

Apesar do carácter condicional do problema, que tem originado uma substancial proliferação de abordagens, podemos, de uma forma ampla, considerar, no essencial, três linhas básicas (Nicolau, 2001):

- a formação da estratégia como um processo racional e formal;
- a formação da estratégia como um processo negociado;
- a formação da estratégia como um processo em construção permanente.

Para a escola cultural a estratégia é tomada como um processo colectivo. Enquanto o poder procura concentrar os interesses próprios e fragmentá-los, a cultura volta-se para os interesses comuns e integra-os dentro da organização.

9.2. Análise SWAT do Centro Histórico de Chaves

Feita esta breve introdução ao conceito de estratégia, e antes de passar a delinear algumas estratégias que possam colmatar as carências detectadas no capítulo anterior, nomeadamente na análise dos resultados dos inquéritos, efectuou-se uma análise SWAT do Centro Histórico de Chaves, cujo resultado é apresentado na tabela seguinte:

Tabela 31 - Análise SWAT do CH de Chaves

Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> – Chaves é um nó natural de comunicações, contando com as facilidades oferecidas pelo corredor do Tâmega; – Proximidade de Espanha privilegia o papel de Chaves nas relações transfronteiriças; – Boas acessibilidades transfronteiriças; – Clima propício e riqueza aquífera com emergências termais induzem o turismo como actividade económica relevante; – Programa Polis explorou o papel estruturante do rio Tâmega, englobando intervenções de requalificação urbana e valorização ambiental e criando lógicas de articulação do Centro Histórico com os territórios contíguos. 	<ul style="list-style-type: none"> – Anulação do acesso centrípeto à cidade quebra a atractividade da zona em estudo; – Emergem novas centralidades à escala urbana; - Projectos concorrentes de outros centros históricos noutros concelhos limítrofes; - A emergente degradação do espaço público, nomeadamente a falta de manutenção e substituição de mobiliário urbano; - A criação da A24 possibilita um rápido acesso a outros locais, o que origina a fuga da população residente para outras paragens, principalmente aos fins-de-semana; - A inexistente selectividade do tipo de comércio que é praticado no centro histórico, grande aglomeração de pequenos e fracos locais de lazer;
Pontos fortes	Pontos fracos
<ul style="list-style-type: none"> – Área em estudo apresenta uma ocupação provecta, cuja génese foi estimulada pelo Império Romano; – Excelente situação topográfica e morfologia ligada ao desenvolvimento do núcleo amuralhado medieval, determinante na organização da forma urbana; 	<ul style="list-style-type: none"> – Algumas obras novas na cintura do casco histórico apresentam incongruências de volume, composição e linguagem; – Verificam-se situações de desocupação de edifícios antigos, principalmente dos pisos superiores; – O casco medieval e o núcleo da Madalena

<ul style="list-style-type: none"> – Presença do rio Tâmega e ocorrências arqueológicas são inestimáveis valores estruturantes da área em estudo; – Estão presentes no Centro Histórico as principais estruturas de centralidade (principais equipamentos públicos); – Análise funcional do edificado manifesta uma área em estudo rica em termos de sobreposição de matrizes urbanas e de disseminação de funções; – Eixos comerciais (radiais que partem do Largo do Arrabalde) induzem interessante vivência ao nível do rés-do-chão; – Globalmente, a volumetria e a gramática do edificado no casco antigo são coerentes; – Encontra-se agilizado, por iniciativa municipal, o processo de acompanhamento de obras face ao eventual aparecimento de vestígios arqueológicos. – Encontram-se em curso acções tendentes à restrição da circulação de viaturas particulares e a construção de estacionamento próximo ao Centro Histórico; – Espaço público (Terreiro de Cavalaria, Largo General Silveira, Arrabalde, Madalena) é fortemente apropriado pela população como espaço de estadia; – É possível a articulação do espaço público existente com o espaço livre dos logradouros. 	<ul style="list-style-type: none"> manifestam elevado nível de obsolescência; – Condicionamento relativo ao substrato arqueológico dificulta a vontade de intervir no edificado, tendo conduzido por vezes à auto transformação sem licença; – A reabilitação funcional do edificado nem sempre corresponde a intervenções muito criteriosas (revestimentos, vãos, etc.). – Espaços de estadia periféricos em relação ao casco histórico não dispõem de rede de acessos claramente definida; – A tipologia dominante do edificado, associada à degradação do mesmo e ao envelhecimento da população do centro histórico, condiciona a substituição geracional; – O tráfego rodoviário é a principal fonte de ruído do Centro Histórico; - Existem dificuldades no acesso a diversos edifícios monumentais, nomeadamente uma deficiente coordenação dos horários de visita; - Falta de espaço único de recepção dos visitantes, onde possa ser recolhida e visionada toda a informação relativa à cidade e região (centro interpretativo da região); - Falta de um evento cultural com projecção nacional e internacional.
--	--

Concluída a análise SWAT, onde foram identificadas outras carências, além das já detectadas através da análise dos inquéritos, está-se agora em condições de estabelecer, de uma forma sugestiva e aberta à discussão, e porque a estratégia é um processo racional, negociado e em evolução permanente, algumas estratégias que possam colmatar as referidas carências, para que no centro histórico de Chaves se possa implementar uma política cultural, tendente à sua revitalização cultural sustentada, não descurando a vertente económica que é fulcral e importante em cidades do interior, constituindo, na maior parte das vezes, uma fonte de receita

essencial, convertendo-o num destino turístico e cultural relevante, construído com base em princípios de autenticidade e qualidade.

Em suma, pretende-se um Centro Histórico como exemplo de diálogo e coexistência de distintas culturas, pois a interculturalidade é uma constante. Por um lado, o património local e por outro, temos que considerar a presença de pessoas vindas, em turismo ou em visita, de diversos países e culturas, que são o garante da convivência intercultural possibilitando o enriquecimento os seus habitantes e locais.

Portanto, o Centro Histórico não é uma unidade isolada do resto da cidade, ele é parte integrante da cidade, é o local de fundação da mesma, e por isso mesmo as políticas culturais atinentes à sua revitalização têm que ter em linha de conta os seus habitantes, com os seus modos de estar e de pensar no seu dia-a-dia, bem como, os seus visitantes que o irão descobrir em todas as suas facetas, carregadas, se possível, de toda a sua originalidade. O objectivo é preparar o Centro Histórico por forma a convertê-lo num destino turístico e cultural importante.

9.3. Definição de estratégias para o Centro Histórico de Chaves

Depois de perscrutado os questionários realizados, iremos delinear algumas estratégias para as carências detectadas que marcadamente possuem um cunho mais cultural, deixando de lado aspectos que têm a ver com segurança, limpeza e manutenção, uma vez que estas anomalias detectadas fazem parte das competências diárias da autarquia, que decerto estará atenta ao manifestado em inquérito.

Sinalização dos monumentos e placas identificativas dos mesmos – Aquando da execução e posterior aplicação do inquérito, estes dois factores constituíam duas anomalias detectadas pelo autor do inquérito, que achou por bem ouvir a opinião dos inquiridos. No entanto, e já após a aplicação do inquérito estas duas situações, foram superiormente debeladas pela autarquia local, que colocou uma excelente rede de sinalética por toda a cidade, ao mesmo tempo que eram colocadas placas identificadoras em alguns monumentos do CH, mas que se irão espalhar por todo o

património construído no CH, bem como, em outros locais da cidade. No entanto, poder-se-ia lançar um concurso de *design* de carácter inovador e atrevido, com vista à modificação da sinalética de edifícios e lugares.

Acessibilidade e mobilidade – A acessibilidade e a mobilidade a pessoas com mobilidade reduzida constituem uma das principais preocupações que, hoje em dia, se apresentam aos projectistas urbanos. Esta preocupação, estará sempre latente no desenho de cada rua, avenida ou edifício projectado para as cidades. Os equipamentos culturais também não fogem à regra da adaptabilidade para este tipo de públicos, e se nos equipamentos novos este desiderato já faz parte dos cadernos de encargos, nos antigos edifícios deverão ser encontradas soluções de adaptabilidade, de modo a minimizar estes impactos negativos, para todos aqueles que sofrem de mobilidade reduzida ou condicionada.

Outro aspecto essencial, em termos de acessibilidade de públicos, tem a ver com a acessibilidade inclusiva. Melhorar o acesso à cultura, aos museus e às suas colecções e a todos os organismos culturais por parte dos visitantes com necessidades especiais, deve constituir-se como uma das prioridades principais para a revitalização do CH de Chaves. No entanto, numerosos obstáculos impedem a plena fruição do património cultural, seja através de inúmeras barreiras arquitectónicas, que surgem ao longo de um percurso expositivo, seja através de deficiências de comunicação diversas, que se revelam na documentação de apoio e contextualização de exposições e acontecimentos, assim como, na sinalética e na identificação dos objectos.

Por último, seria importante começar a dotar a cidade no seu âmago de corredores de circulação para ciclomoteres, procurando o fomento do uso da bicicleta nas artérias do CH. Outra medida adicional, seria a criação dos domingos e feriados sem trânsito no centro histórico, promovendo-se o trânsito pedonal nestes dias, incorporando os espaços públicos, abertos ou fechados, como por exemplo átrios, para a realização de

concertos, exposições, espectáculos de magia e ilusionismo (La cultura transforma el centro, 2010).

Diversificação na programação de eventos – A maioria das autarquias do país, efectua um planeamento e uma programação cultural como forma de animação dos centros históricos. A maior parte das vezes, essa programação é auto planeada e feita de acordo com os critérios que a autarquia põe ao dispor do programador. Esses critérios podem, no entanto, condicionar a programação executada aos gostos de duas ou três pessoas que fazem parte das estruturas culturais das autarquias. Com isto, não se pretende dizer que seja incorrecta esta forma de programação, porque na maior parte das ocasiões é a única hipótese que resta aos referidos elementos. O que falha na parte da programação é que quase nunca, salvo excepções que as haverá por certo em muitas autarquias, são feitos estudos de opinião em relação aos gostos culturais dos públicos a quem ela é dirigida.

A diversificação programática de eventos deve ser um dos factores estruturantes a ter em conta na criação e produção de eventos para o centro histórico. Os resultados do inquérito mostraram uma ampla diversidade de preferências e gostos, no tocante a eventos que as pessoas gostariam de ver reproduzidos no centro histórico. Assim, é importante que os programadores culturais tentem diversificar o mais possível o tipo de eventos a programar para aquele espaço. As preferências evidenciadas no inquérito foram os concertos, o teatro, os espectáculos ao ar livre, o cinema, os passeios históricos organizados pelo Centro Histórico, etc. Curiosamente, foi amplamente manifestada a vontade dos respondentes em que houvesse cafés ou bares com música ao vivo, esta preferência contou com 49% das respostas obtidas, situação a ter em conta para o desenvolvimento cultural do centro histórico.

No que a programação diz respeito, a diversificação cultural, tem como consequência o aparecimento de uma mentalidade culturalmente viva. O termo culturalmente viva, implica aqui uma disseminação cultural genérica e não apenas quantitativa.

A questão do antigo cineteatro de Chaves – Os anos de 1940/50 do século XX foram verdadeiros motores democráticos da cultura. Democrático, porque foi nessas décadas que nasceram muitos dos cineteatros em cidades e vilas do interior. Estes espaços funcionaram como verdadeiros veios transmissores de informação e cultura. O antigo cineteatro de Chaves está agora fechado e à espera de uma renovação. Face à elevada percentagem de respondentes, 85%, que é a favor da manutenção das funções originais deste antigo espaço, seria de todo útil e pertinente uma refundação das funções originais deste equipamento que tantas noites de prazer e encanto deixou na população flaviense, podendo-se mesmo referenciá-lo como um espaço charneira da cultura flaviense, um ícone cultural da cidade, onde os seus habitantes se revêem culturalmente. A criação de um ícone cultural, evento de referência ou equipamento de referência, é uma das estratégias a que as principais cidades mundiais recorrem para impulsionar os fluxos de visitas e estadias dos turistas e visitantes nos centros históricos.

Normalmente, um ícone cultural, surge associado a um determinado património, carregado de uma forte simbologia histórica e com uma grande carga de memória passada, ligada a um povo ou local. Em cidades modernas, onde as referências históricas são muito recentes, não se encontrando tipificados quaisquer elementos históricos em nenhum equipamento patrimonial, principalmente em cidades novas ou muito recentes, caso das cidades periféricas das grandes urbes, facto pelo qual, o ícone cultural surja por vezes associado a tradições ligadas ao património artesanal ou gastronómico, gerador de feiras e mostras que chamam a si um grande número de visitantes.

A tendência que se tem verificado, principalmente desde a década de 90 do século passado e inícios do século XXI, é a “fabricação” de ícones culturais ligados a grandes eventos, alguns que se foram afirmando, ano após ano, surgindo quase de forma espontânea, como são os casos dos festivais de música de Paredes de Coura e de Zambujeira do Mar no Alentejo.

Criação de uma associação para a gestão cultural do centro histórico - Os centros históricos são, na sua grande maioria, geridos pelas chamadas SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana), normalmente ligadas às autarquias, e por outras associações que têm por missão a animação do comércio tradicional e a animação de rua. No caso de Chaves, existe uma associação denominada ProCentro cuja função está virada para o comércio tradicional e animação de rua no CH.

A dinamização cultural efectiva resulta da conjugação de vários factores que, devidamente geridos por uma equipa profissional atenta e dinâmica, conduzirá a que se fomentem novas estratégias, de planeamento e desenvolvimento para o centro histórico, de uma maneira sustentada e inovadora. Esta premissa passa pela criação de uma associação ou organismo de gestão cultural para o centro histórico. A ela caberia o estudo e desenvolvimento de estratégias para fomento do centro histórico a nível cultural. Esta associação poderia intervir a vários níveis:

- Ao nível do arrendamento de espaços no centro histórico a jovens artistas, desenhadores gráficos, criativos de moda, arquitectos, engenheiros, informáticos, etc., co-working e espaços compartilhados por associações e grupos de artistas, tornando-se naquilo a que se poderia apelidar “*imobiliária cultural*”, negociando espaços e contratos de arrendamento com proprietários de lojas fechadas, que assim, tirariam algum rendimento desses mesmos espaços, negociando contrapartidas vantajosas para ambas as partes (La cultura transforma el centro, 2010);
- A sua intervenção passaria também pela criação de um site *web* único de divulgação cultural da cidade e concelho. Com uma sede existente num espaço físico, onde se possa receber propostas e actualizar conteúdos. A actualização terá que ser diária, assim como possibilitar a recolha de dados *online* de todos os agentes culturais (La cultura transforma el centro, 2010);
- Pela publicação de uma agenda cultural própria, com qualidade gráfica, que se torne uma referência para os cidadãos e para os turistas. Seria distribuída de forma gratuita em espaços públicos e privados (La cultura transforma el centro, 2010);

- Pelo incentivo de um *cluster* de indústrias criativas no CH, tipo laboratórios criativos, que potenciem toda a criatividade e imaginação dos criativos mais jovens desta cidade e, desta maneira, fixá-los em Chaves, evitando-se assim, que procurem outros lugares e cidades para desenvolverem os seus projectos.

As indústrias criativas são um importante veículo de desenvolvimento e uma importante fonte de receitas para as cidades. Nos últimos anos, as indústrias criativas estabeleceram-se como um decisivo veículo de desenvolvimento económico e social, com uma reforçada posição ao nível do comércio mundial de todos os países, desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. 25% a 30% da mão de obra, dos países industrializados do mundo, trabalham no sector criativo em diversas áreas do conhecimento, tais como a economia, o turismo, as engenharias, as ciências, as tecnológicas, as artes, a música, a cultura o *design*, etc.⁸

O associativismo presente no centro histórico - A maior parte das associações que existem no CH de Chaves são associações “de cidade” e não de bairro. Distingue-se aqui, estes dois tipos de associações. Enquanto as associações de bairro centram o seu objectivo no bairro, as de cidade, amplificam o objectivo a toda a comunidade.

109

A participação das associações presentes no núcleo do CH no planeamento e desenvolvimento cultural do CH da cidade tem sido reduzida. Torna-se pois, necessário trazer estas associações para o primeiro plano da acção e incentivá-las a participarem na construção de uma nova ideologia cultural para o CH, fomentando a arte pública, a realização de concertos de música suportados pelo coral de chaves, trazer a experiência do TEF (Teatro Experimental Flaviense), cuja história no teatro flaviense é já vasta, tendo sido fundado em 1980, na tentativa de produzir espectáculos de teatro de rua, aproveitando toda a experiência e saber acumulados deste grupo de reconhecido mérito tanto local como nacional.

Com a colaboração do grupo *Aquae Flaviae*, promover colóquios e conferências sobre a história local, antiga e moderna, bem como fomentar debates participados pela

⁸ http://www.planotecnologico.pt/document/Doc_8.pdf

população local sobre os mais variados temas da região. É importante que este tipo de iniciativas não se realizem esporadicamente, mas pelo contrário que haja uma certa continuidade, de modo a não se perder o espírito e conclusões desses encontros.

Como objectivo principal a atribuir a estas associações está o aproveitamento do espaço público, onde se exporá toda a criatividade e saber acumulados ao longo de anos.

A realização de um mercado de ideias, desfiles de moda, feira de empreendedores, arte de rua, teatro de rua, dança, música, são algumas das possibilidades que se oferecem às diversas associações existentes no núcleo do CH, com o intuito de promover a sua participação no desenvolvimento e revitalização cultural do CH de Chaves, (La cultura transforma el centro, 2010).

Região Gastronómica - Criação de laboratórios culinários perto do CH. Aproveitando edifícios abandonados e transformá-los de forma a possibilitar o acolhimento deste tipo de laboratórios. Os restaurantes, cafés, pastelarias e tascas tradicionais, também poderiam ser envolvidos neste tipo de actividades, pois a gastronomia está na moda no seio da juventude, e é hoje em dia uma das formas turísticas que se tem incrementado de maneira exponencial, (La cultura transforma el centro, 2010).

A associação ou organismo atrás referenciado poderia potenciar a divulgação e proliferação da variedade gastronómica da região, nomeadamente através da criação de um Festival Gastronómico e de Petiscos, recorrendo a praças e locais históricos para a realização de degustações gastronómicas reforçando, assim, o uso do centro histórico e dos seus locais. A ideia seria a de criar um evento cultural marcante com projecção nacional e internacional, (La cultura transforma el centro, 2010).

Outra alternativa para a realização deste evento seria a criação de um parque temático de gastronomia onde estivesse representada toda a gastronomia local de qualidade, como critério principal na confecção e no atendimento, induzindo o estabelecimento de um roteiro do tipo tascas regionais. As ideias-chave deste tipo de projecto seriam a saúde e a alimentação, a dieta mediterrânica, os hábitos saudáveis de consumo, os

produtos ecológicos e a aprendizagem de técnicas de culinária. Teríamos assim, a gastronomia como uma forma mais de cultura própria e de intercâmbio cultural e educativo, (La cultura transforma el centro, 2010).

Criação de zonas temáticas – À semelhança daquilo que se fazia na idade média, e tirando as devidas lições daquilo que a história nos fornece, em que as ruas das cidades e vilas, principalmente das primeiras, eram divididas por ofícios. Assim, é comum encontrar em cidades de cariz medieval a rua dos caldeireiros, a rua do sal, a rua do ouro, a rua da prata, a rua dos ferreiros, etc. No CH de Chaves poder-se-ia, da mesma forma, criar ruas ou zonas temáticas, tais como: a rua ou zona da criatividade; da música e da cultura; dos artesãos e actividades artesanais e a rua ou zona artística e das galerias de arte (possivelmente na zona de implantação da Fundação Nadir Afonso).

Além de lhe conferir um certo encanto e diversidade temática, seria mais fácil de perceber pelo visitante ou turista que, através de um mapa devidamente concebido para o CH, mais rapidamente se orientaria para os pontos de interesse, transformando o CH num verdadeiro centro comercial e turístico ao ar livre.

Criação do centro interpretativo da cidade e da região - Criação de um centro de interpretação e investigação da região flaviense, sedado no bairro da Madalena. Seria um espaço direccionado para o estudo, a aprendizagem e a divulgação de todos os tipos de manifestações patrimoniais da região, um ponto de convergência para o conhecimento teórico e prático das raízes transmontanas e centro de intercâmbio de culturas e regiões.

A criação do Centro de Interpretação no Município de Chaves apresenta-se como uma oportunidade para explorar uma relação de interacção cultural, didáctica e lúdica com o público-alvo, cujo objectivo final corresponde a uma forma diferente de divulgar e salientar o enquadramento cultural típico da região de Chaves. Através de um conjunto de tecnologias interactivas e inovadoras, seria possível despoletar uma

“vontade de experimentar” tornando os visitantes permeáveis à recepção de conceitos e conhecimentos que se pretendesse transmitir.

A Interactividade é uma condição da comunicação na qual ocorrem continuamente trocas que comportam forças de ligação social. O conceito de interactividade encontra-se relacionado com motivação, divertimento, conhecimento, aprendizagem, abertura, e socialização. As instalações interactivas podem funcionar como um substituto para a socialização e permitem às pessoas satisfazer a sua necessidade humana de interagir.

Com instalações interactivas possibilita-se ao visitante destes espaços um conjunto de experiências inovadoras que dificilmente terão oportunidade de experimentar em outros ambientes. O Centro Interpretativo da cidade e da região teria, assim, potencial para se tornar uma referência nacional e internacional na rede de centros exploratórios de ênfase das componentes regionais, ambientais e paisagísticas.

Em suma, com a sua criação proporcionar-se-ia uma visão abrangente e integral da região nos seus mais diversos aspectos sociais e económicos. Através dele, divulgar-se-ia a história da região, dar-se-ia a conhecer o património natural, cultural e religioso, a gastronomia, o artesanato, os costumes e as tradições, bem como, se poderia sugerir itinerários turísticos.

O Rio Tâmega e as suas margens – Depois da excelente recuperação que foi feita nas margens do Rio Tâmega pelo Programa Polis, que recuperou para a cidade e os seus habitantes as margens do rio, dotando-as de magníficos espaços verdes e corredores pedonais, seria agora interessante criar um conceito de arte pública nas suas margens, através de concursos de estruturas artísticas, cujos elementos interactuassem com o vento gerando sons. Estes concursos seriam devidamente publicitados, nacional e internacionalmente, de forma a atrair comunidades de jovens de outros locais, dispostos a se deslocar à cidade, aos fins-de-semana, para participar nos mesmos, (La cultura transforma el centro, 2010).

Criação de passeios ou rotas temáticas dentro do perímetro do CH de Chaves – A melhor forma de se dar a conhecer um centro histórico é indo ao encontro dos seus segredos e fascínios palmilhando todos os seus trilhos, visando sobretudo reforçar a cultura como factor de desenvolvimento, tendo em conta a valorização do património da região através da promoção de rotas ou itinerários culturais.

Partindo do património flaviense existente no CH, criar rotas de visita de maneira a expô-lo e dá-lo a conhecer, salvaguardando-o e protegendo-o ao mesmo tempo, contribuindo assim, para uma eficaz divulgação e informação ao residente e ao visitante (ver exemplo no anexo 2).

Este tipo de oferta cultural seria disponibilizado no posto de turismo e na rede de museus, por exemplo aos fins-de-semana, mas principalmente, poderia fazer parte da oferta cultural promovida pela empresa responsável pela gestão das termas de Chaves, uma vez que por aí passam anualmente milhares de aquistas, que por certo, acolheriam com agrado uma proposta de visita guiada ao património flaviense.

A reconversão do Museu Militar situado na Torre de Menagem do Castelo de Chaves – Em 1978, aquando das "Comemorações dos XIX Séculos do Município de Chaves", foi constituído este museu, na Torre de Menagem, no qual se intenta retratar um pouco da história e feitos de personagens locais. A sua inauguração oficial deu-se em 30 de Maio de 1978.

De então para cá a exposição não sofreu qualquer intervenção, pelo que o museu já carece de uma reconversão em termos de discurso expositivo, uma vez que há mais de 30 anos que quem o visita encontra sempre o mesmo discurso. Essa reconversão passaria por um novo discurso expositivo, mais atractivo e consentâneo com a temática do edifício, que é o medievalismo. Propõe-se a criação de uma exposição ousada, dinâmica e inédita a nível nacional, que estaria relacionada com o processo e os rituais de tortura utilizados na idade média, abrangendo a própria inquisição. Recorrendo aos mais modernos sistemas virtuais e aproveitando a ambiência que a própria estrutura oferece, poder-se-ia desenhar um discurso museológico pedagógico

e inovador, com suficiente capacidade de atractividade turística, o que constituiria um excelente recurso para a cidade e região.

Outras estratégias a implementar – Para complementar as estratégias que até agora foram dirimidas, a plena e sustentada revitalização cultural do CH de Chave requereria a flexibilização dos horários de visita; a existência de maior número de guias para visitas com a devida formação; o aumento dos usos culturais do património religiosos com exposições e concertos, por exemplo na Igreja Matriz realizar concertos de órgão, convidar organistas a realizar concertos em Chaves; melhorar a sinalização e iluminação interior dos espaços culturais assim como na envolvente externa; preparar e executar visitas teatralizadas (castro de Curalha, torre de menagem, museus). Importante também seria desenvolver o conceito de arte nas ruas de maior passagem, através de pintores, músicos, actividades lúdico-recreativo, etc. A cidade poderia converter-se num cenário artístico; criar espaços para crianças onde aprendam e apreendam, contactando com a arte como uma forma de diversão, tanto na rua como em recintos fechados; produzir exposições de artes alternativas. No que respeita ao consumo da arte, quanto maior for a oferta melhor, não existe concorrência neste meio, tudo gera sinergias, (La cultura transforma el centro, 2010).

Por último, poder-se-ia dotar o bairro da Madalena de um parque de estacionamento para autocarros, pois esta margem funcionaria como a porta de entrada ao centro histórico, sendo também o lugar onde se iria implementar o centro interpretativo da cidade e região flaviense.

CONCLUSÃO

No início deste estudo, foi delineado analisar até que ponto a cultura, e os factores culturais, seriam determinantes na revitalização do Centro Histórico de Chaves.

Sabe-se hoje, que a cultura ganha uma enorme importância estratégica na redefinição dos espaços públicos, funcionando como o catalisador da actividade desses mesmos espaços, e falamos não só a nível cultural, mas também a nível económico, social e de relações interpessoais.

As cidades tendem a ser planeadas não só atendendo ao seu conceito formal, mas principalmente quanto ao seu aspecto funcional. O projecto urbano orienta a funcionalidade aos seus habitantes constituindo-se como o factor determinante do sucesso de um planeamento eficaz e versátil, onde os factores culturais jogam um importante papel, pois é através deles que se irá reflectir o grau de satisfação dos residentes e visitantes. Daí que, um planeamento e uma programação cultural diversificada e de qualidade, seja um requisito constante para se manter uma cidade culturalmente activa e com bons padrões de qualidade de vida dos seus residentes.

Chaves, segundo os últimos dados do Instituto do Turismo de Portugal, é a cidade de Trás-os-Montes que mais turismo recebe anualmente. As termas de Chaves são um grande atractivo para o turismo sénior e de saúde, o património cultural, o natural, o gastronómico e o paisagístico constituem outros dos atractivos.

Quando se partiu para este estudo, foi definido à partida que ele iria funcionar como uma pesquisa exploratória sobre as carências culturais existentes no CH de Chaves. Não se pretendeu fazer um estudo aprofundado sobre as soluções culturais para o CH, daí que se construiu um tipo de questionário exploratório onde os respondentes manifestariam as suas opiniões sobre o existente e sobre aquilo que gostariam que fosse a programação cultural do CH.

No início deste trabalho, começamos por estabelecer o quadro teórico, tendo como cenário os centros históricos e a cultura.

Na primeira parte, procurámos documentarmo-nos acerca da questão dos centros históricos, principalmente de todas as convenções e cartas que foram emitidas a respeito por vários organismos, tais como, a Carta de Atenas; a Carta de Veneza – Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios; a Carta Europeia do Património Arquitectónico; a Recomendação de Nairobi pela UNESCO e a Carta Internacional de Salvaguarda de Cidades Históricas do ICOMOS.

Foi feita também uma revisão da literatura relativa a estes assuntos, onde o foco de atenção se centrasse na cultura como motor fulcral da revitalização de centros históricos de maneira a que nos ajudasse a contextualizar melhor e a situar a nossa investigação empírica. No entanto, relativo a este assunto a literatura, é ainda muito deficitária e escassa.

No desenvolvimento da investigação, verificámos que existe uma percepção por parte dos inquiridos, de que o CH de Chaves comporta algumas carências culturais, no domínio estrutural e da programação, aos quais deve ser dada uma resposta.

Na segunda parte, seguiu-se o estudo empírico, cujos resultados nos permitiram concluir que, efectivamente, e respondendo à pergunta de partida **“Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?”**, o centro histórico de Chaves apresenta várias carências culturais que poderão ser determinantes para a sua revitalização cultural, e ajudar à sua reabilitação sustentada como zona de excelência que é, nomeadamente no âmbito da fixação de residentes e no aumento da sua frequência pela população em geral, bem como por visitantes.

Este estudo atingiu os objectivos principais que foram definidos à partida, como foi o caso de saber a opinião dos frequentadores do CH de Chaves quanto a tipos de eventos que gostariam de ter no mesmo. Concluiu-se que a predisposição dos respondentes em relação aos eventos era muito variável o que torna imperioso o

reequacionamento de todas as políticas programáticas estabelecidas para o CH. É fundamental que se façam, futuramente, mais estudos de opinião, que funcionarão como uma ferramenta de suporte à produção e programação de eventos.

Outro objectivo que foi plenamente atingido foi o de saber o que pensavam os residentes sobre a futura Fundação Nadir Afonso. Considerariam este equipamento útil e vanguardista para a cidade? A julgar pelas respostas, a expectativa em relação a esta fundação é grande.

Na terceira parte, expusemos algumas estratégias que se poderiam implementar no CH de Chaves de modo a tentar colmatar as carências encontradas e a dinamizar de uma maneira criativa e dinâmica, as actividades culturais realizadas pela autarquia ou privados.

Concluimos, confirmando que uma gestão eficaz, criteriosa e responsável tem de ter como horizonte a sustentabilidade do projecto cultural, e isso consegue-se, através da delineação de uma política cultural voltada para as pessoas e para a cidade, que tenha em conta a sua identidade cultural.

Para futuros estudos, deixa-se em aberto a possibilidade de uma investigação mais exaustiva sobre esta problemática cultural ligada à revitalização do CH de Chaves, que interligue o turismo com a cidade e os seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, Nicola. (2007). Dicionário de Filosofia. Editor: Martins Fontes.

Albuquerque, Luísa Arroz. (2006). Cidades e Criatividade: o desafio das políticas municipais. Comunicação apresentada ao Congresso “Turismo Cultural, Território & Identidades”, Leiria.

Disponível em:

<http://www.cidadeimaginaria.org/cc/Cidadescriativas.pdf>

[Consultado em 29/08/2010].

Azevedo, Liliana. (2006). “A urgência da preservação da identidade do centro histórico de Coimbra”.

Disponível em:

<http://pensamentosgeograficos.blogspot.com>

[Consultado em 14/08/2010].

Carvalho, Jorge. (2003). Ordenar a cidade, Quarteto Editora, Coimbra.

Chandler, A. (1962). Strategy and Structure, MIT Press, Cambridge.

Choay, Françoise. (1998). O urbanismo, utopia e realidades de uma antologia. S. Paulo: Editora Perspectiva S.A.

Choay, Françoise. (2000). A alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, Col. Arte e Comunicação.

Coelho, António Baptista. (2006). “ Mobilidade no centro histórico – o caso de Coimbra, artigo de Sidónio Simões”.

Disponível em:

<http://infohabitar.blogspot.com>

[Consultado em 12/06/2010].

Corvacho, Nuno. (2005). “O deserto escondido no miolo das cidades”. Público, edição de 3 de Outubro.

Costa, Vasco Martins. (2005). Património e cidade. Factores de identidade e planeamento urbano in FEUP/DGEMN, 2º seminário – A intervenção no património - práticas de conservação e reabilitação.

Cunha, Maria Luísa S. Oliveira. (1999). A intervenção na cidade existente.

Disponível em:

http://www.ipv.pt/millennium/pers13_6.htm.

[Consultado em 11/08/2010].

Deffner, Alex e Metaxas, Theodore. (2005). Shaping the vision, the identity and the cultural image of European places, 45th Congress of European Regional Science

Association “Land Use and Water Management in a Sustainable Network Society” Vrije Universiteit Amsterdam.

Dordio, Paulo. (2008). Chaves e as suas Fortificações. Arquehoje.

Eliot, T. S. (2002). Notas para uma definição de Cultura. Lisboa. Edições Século XXI.

Esteves, João Pissarra. (2003). Espaço Público e Democracia. Lisboa. Edições Colibri.

Fadigas, L. (1991). “Centros Históricos – O que são e como se transformam”.III Jornadas Sobre el Paisage; Segovia.

Fernandes, Maria de Fátima. (2004). “O impacto das grandes superfícies retalhistas no comércio tradicional em Bragança”; Dissertação de Mestrado em Gestão de Empresas com Especialização em Marketing, Universidade do Minho, Braga.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. (2000). Os significados urbanos. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP.

Ferreira, Ana; Costa, Carlos. (2006). Novos turistas no centro histórico de Faro. Análise Social, vol. XLI (180),767-799.

Disponível em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n180/n180a04.pdf>

[Consultado em 12/11/2009].

119

Ferreira, Claudino. (1998). “Processos culturais e políticas de formatação de um mega-evento: do movimento das exposições internacionais à Expo’98 de Lisboa” in Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (orgs.), Projecto e circunstância. Culturas urbanas em Portugal. Porto: Afrontamento.

Ferreira, Claudino. (2002). “Intermediação cultural e grandes eventos. Notas para um programa de investigação sobre a difusão das culturas urbanas”, Oficina do CES, 167.

Ferreira, Maria João, Campos, Pedro. (n.d.). “Dossiês Didáticos – O Inquérito Estatístico”.

Disponível em:

<http://homepage.ufp.pt/cmanso/ALEA/Dossier11.pdf>

[Consultado em 8/05/2010].

Ferreira, Vítor Matias. (1997). (Org.). Lisboa, a metrópole e o rio. Centralidade e requalificação das frentes de água. Lisboa: Bizâncio.

Fortuna, Carlos & SILVA, Augusto Santos (orgs.). (2002). Projecto e circunstância: culturas urbanas em Portugal. Porto, Edições Afrontamento.

Fortuna, Carlos. (1997). “Destradicionalização e imagem da cidade - o caso de Évora” in Carlos Fortuna (org.), Cidade, Cultura e Globalização. Oeiras: Celta.

Fortuna, Carlos. (1999). Identidades, percursos, paisagens culturais. Oeiras: Celta.

Fortuna, Carlos. (2003). Intermediários culturais, espaço público e cultura urbana- um estudo sobre a influência dos circuitos culturais globais em algumas cidades portuguesas (Relatório de investigação/2003).

Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/nucleos/cidades/pdfs/relatorio_projecto_intermediarios_culturais.pdf

[Consultado em 10/07/2010].

Frias, Aníbal e Peixoto, Paulo. (2001). “Esthétique urbaine et jeux d’échelles: expressions graphiques et images du patrimoine au sein du monde universitaire de Coimbra”. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*.

Fuente, M. J. (1999). Dicionário de Historia Urbana y Urbanismo.

Garcia, Beatriz. (2004). Cultural Policy and Urban Regeneration in Western European Cities: Lessons from Experience, Prospects for the Future, Local Econ., Vol. 19. Nº 4.

GOITIA, F. Chueca. (2003). Breve História do Urbanismo, Editora Presença Lisboa.

Henriques, Cláudia. (2003). Turismo Cidade e Cultura. Planeamento e Gestão Sustentável. Edições Silabo. Lisboa.

120

Hill, M. M., Hill, A. (2000). Investigação por Questionário, Lisboa, Edições Sílabo.

Jornal Público.(2008).

Disponível em:

http://www.publico.pt/Cultura/chaves-anuncia-candidatura-a-patrimonio-mundial-da-humanidade_1339612

[Consultado em 10/09/2010].

Junior Carl McDaniel, Gates Roger. (2005). Fundamentos de Pesquisa de Marketing Edição/reimpressão: 2005 Páginas: 336 Editor: Livros Téc. e Cient. Editora.

Kong, Lily. (2000). Culture, Economy, Policy: trends and developments, Geoforum 31.

Lamas, José M. Ressano Garcia (1992), Morfologia urbana e desenho da cidade, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian.

La cultura transforma el centro. (2010).

Disponível em:

http://www.zaragoza.es/contenidos/participacion/centrohistorico/revitalizacion_centro_hco.pdf

[Consultado em 08/05/2010].

Lamy, Yvon. (1996). “Des usages du mot aux syntaxes scientifiques”, in Yvon Lamy (org.), *L’alchimie du patrimoine - discours et politiques*. Talence: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme d’Aquitaine.

LYNCH, Kevin. (2009). *A Imagem da Cidade*. Edições 70, Lisboa.

Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Afrontamento.

Lopes, João Teixeira. (2003). *Escola, território e políticas culturais*. Porto. Campo das Letras.

Lopes, João Teixeira. (2003). Políticas culturais públicas na Europa, revista Janus, Disponível em:

http://www.janusonline.pt/2003/2003_1_4_13.html.

[Consultado em 28/06/2010].

Madeira, Cláudia. (1999). *Novos notáveis. Os programadores culturais*. Lisboa: ISCTE (Dissertação de Mestrado).

Disponível em:

http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df75d1d543_1.PDF

[Consultado em 11/08/2010].

Magalhães, A. A. (2000). *Reabilitação Urbana em Lisboa – Uma abordagem ao Núcleo Antigo da Cidade; Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Planeamento Regional e Urbano; Universidade Técnica de Lisboa; Lisboa*.

121

MIRANDA, Jorge. (2006). *Notas sobre cultura, Constituição e direitos culturais*.

Disponível em:

<http://www.fd.ul.pt/Portals/0/Docs/Institutos/ICJ/LusCommune/MirandaJorge.pdf>

[Consultado em 16/06/2010].

Modelos de Gestão. (2006). *Soluções institucionais para as cidades históricas / red. Paulo Pinho, Sílvia Sousa; trad. Susana Vilarchao Fragueiro. - Ed. Bilingue . - [S. l.] : Atlante*.

Nicolau, Isabel. (2001). *O conceito de Estratégia*.

Disponível em:

<http://ee.dcg.eg.iscte.pt/conceito%20estrategia.pdf>

[Consultado em 28/07/2010].

OLIVEIRA, Lúcia. (2006). *Identidade Cultural*. [Versão electrónica].

Disponível em:

<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>

[Consultado em 15/08/2010].

Peixoto, Paulo. (2000). “Gestão estratégica das imagens das cidades: análise de mensagens promocionais e de estratégias de marketing urbano”. Revista Crítica de Ciências Sociais, 56, 99-122.

Peixoto, Paulo.(2003). “Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades”. Acedido na internet em 22 de Janeiro de 2010).

Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo511.pdf>

[Consultado em 23/11/2009].

PELLAMIN, Vera M. (2002). Cidade e Cultura – Esfera pública e transformação urbana. Coordenação Maria Ludemann – São Paulo.

Pestana, M. H.; Gageiro, J.N. (2000). Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS. Edições Silabo, Lisboa.

Pinho, Dora Raquel. (2007). “Regeneração e elementos culturais: desenho urbano e autenticidade em contexto de globalização”; Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, Lisboa.

PINTO, José Madureira. (1995). Intervenção Cultural em espaços públicos. Em Cultura & Economia: Actas do Colóquio realizado em Lisboa, 9 - 11 de Novembro 1994.

Maria Lourdes Lima dos Santos (org.). Lisboa. Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

122

Reis, Elizabeth. (1997). Estatística multivariada aplicada. Edições Silabo, Lisboa.

Revilla, M. (2003). Valor y uso del Patrimonio Arquitectónico Monumental: La función Estética: En AAVV: Desarrollo Turístico Integral de Ciudades Monumentales, 11.539-550.

Riegl, Alois. (1999). El culto moderno a los monumentos, Visor. Dis. Madrid.

Salgueiro, Teresa Barata. (1992). A cidade em Portugal – Uma Geografia Urbana, Edições Afrontamento, Porto.

Santos, M. L. Lima dos (org.). (1998). As políticas culturais em Portugal. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.

Saraiva, António José. (2003). O que é a Cultura. Ed. Gradiva. Lisboa.

Silva, A. S. et al. (2000). Públicos para a cultura na cidade do Porto. Porto: Afrontamento e CMP

Silva, Augusto Santos. (1995). “Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano. Uma análise de seis cidades portuguesas”, in Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), Cultura e economia. Actas do Colóquio realizado em Lisboa, 9 - 11 de

Novembro de 1994. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Outros documentos

Carta de Atenas (1931) – Sobre Salvaguarda de Monumentos

Carta de Veneza (1964) – Carta internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e sítios

Programa de acção para a regeneração urbana do centro histórico de chaves - mais chaves – valorização do centro histórico.

Programa Polis – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades, (2002), Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território.

Sites consultados

http://www.fpce.uc.pt/niips/spss_prc/inq_amos/con_not_pre/conceitos.htm

http://www.planotecnologico.pt/document/Doc_8.pdf

SPSS: Programas e rotinas complementares (SYNTAX FILES)

<http://www.spss.com/>

Câmara Municipal de Chaves - www.chaves.pt

INE – Recenseamento geral da população e habitação – 2001 - www.ine.pt

http://www.tamagani.pt/01_apre_2.htm

<http://chaves.blogs.sapo.pt/97197.html>

ANEXOS

- I. Questionários em PT, EN e FR
- II. Rota das Igrejas
- III. Tabela de valores Z

ANEXO I – Questionário em Português

Jorge Manuel Pinheiro Leite
Telm. 96 472 6446
mppc2010@gmail.com

A revitalização do Centro Histórico de Chaves
O FACTOR CULTURA

Dissertação de Mestrado em
Planeamento e Gestão da Cultura

Chaves, Março 2010

PLANEAMENTO E GESTÃO DA CULTURA

INQUÉRITO A RESIDENTES E TURISTAS DO CENTRO HISTÓRICO DE CHAVES

O presente questionário faz parte de um estudo académico sobre a importância da cultura na revitalização do centro histórico de Chaves, realizado no âmbito do Mestrado em Planeamento e Promoção da Cultura da Universidade Portuguesa Infante D. Henrique do Porto. Este projecto pretende encontrar resposta à pergunta de partida, "Quais as carências culturais do Centro Histórico de Chaves, determinantes para a sua revitalização?". Procurou-se que o seu preenchimento fosse o mais simples possível. Assim, na maior parte dos casos basta assinalar com uma cruz a opção ou opções que mais se adequam. Nos restantes casos, bastará responder por escrito nos campos para tal destinados. Em caso de dúvida no preenchimento, contacte por favor: Jorge Manuel Pinheiro Leite (tlm: 964 726 446); m a i l : **m p p c 2 0 1 0 @ g m a i l . c o m** . A sua resposta é fundamental para o sucesso deste projecto, pelo que agradeço desde já a sua colaboração.

1. DADOS GERAIS

1.1. FAIXA ETÁRIA

- 30 - 40 ANOS
- 41 - 65 ANOS
- + 65 ANOS

1.2. NACIONALIDADE

- Portuguesa
- Outra _____

1.3. SEXO

- Masculino
- Feminino

1.4. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- 12º ANO
- LICENCIATURA
- Outra _____

3.10. CONSIDERA PERTINENTE A CONSTITUIÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO DE FINS CULTURAIS PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CENTRO HISTÓRICO

- Sim
- Não
- Sem opinião

3.11. CONSIDERA CHAVES, UMA CIDADE CULTURALMENTE VIVA

- Sim
- Não
- Sem opinião

3.12. É FREQUENTADOR DAS TERMAS DE CHAVES

- Sim
- Não

Responda apenas à questão 3.13 se respondeu afirmativamente na questão anterior.

3.13. FOI-LHE SUGERIDO ALGUMA ACTIVIDADE CULTURAL PELA EQUIPA DAS TERMAS

- Sim Qual: _____
- Não

4. A FUNDAÇÃO NADIR AFONSO

4.1. SABE QUEM É NADIR AFONSO

- Sim
- Não

Responda às questões seguintes, apenas se respondeu afirmativamente na questão anterior.

4.2. CONHECE O PROJECTO DA FUNDAÇÃO NADIR AFONSO

- Sim
- Não

4.3. CONSIDERA QUE ESTE EQUIPAMENTO CULTURAL IRÁ APORTAR À CIDADE BENEFÍCIOS CULTURAIS QUE DE OUTRA FORMA SERIAM INATINGÍVEIS

- Sim
- Não
- Sem opinião

**3.7. RELATIVAMENTE A PUBLICAÇÕES/EDIÇÕES
PRODUZIDAS PARA O CENTRO HISTÓRICO, QUAIS
ENCONTROU DISPONÍVEIS (DISTRIBUIÇÃO/VENDA)**

- Folheto / Desdobrável
- Texto fotocopiado
- Roteiro / Guia
- Catálogos
- Estudos Científicos
- CD-ROM
- CD-Áudio
- DVD vídeo
- Outra _____

**3.8. QUE EVENTOS O LEVARIAM A FREQUENTAR
ASSIDUAMENTE O CENTRO HISTÓRICO**

- Concertos
- Cinema
- Verbenas
- Teatro
- Exposições
- Galerias de arte
- Espectáculos ao ar livre
- Atelier de pintura/escultura
- Arte ao ar livre
- Colóquios temáticos
- Recitais
- Passeios históricos organizados pelo C. Histórico
- Cafés com leitura de poesia
- Cafés - biblioteca (com leitura livre)
- Cafés com música ao vivo
- Outra _____

**3.9. O QUE GOSTARIA QUE FOSSE FEITO NO ANTIGO
CINE-TEATRO NUMA FUTURA RENOVAÇÃO**

- Manteria as funções originais
- Outra _____

1.5. TURISTA OU RESIDENTE (pertencente ao Concelho)

- Residente
 - No centro histórico
 - Fora do centro histórico
- Turista / Visitante

2. ASPECTOS GERAIS DO CENTRO HISTÓRICO

**2.1. COMO CLASSIFICA A LIMPEZA/MANUTENÇÃO DO
CENTRO HISTÓRICO**

- Muito boa
- Boa
- Regular
- Insuficiente

**2.2. COMO CLASSIFICA A SINALIZAÇÃO DOS
EQUIPAMENTOS E/OU MONUMENTOS**

- Suficiente
- Razoável
- Insuficiente

**2.3. COMO CLASSIFICA A IDENTIFICAÇÃO DOS
MONUMENTOS**

- Suficiente
- Razoável
- Insuficiente

**2.4. COMO CLASSIFICA A SEGURANÇA, À NOITE, PELO
CENTRO HISTÓRICO**

- Suficiente
- Razoável
- Insuficiente

**2.5. COMO CLASSIFICA A ACESSIBILIDADE A PESSOAS
COM MOBILIDADE REDUZIDA**

A) Dentro do centro histórico

- Suficiente
- Razoável
- Insuficiente

B) No interior dos principais monumentos: (museus, igrejas, ...)

- Suficiente
- Razoável
- Insuficiente

2.6. NO CENTRO HISTÓRICO, EXISTEM UNIDADES HOTELEIRAS (QUANTIDADE E QUALIDADE)

- Apenas em quantidade
- Em quantidade e com qualidade suficientes
- Alojamento insuficiente
- Sem opinião

2.7. CONCORDARIA COM O FECHO TOTAL AO TRÂNSITO DAS PRINCIPAIS VIAS NO CENTRO HISTÓRICO

- Sim
- Não
- Sem opinião

3. FACTORES CULTURAIS IDENTIFICADORES DO CENTRO HISTÓRICO

3.1. COMO CLASSIFICA OS EVENTOS PRODUZIDOS NO CENTRO HISTÓRICO

- Bons
- Regulares
- Maus
- Sem opinião

3.2. COMO CLASSIFICA A DIVULGAÇÃO DE EVENTOS PROMOVIDOS PELA AUTARQUIA

- Muito boa
- Boa
- Regular
- Insuficiente

3.3. CONHECE / LOCALIZA DENTRO DO CENTRO HISTÓRICO

- Grupo Cultural Aquae Flaviae
- Biblioteca Municipal
- Associação de Artistas Tamagani
- Arquivo Municipal
- Museu
- Termas
- _____

3.4. COMO CLASSIFICA O ATENDIMENTO NOS LOCAIS QUE VISITOU

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Insuficiente

3.5. FORAM-LHE PRESTADOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS QUE SOLICITOU

- Sim
- Não
- Mais ou menos

3.6. ASSINALE OS SUPORTES DE INFORMAÇÃO DISPONÍVEIS DURANTE AS VISITAS QUE REALIZOU A EQUIPAMENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO

- Textos de apoio
- Legenda nas peças
- Ilustrações e esquemas
- Fotografias
- Som (informação áudio complementar)
- Vídeo
- Projecções multimédia
- _____

ANEXO I – Questionário em Francês

Jorge Manuel Pinheiro Leite
Telm. 96 472 6446
mppc2010@gmail.com

La revitalisation du Centre Historique de Chaves
Le Facteur Culture

Dissertation de Master en
Planification et Gestion de la Culture

Chaves, Mars 2010

PLANIFICATION ET GESTION DE LA CULTURE

Enquête aux résidents et touristes du centre historique de Chaves.

Ce questionnaire fait parti d’une étude académique sur l’importance de la culture dans la revitalisation du Centre Historique de Chaves, réalisé, pour le master sur la planification et promotion de la culture de L’UNIVERSITÉ PORTUGAISE INFANTE D.HENRIQUE DE PORTO.

Ce projet prétend trouver des réponses à la question suivante: « Quelle sont les besoins culturels du Centre Historique de Chaves, déterminant pour sa revitalisation ?»

On a assuré que son remplissage soit le plus simple possible. Ainsi, dans la plupart des cas il suffit de cocher la/les case(s) / qui indiquent l’option qui mieux correspond à votre cas. Dans les autres situations, il suffira de répondre par écrit dans les champs indiqués pour l’effet.

En cas de doute veuillez contacter SVP : Jorge Manuel Pinheiro Leite (Tlm: 964726446) Mail: mppc2010@gmail.com
 Votre réponse est primordiale pour le succès de ce projet, je remercie d’avance votre collaboration.

1. INFORMATIONS GÉNÉRALES

1.1. ÂGE

- 30 - 40 ANS
- 41 - 65 ANS
- Plus de 65 ans

1.2. NATIONALITÉ

- Portugaise
- Autre _____

1.3. SEXE

- Masculin
- Féminin

1.4. FORMATION ACADEMIC

- Étude secondaire
- Étude universitaire
- Autre _____

3.10. CONSIDÉREZ-VOUS UTILE LA CONSTITUTION D’UNE ASSOCIATION POUR LA PROMULGATION ET LE DÉVELOPPEMENT DU CENTRE HISTORIQUE

- Oui
- Non
- Sans opinion

3.11. CONSIDÉREZ-VOUS CHAVES UNE VILLE CULTURELLEMENT ACTIVE

- Oui
- Non
- Sans opinion

3.12. FRÉQUENTEZ-VOUS LES THERMES DE CHAVES

- Oui
- Non

RÉPONDEZ À LA QUESTION 3.13, SEULEMENT SI VOUS AVEZ RÉPONDU AFFIRMATIVEMENT À LA QUESTION ANTÉRIEUR

3.13. ÉQUIPE DES THERMES VOUS A-T-ELLE CONSEILLÉ UNE ACTIVITÉ CULTURELLE

- Oui, laquelle _____
- Non

4. LA FONDATION NADIR AFONSO

4.1. SAVEZ-VOUS QUI EST NADIR AFONSO

- Oui
- Non

RÉPONDEZ AUX QUESTIONS SUIVANTES, SEULEMENT SI VOUS AVEZ RÉPONDU AFFIRMATIVEMENT À LA QUESTION ANTÉRIEUR

4.2. CONNAISSEZ-VOUS LE PROJET DE LA FONDATION NADIR AFONSO

- Oui
- Non

4.3. CONSIDEREZ-VOUS QUE CETTE FONDATION APPORTERA DES BÉNÉFICES CULTURELS QUI D UNE AUTRE MANIÈRE SERAIENT INACCESSIBLES À LA VILLE.

- Oui
- Non
- Sans opinion

3.7. QUANT AUX PUBLICATIONS /ÉDITIONS PRODUITES POUR LE CENTRE HISTORIQUE, LESQUELLES AVEZ-VOUS TROUVÉES DISPONIBLES (DISTRIBUTION/VENTES)

- Brochures
- Texte photocopié
- Routier/guide
- Catalogues
- Études scientifiques
- CD-ROM
- CD-Audio
- DVD vidéo
- Autre _____

3.8. QUEL GENRE D'ÉVÉNEMENTS VOUS FERAIT VISITER PLUS FRÉQUEMMENT LE CENTRE HISTORIQUE

- Concerts
- Cinéma
- Kermesses
- Théâtre
- Exposition
- Galeries d'arts
- Spectacles au plein air
- Atelier de peinture/sculpture
- Art au plein air
- Conférences thématiques
- Récital
- Promenades historiques organisées par le centre historique
- Cafés avec lecture de poésie
- Cafés - bibliothèque (avec lecture libre)
- Cafés avec musique à l'être vivant
- Autre _____

RÉPONDEZ AUX QUESTIONS 3.9 ET 3.10 SEULEMENT SI VOUS ÊTES RESIDENTS

3.9 QU'AIMERIEZ-VOUS QUE L'ON CHANGE DANS L'ANCIEN CINÉ-THÉÂTRE DANS UN FUTUR AMÉNAGEMENT

- Il maintiendrait les fonctions originales
- Autre _____

1.5. TOURISTE OU RÉSIDENT (appartenant à la comune)

- Résident
 - Dans le centre historique
 - Hors du centre historique
- Touriste/Visiteur

2. ASPECTS GÉNÉRAUX DU CENTRE HISTORIQUE

2.1. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS L'HYGIÈNE/ MANUTENTION DU CENTRE HISTORIQUE

- Très bien
- Bien
- Réglementer
- Insuffisant

2.2. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS L'INDICATION DES EQUIPEMENTS ET/OU MONUMENTS

- Suffisante
- Raisonnable
- Insuffisant

2.3. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS L'IDENTIFICATION DES MONUMENTS

- Suffisante
- Raisonnable
- Insuffisant

2.4. COMMENT CLASSIFIEZ- VOUS LA SECURITÉ, LE SOIR, DANS LE CENTRE HISTORIQUE

- Suffisante
- Raisonnable
- Insuffisant

2.5. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS L'ACCÈS AUX PERSONNES AVEC UNE MOBILITÉ REDUITE,

A) Dans le centre historique

- Suffisante
- Raisonnable
- Insuffisant

B) À l'intérieur des principaux monuments (musées, églises...)

Suffisante
 Raisonnable
 Insuffisant

2.6. DANS LE CENTRE HISTORIQUE IL Y A DES SERVICES DE RESTAURATION ET HOTELLERIES (QUANTITÉ ET QUALITÉ)

À peine en quantité
 En quantité et en qualité suffisantes
 Logement insuffisant
 Sans opinion

2.7. SERIEZ-VOUS D'ACCORD AVEC L'ARRÊT TOTAL DE LA CIRCULATION DES VÉHICULES DANS LES PRINCIPALES RUES DU CENTRE HISTORIQUE

Oui
 Non
 Sans opinion

3. FACTEURS CULTURELS QUI IDENTIFIENT LE CENTRE HISTORIQUE

3.1. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS LA DIVULGATION DES ÉVÉNEMENTS PRESCRITS PAR LA MAIRIE

Très bien
 Bien
 Raisonnable
 Insuffisant

3.2. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS LES ÉVÉNEMENTS PRODUITS DANS LE CENTRE HISTORIQUE

Bien
 Réglementer
 Mauvais
 Sans opinion

3.3. CONNAISSEZ-VOUS/ ÊTES-VOUS CAPABLE DE LOCALISER DANS LE CENTRE HISTORIQUE

Le groupe culturel Aquae Flaviae
 La bibliothèque municipale
 L'association artistes Tamagani
 L'archive municipal
 Musée
 Thermes

3.4. COMMENT CLASSIFIEZ-VOUS LA RECEPTION DANS LES ENDROITS QUE VOUS AVEZ VISITÉS

Très bien
 Bien
 Réglementer
 Insuffisant

3.5. AVEZ-VOUS REÇU TOUS LES ÉCLAIRCISSEMENT DEMANDÉS

Oui
 Non
 À peu près

3.6. INDIQUEZ TOUS LES SUPPORTS D'INFORMATION DISPONIBLES, DURANT VOS VISITES AU CENTRE HISTORIQUE

Textes d'appuis
 Légendes dans les pièces
 Illustrations et schémas
 Photographies
 Son (information audio complémentaires)
 Vidéo
 Projections audiovisuels

ANEXO I – Questionário em Inglês

Jorge Manuel Pinheiro Leite
Telm. 96 472 6446
mppc2010@gmail.com

The revitalization of the historical center of Chaves
Culture factor

Masterchips in
Planning and Management of Culture

Chaves, March 2010

PLANNING AND MANAGEMENT OF THE CULTURE

INQUIRY TO RESIDENTS AND TOURISTS OF THE HISTORICAL CENTRE OF CHAVES

The present inquiry is part of an academic study about the importance of the culture on the revitalization of the Historical Centre of Chaves. It is made with the purpose of the masterships in Planning and Promotion of the culture of the Potucalense Infante D. Henrique University in Oporto.

This project intends to find answers to the main question, "Which are the deficiencies cultural of the historical center of chaves determinant for the her revitalization?".

Its filling up is an easy as possible. In most cases it is only needed to put a cross in the option or options that best suits the tourist. In the other situations it is only needed to write in the correspondent fields.

Your answer is essential to the sucess of this project, so I appecciat your coloboration in first hand.

1. GENERAL INFORMATION

1.1. AGE GROUPS

- 30 - 40 YEARS
- 41 - 65 YEARS
- + 65 YEARS

1.2. NATIONALITY

- Portuguese
- Other _____

1.3. GENDER

- Male
- Female

1.1. ACADEMIC COMPETENCES

- Secondary studies
- Graduate
- Other _____

3.10. Do you think that the constitution of an Association to the promotion and development of the historical centre is essential?

- Yes
- No
- Without opinion

3.11. Do you consider Chaves a city culturally alive?

- Yes
- No
- Without opinion

3.12. ARE YOU A REGULAR USER OF THE THERMAS IN CHAVES

- Yes
- No

Only answer to question 3.13 if you answered affirmatively to the previous question.

3.13. WERE YOU SUGGESTED ANY CULTURAL ACTIVITY BY THE THERMAS TEAM

- Yes Whichone _____
- No

4. THE NADIR AFONSO FOUNDATION

4.1. DO YOU KNOW WHO NADIR AFONSO IS

- Yes
- No

Answer the following questions, only if you answered affirmatively to the previous question.

4.2. DO YOU KNOW THE PROJECT OF THE NADIR AFONSO FOUNDATION

- Yes
- No

4.3. DO YOU CONSIDER THAT THIS CULTURAL EQUIPMENT WILL BRING TO THE CITY CULTURAL BENEFITS THAT OTHERWISE COULD NOT BE IMPOSSIBLE TO OBTAIN

- Yes
- No
- Without opinion

3.7. ACCORDING TO THE PUBLICATIONS/EDITIONS PRODUCED TO THE HISTORICAL CENTRE, WHICH ONE DID YOU FIND AVAILABLE (DISTRIBUTION/SALE)

- Leaflet/Brochuresl
- Fotocopied text
- Rotery/Guide
- Catalogues
- Scientific studies
- CD-ROM
- CD-Áudio
- DVD vídeo
- Other _____

3.8. WHICH EVENTS WILL MAKE YOU USE FREQUENTLY THE HISTORICAL CENTRE

- Concerts
- Cinema
- Verbena
- Theatre
- Exhibitions
- Art galleries
- Open-air shows
- Painting/sculpture atelier
- Open-air art
- Thematic debates
- Recitals
- Historical walks organized by the historical centre
- Cafés with poetry reading
- Cafés - libraries (free reading)
- Cafés with alive music
- Other _____

Answer to questions 3.9 e 3.10 only if you are a resident

3.11. WHAT WOULD YOU LIKE TO BE DONE IN THE OLD THEATRE IN A FUTURE RENOVATION

- Keep the original functions
- Other _____

1.5. TOURIST OR RESIDENT

- Resident
 - In the historical centre
 - In the surroundings
- Tourist / Visitor

2. GENERAL ASPECTS OF THE HISTORICAL CENTRE

2.1. HOW DO YOU CLASSIFY THE CLEANING/MAINTENANCE OF THE HISTORICAL CENTRE

- Very good
- Good
- Regular
- Insufficient

2.2. HOW DO YOU CLASSIFY THE SIGNALS OF THE EQUIPMENTS/MONUMENTS

- Sufficient
- Acceptable
- Insufficient

2.3. HOW DO YOU CLASSIFY THE IDENTIFICATION OF THE MONUMENTS

- Sufficient
- Acceptable
- Insufficient

2.4. HOW DO YOU CLASSIFY THE SAFETY AT NIGHT IN THE HISTORICAL CENTRE

- Sufficient
- Acceptable
- Insufficient

2.5. HOW DO YOU CLASSIFY THE ACCESSIBILITY TO HANDICAPPED PEOPLE

A) Inside the historical centre

- Sufficient
- Acceptable
- Insufficient

B) Inside the main monuments: (museums, churches, ...)

- Sufficient
- Acceptable
- Insufficient

2.6. IN THE HISTORICAL CENTRE THERE ARE HOTELS (QUANTITY AND QUALITY)

- Only quantity
- In quantity and with quality sufficient
- Insufficient lodging
- Without opinion

2.7. DO YOU AGREE WITH THE CLOSING OF THE TRAFFIC IN THE MAIN ROADS OF THE HISTORICAL CENTRE

- Yes
- No
- Without opinion

3. IDENTIFICATION CULTURAL FACTORS OF THE HISTORICAL CENTRE

3.1. HOW DO YOU CONSIDER THE DIVULGATION OF EVENTS PROMOTED BY THE LOCAL COUNCIL

- Very good
- Good
- Regular
- Insufficient

3.2. HOW DO YOU CLASSIFY THE EVENTS PRODUCED ON THE HISTORICAL CENTRE

- Goods
- Regulares
- Bads
- Without opinion

3.3. DO YOU NOW/LOCALIZE INSIDE THE HISTORICAL CENTRE

- Aqueae Flaviae Cultural Group
- Local library
- Tamagani Artists Association
- Local archive
- Museum
- Thermes
- _____

3.4. HOW DO YOU CLASSIFY THE SERVICE IN THE PLACES YOU VISITED

- Very good
- Good
- Regular
- Insufficient

3.5. THE EXPLANATIONS ASKED WERE SUFFICIENT

- Yes
- No
- More or less

3.6. TICK THE INFORMATION AVAIABLE DURING THE VISITS YOU DID TO CULTURAL EQUIPEMENTS IN THE HISTORICAL CENTRE

- Support texts
- Legends in the pieces
- Illustrations and schemes
- Photos
- Audio information
- Vídeo
- Multimedia projection
- _____

ANEXO II - Rota das Igrejas



ROTA DO PATRIMÓNIO RELIGIOSO DE CHAVES

O Projecto específico “Itinerários turístico-culturais urbanos. Rota do Património Religioso – Chaves”, visa sobretudo reforçar a cultura como factor de desenvolvimento, tendo em conta a valorização do património da região através da promoção de uma rota turística.

137

Considerando que a criação de roteiros e rotas turísticas é hoje em dia uma necessidade de todas as autarquias que pretendem desenvolver o seu turismo cultural, sendo uma importante fonte de receitas para os concelhos e uma das formas de dinamizar, dar a conhecer e valorizar o Património Cultural nacional.

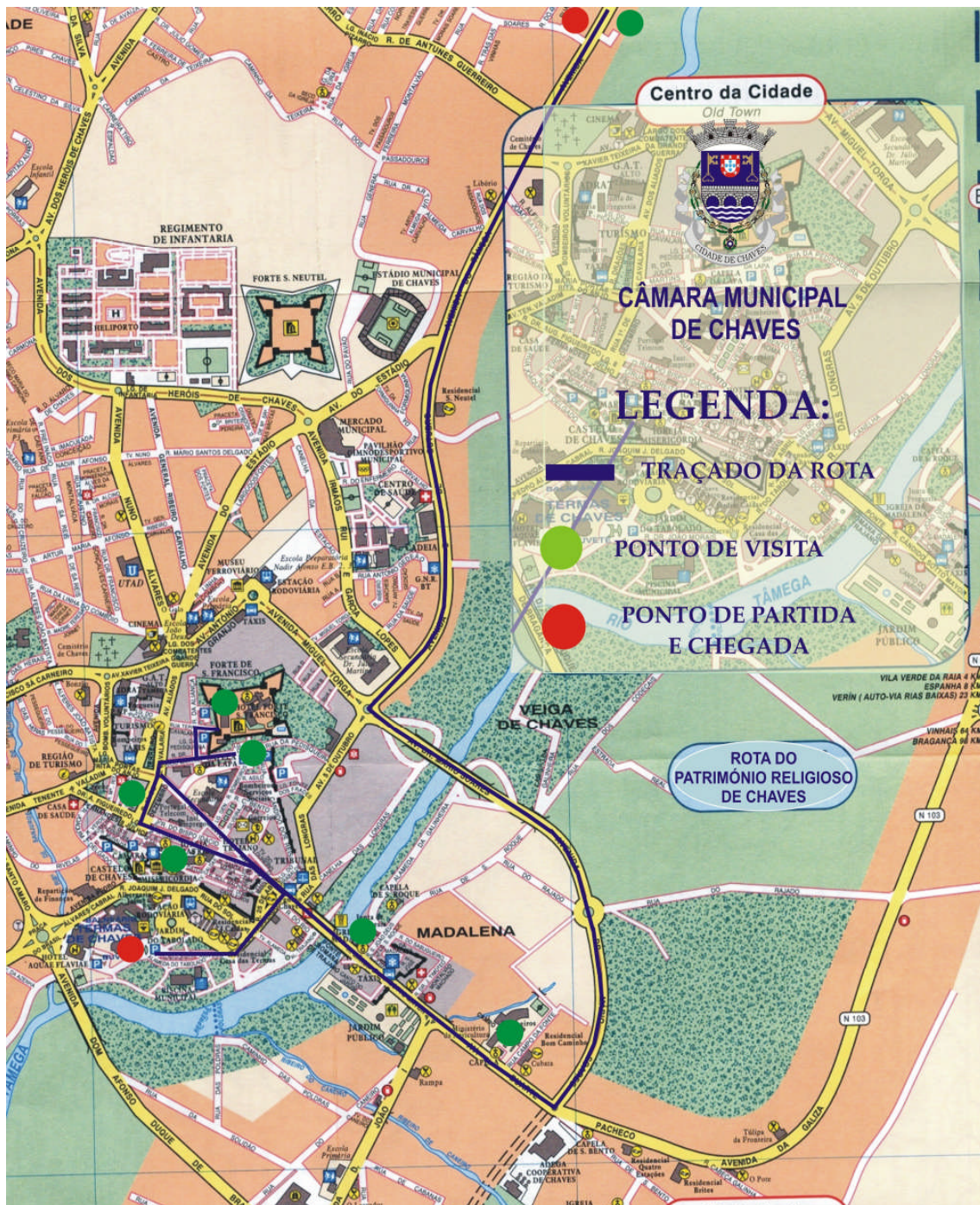
Tendo em conta que o próprio Património Cultural e a cultura crescem cada vez mais em importância na oferta turística como produto de eleição alternativo ao “sol e praia” e que cada vez mais a sua procura se intensifica, quer seja através do turista isolado, quer seja através de grupos organizados, a implementação e construção de itinerários turísticos ou rotas turísticas por parte dos organismos competentes, deve para tal ser premissa primária.

Como tal, é intenção da Câmara Municipal de Chaves, contribuir para o desenvolvimento desta premissa e para o crescimento das actividades culturais constituindo estas, um factor estruturante do tecido urbano e social com vista à redução das assimetrias regionais.

OBJECTIVOS

- Criação de uma rota turística cuja temática será *“O Património Religioso em Chaves”*
- Valorização do Património histórico-cultural numa perspectiva de desenvolvimento socioeconómico;
- Preservação dos valores intrínsecos dos bens patrimoniais, criando uma cultura comum de valorização patrimonial;
- Divulgação da Cultura junto das populações (estudantes, turistas, professores);
- Incentivar o Turismo Cultural, através da implementação de serviços de qualidade.

PERCURSO DA ROTA



Ponto de partida junto ao comboio turístico, no parque das caldas.

1ª Paragem	Praça de Camões
Tempo necessário	40/50 Minutos

Igreja Matriz

A Igreja Matriz de Chaves, dedicada a Santa Maria Maior, remonta ao tempo da formação da Nacionalidade, mas viria a sofrer grandes mutações no século XVI, sob o pano de fundo da estética renascentista. No seu solo estão sepultados os irmãos Rui e Garcia Lopes, cavaleiros que alcançaram a conquista definitiva de Chaves aos Mouros em 1160.

Arquitetura religiosa, românica / renascença. Portal românico da fachada principal e portal renascença do portal da fachada Norte.

Na fachada principal a torre apresenta pedras sigladas. O portal encaixado num plano recuado na base da torre é decorado com palmetas, o sextifólio e motivos geométricos evocam o período visigodo. As janelas onde se encaixam os sinos julgam alguns autores tratar-se de uma peça trazida de outro lugar pelo seu posicionamento no local: desalinhamento com a base, irregular colocação dos cachorros e assimetria das janelas do lado poente. Aparecem esculpidas serpentes nas pedras das paredes da torre. Nas costas do retábulo da capela-mor são visíveis três datas relativas provavelmente a reparações: 1839, 1893 e 1906.

A abside, poligonal, apresenta os seus ângulos apoiados por possantes contrafortes. Numa das suas paredes (nascente), no alto de um nicho escavado, repousa uma das mais antigas esculturas portuguesas – a padroeira Santa Maria Maior –, sobrepujada por duas gárgulas remanescentes do templo medieval.



Igreja Matriz de Chaves

Igreja da Misericórdia

Situada na Praça de Camões – coração da zona histórica da cidade de Chaves –, a Igreja da Misericórdia desta cidade nortenha é um edifício notável. A instalação da Misericórdia em Chaves apenas aconteceu depois de 1580. No entanto, a sua igreja só foi construída na segunda metade do século XVII, estando marcada por uma exuberante e harmoniosa estética barroca.

O acesso à igreja da Misericórdia é realizado por uma ampla escadaria. Proporcionalidade e harmonia ressaltam da fachada deste templo da segunda metade do século XVII, adoptando uma depurada gramática barroca. Os cunhais da frontaria são marcados por pilastras capituladas e em granito.



Igreja da Misericórdia

O andar térreo é aberto por três vãos de arco pleno gradeados, que estabelecem um pórtico inicial. Adossadas aos seus pilares estão quatro colunas espiraladas, de capitéis coríntios e assentes em pedestais decorados, esquema que se repete no andar superior e sobre um entablamento ressaltado, ladeando três janelas de sacada e de verga direita com balaustrada. A forte cornija é marcada por volumosos e bojudos pináculos, no meio dos quais se destaca um coroaento ladeado por aletas e volutas rodeando um nicho central com um baixo-relevo alusivo à glorificação da Misericórdia, sobrepujado por frontão curvo interrompido e encimado por cruz latina.

Sobre o átrio situa-se o coro alto. O corpo da igreja é de nave única, com as suas paredes valorizadas com o revestimento de azulejos do século XVIII, desenhando delineadas arquitecturas que enquadram episódios do Antigo e do Novo Testamento. Estes azulejos barrocos são atribuídos à oficina da família Oliveira Bernardes. O tecto da igreja está pintado

com uma Visitação, composição realizada em 1743 pelo pintor Jerónimo da Rocha Braga. A capela-mor expõe um grandioso retábulo de talha dourada, composição barroca do século XVIII, enquanto a sacristia guarda algumas pinturas de qualidade, nomeadamente uma tábua do século XVII e alusiva ao Purgatório.

Capela de N.ª. Sr.ª Loreto

Arquitectura religiosa, maneirista. Capela de planta longitudinal simples, com coro-alto. Fachada principal com cunhais apilastrados, remate em frontão e rasgada por portal de verga recta encimado por frontão, sobrepujado por pequeno óculo. Existência de sineira. Cobertura em falsa abóbada de berço abatido em caixotões pintados e retábulo de talha dourada barroco, de estilo nacional.



Capela de N.ª. Sr.ª Loreto

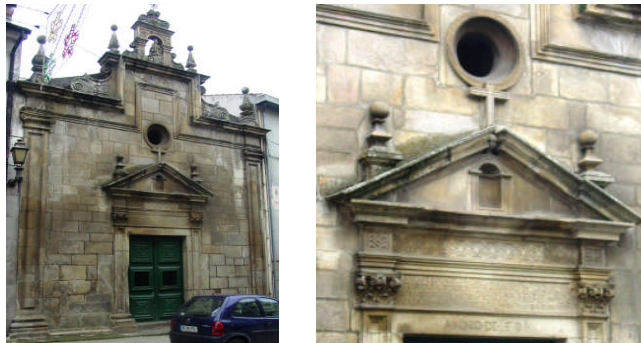
2ª Paragem	Rua 1º Dezembro
Tempo necessário	5/10 Minutos

Capela de St.ª. Catarina

Capela fundada em 1279 por *Lourenso Pires de Chaves* junto ao castelo da vila de Chaves. Posteriormente, mais concretamente em 1681, foi transferida para a sua localização actual. Fazia parte da Albergaria de S.ª Catarina, no lugar ocupado a anos a esta parte pelo supermercado Novo Sol. Ali funcionaram entre outras coisas, o Liceu Fernão de Magalhães e o Tribunal Judicial de Chaves.

Antes de 1681, esta capela deveria situar-se no Largo Caetano Ferreira, então conhecido como Toural. Apenas possui um altar em talha dourada, tendo uma imagem da padroeira, semelhante á de granito que se encontra emoldurada, no cimo da fachada desta capela.

O seu pequeno coro, apenas com o acesso dos lados da antiga Albergaria, era de uso exclusivo da família do Morgadio de Santa Catarina.



Capela de Santa Catarina

3ª Paragem	Largo da Pedisqueira
Tempo necessário	20/25 Minutos

Capela da Lapa

Arquitectura religiosa, barroca. Capela setecentista longitudinal, rectangular, de uma nave abobadada, com fachada rococó terminada em frontão contracurvado, portal de verga recortada, moldurado e decorado, lateralmente, com motivos vegetalistas, janelas rectangulares e óculo trilobado, ostentando no interior um retábulo de talha branca e dourada, neoclássico.

Capela com fachada principal em frontão contracurvado, com portal, janelas e óculo envolvidos por decoração vegetalista, de talhe algo geométrico. A coroa aberta sobre o óculo corresponde ao mesmo motivo decorativo que encima a moldura dos janelos, ainda que sejam mais estilizados. A decoração vegetalista que ladeia o portal é um excelente trabalho de canteiro, imitando padrões de talha. As cornija das fachadas Norte e Sul revelam, entre os cunhais da fachada principal e a pilastra implantada no terço final dos seus paramentos, uma pequena diferença formal com a restante cornija que percorre estas fachadas, indiciando uma alteração da fachada anterior da capela, em momento indefinido. Numa ombreira da porta da

sacristia, interessante caixa de esmolos, em madeira, pintada. A sacristia apresenta um lavatório de bom talhe, em arco pleno, concheado, sublinhado superiormente por cornija saliente, com torneira inscrita em motivo flordelisado e pia circular, estriada.



Capela da Lapa

Igreja de S. Francisco

Desde a Idade Média que a Ordem de S. Francisco tinha um convento na veiga de Chaves. Todavia, o local era húmido e alagadiço, não sendo propício à instalação e actividade dos frades. Por isso, no século XVI, acabaram por se mudar, passando o convento para o monte da Pedisqueira, onde existia já a capela de Nossa Senhora do Rosário. Aqui construíram o novo convento, próximo da antiga capela, a qual reconstruíram, transformando-a em igreja.

144

A guerra da independência travada com Espanha no século XVII impunha a necessidade de modernizar e acrescentar novas estruturas ao perímetro defensivo de Chaves, situação que foi levada a cabo no reinado de D. Afonso VI. Ao mesmo tempo, o Alto de Pedisqueira era um ponto estratégico na defesa flaviense e a sua posse podia significar a conquista da cidade transmontana. Assim, com a participação dos cidadãos locais, o Forte de S. Francisco começou a materializar-se em 1664, ficando concluído três anos mais tarde.

Desenhando uma planta quadrangular, reforçada por defesas angulares abaluartadas, as suas muralhas e fossos desenvolvem-se na extensão da cerca e igreja conventuais.

Durante séculos conviveram no interior do Forte monges franciscanos e militares. No principal túmulo da igreja esteve deposto por centenas de anos Dom Afonso, I Duque de Bragança, fundador da Casa Real de Bragança, filho bastardo de Dom João I e genro de Dom Nuno Álvares Pereira.

A intervenção do poder público, através da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) registou-se a partir de 1957, quando lhe foram promovidas obras de

conservação. Diversas etapas de consolidação, limpeza, desobstrução, reparação e reconstrução tiveram lugar nas décadas seguintes, até que, a 16 de Janeiro de 1989, o Forte de São Francisco foi cedido, a título precário, à Câmara Municipal de Chaves. Na segunda metade da década de 1970, as dependências do forte serviram como alojamento provisório para famílias retornadas das ex-colónias portuguesas na África. Hoje está transformada numa unidade hoteleira de quatro estrelas.



Capela de N.ª Sr.ª do Rosário

4ª Paragem	Madalena
Tempo necessário	5/10 Minutos

Igreja de S. João de Deus

Este templo data do século XVIII; foi construído no tempo de D. João V, que o apadrinou e o sustentou, motivo pelo qual o frontão da igreja ostenta as armas reais.

A igreja aglomera elementos neoclássicos e barrocos. Tem uma fachada muito altiva, a contrastar com a rua estreita e acanhada em que se focaliza, nas proximidades do rio Tâmega, na respectiva margem esquerda. O seu interior, não sendo muito grande, é airoso, por ser muito alto. É abobadado e encimado por uma lanterna que lhe dá luz. Tem uma só nave, de planta octogonal. No conjunto, esta antiga capela real, agora transformada em igreja paroquial, é muito bonita.

Foi originariamente designada por Capela de São João de Deus por ter sido erguida em anexo a um hospital militar, criado na Restauração e confiado à ordem dos Frades de São João de Deus. Neste hospital veio a funcionar mais tarde, já em finais de setecentos, a "Aula de Anatomia e Cirurgia de Chaves", a qual era uma das quatro escolas de cirurgia existentes em Portugal no reinado de D. Maria I.



Igreja de S. João de Deus

5ª Paragem	Outeiro Seco – Adro da Igreja
Tempo necessário	15/20 Minutos

Igreja da Nossa Senhora da Azinheira

Arquitetura religiosa, românica – gótica. Igreja românica de estrutura muito simples com nave e capela-mor quadrangulares e cobertura de madeira. O portal axial apresenta já uma organização gótica, embora as arquivoltas sejam de meio ponto, e as bases têm também recorte gótico. Os capitéis, cachorradas e o arco cruzeiro apresentam solução tardia.

Igreja de duplo eixo e formas irregulares. As paredes interiores conservam algumas pinturas a fresco dos séc.15 / 16 e dois retábulos de talha policroma de estilo rococó.



Igreja da Nossa Senhora da Azinheira

Final da rota com regresso ao parque das termas.

Tempo final previsto para a execução da rota, 2,30 horas (sempre sujeito a imprevisto).

ANEXO III – Tabela de valores Z

Distribuição Normal Standard



b	0,00	0,01	0,02	0,03	0,04	0,05	0,06	0,07	0,08	0,09
0,0	0,5000	0,5040	0,5080	0,5120	0,5160	0,5199	0,5239	0,5279	0,5319	0,5359
0,1	0,5398	0,5438	0,5478	0,5517	0,5557	0,5596	0,5636	0,5675	0,5714	0,5753
0,2	0,5793	0,5832	0,5871	0,5910	0,5948	0,5987	0,6026	0,6064	0,6103	0,6141
0,3	0,6179	0,6217	0,6255	0,6293	0,6331	0,6368	0,6406	0,6443	0,6480	0,6517
0,4	0,6554	0,6591	0,6628	0,6664	0,6700	0,6736	0,6772	0,6808	0,6844	0,6879
0,5	0,6915	0,6950	0,6985	0,7019	0,7054	0,7088	0,7123	0,7157	0,7190	0,7224
0,6	0,7257	0,7291	0,7324	0,7357	0,7389	0,7422	0,7454	0,7486	0,7517	0,7549
0,7	0,7580	0,7611	0,7642	0,7673	0,7704	0,7734	0,7764	0,7794	0,7823	0,7852
0,8	0,7881	0,7910	0,7939	0,7967	0,7995	0,8023	0,8051	0,8078	0,8106	0,8133
0,9	0,8159	0,8186	0,8212	0,8238	0,8264	0,8289	0,8315	0,8340	0,8365	0,8389
1,0	0,8413	0,8438	0,8461	0,8485	0,8508	0,8531	0,8554	0,8577	0,8599	0,8621
1,1	0,8643	0,8665	0,8686	0,8708	0,8729	0,8749	0,8770	0,8790	0,8810	0,8830
1,2	0,8849	0,8869	0,8888	0,8907	0,8925	0,8944	0,8962	0,8980	0,8997	0,9015
1,3	0,9032	0,9049	0,9066	0,9082	0,9099	0,9115	0,9131	0,9147	0,9162	0,9177
1,4	0,9192	0,9207	0,9222	0,9236	0,9251	0,9265	0,9279	0,9292	0,9306	0,9319
1,5	0,9332	0,9345	0,9357	0,9370	0,9382	0,9394	0,9406	0,9418	0,9429	0,9441
1,6	0,9452	0,9463	0,9474	0,9484	0,9495	0,9505	0,9515	0,9525	0,9535	0,9545
1,7	0,9554	0,9564	0,9573	0,9582	0,9591	0,9599	0,9608	0,9616	0,9625	0,9633
1,8	0,9641	0,9649	0,9656	0,9664	0,9671	0,9678	0,9686	0,9693	0,9699	0,9706
1,9	0,9713	0,9719	0,9726	0,9732	0,9738	0,9744	0,9750	0,9756	0,9761	0,9767
2,0	0,9772	0,9778	0,9783	0,9788	0,9793	0,9798	0,9803	0,9808	0,9812	0,9817
2,1	0,9821	0,9826	0,9830	0,9834	0,9838	0,9842	0,9846	0,9850	0,9854	0,9857
2,2	0,9861	0,9864	0,9868	0,9871	0,9875	0,9878	0,9881	0,9884	0,9887	0,9890
2,3	0,9893	0,9896	0,9898	0,9901	0,9904	0,9906	0,9909	0,9911	0,9913	0,9916
2,4	0,9918	0,9920	0,9922	0,9925	0,9927	0,9929	0,9931	0,9932	0,9934	0,9936
2,5	0,9938	0,9940	0,9941	0,9943	0,9945	0,9946	0,9948	0,9949	0,9951	0,9952
2,6	0,9953	0,9955	0,9956	0,9957	0,9959	0,9960	0,9961	0,9962	0,9963	0,9964
2,7	0,9965	0,9966	0,9967	0,9968	0,9969	0,9970	0,9971	0,9972	0,9973	0,9974
2,8	0,9974	0,9975	0,9976	0,9977	0,9977	0,9978	0,9979	0,9979	0,9980	0,9981
2,9	0,9981	0,9982	0,9982	0,9983	0,9984	0,9984	0,9985	0,9985	0,9986	0,9986
3,0	0,9987	0,9987	0,9987	0,9988	0,9988	0,9989	0,9989	0,9989	0,9990	0,9990
3,1	0,9990	0,9991	0,9991	0,9991	0,9992	0,9992	0,9992	0,9992	0,9993	0,9993
3,2	0,9993	0,9993	0,9994	0,9994	0,9994	0,9994	0,9994	0,9995	0,9995	0,9995
3,3	0,9995	0,9995	0,9995	0,9996	0,9996	0,9996	0,9996	0,9996	0,9996	0,9997
3,4	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9997	0,9998
3,5	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998	0,9998

Esta tabela fornece os valores $P(Z \leq b)$
 onde Z é uma variável aleatória que segue uma lei
 normal com média 0 a variância 1